

REVISTA DE CARNAVAL

2001

MANGUEIRA



Nossa receita de sucesso:

• Junte os melhores produtos de seguro do mercado.

• Acrescente uma parceria bem-sucedida com milhares de corretores.

• Adicione milhões de segurados satisfeitos.

• Complete, dando nome a esta receita:
Sul América Seguros.





Hoje, todo mundo reconhece a importância do trabalho do Projeto Tamar. Mais de 4 milhões de tartarugas-marinhas já foram levadas ao mar com segurança. É a Petrobras patrocinando este projeto desde 1982. Porque apoiar projetos ecológicos faz parte do compromisso que a Petrobras assumiu com a natureza e com a vida.

Ha 20 anos, você podia imaginar
que elas iriam virar qualquer coisa.
Menos tartarugas adultas.

penite

óculos

sopa

fivela

Esta é a sexta e última mensagem que dirijo a vocês na Revista de Carnaval da Mangueira na condição de presidente da nossa escola. Por isso estou muito emocionado e sentindo muita felicidade, porque sei que graças a um time enorme de colaboradores alcançamos os nossos objetivos.

Mas o sentimento mais forte é o da gratidão a todos os que me ajudaram nessa trajetória de dois mandatos. Afinal, para realizarmos as mudanças propostas em nossa plataforma da campanha de 1995 – cumpridas integralmente – foram necessários o apoio e a participação de muitos amigos, parceiros, madrinhas e padrinhos. Neste momento em que se aproxima o fim do meu mandato à frente da escola, quero agradecer do mais humilde dos funcionários aos mais destacados diretores que estiveram comigo nessa caminhada. Quero também destacar o grande apoio que a Mangueira recebeu por meu intermédio por parte de empresas e autoridades que sempre acreditaram no sucesso dos nossos projetos.

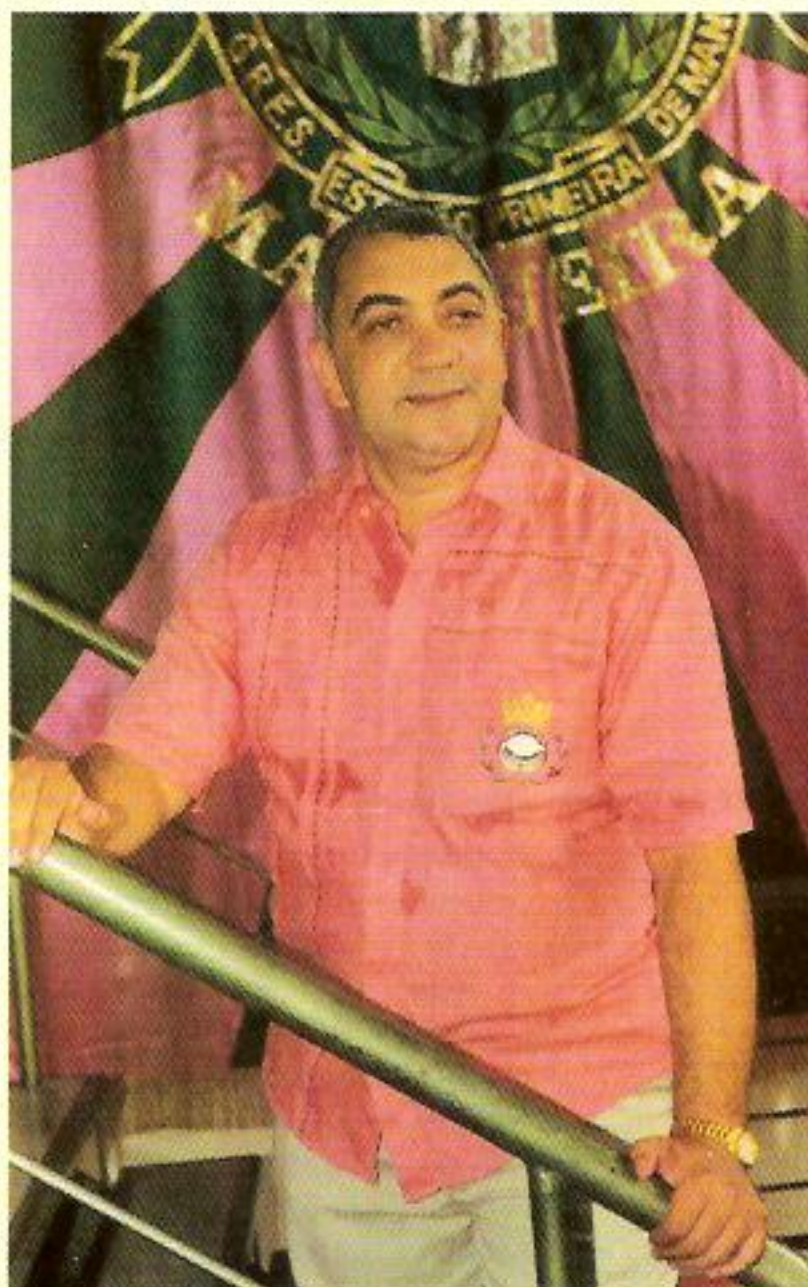
A Mangueira cresceu e, com certeza, a Mangueira mudou.

Graças ao nosso querido Papai do Céu, que sempre atendeu aos pedidos dos nossos grandes mestres – que já se foram e estão ao seu lado – bem como às orações dos nossos baluartes que continuam nos orientando com sua sabedoria, conseguimos fazer com que a Estação Primeira de Mangueira conquistasse o respeito de entidades e autoridades brasileiras e estrangeiras, projetando-se internacionalmente.

Nesse momento em que deixo o comando da escola, tomando-me apenas um soldado, quero pedir a todos os mangueirenses que mantenham a nossa família unida, com a convicção de que saberemos escolher para nos suceder aqueles que realmente estiveram sempre conosco, participando das conquistas, das perdas, das tristezas e das alegrias.

Um grande beijo no coração de todos os mangueirenses, com a certeza de que no próximo dia 26 de fevereiro a Estação Primeira de Mangueira fará um grande desfile, credenciando-se para a conquista do título do primeiro carnaval do milênio.

• ELMO JOSÉ DOS SANTOS



DIRETORIA DA MANGUEIRA

PRESIDENTE: Elmo José dos Santos
VICE-PRESIDENTE: Walter Martins de Miranda
SECRETARIAS: Eli Gonçalves da Silva (Chininha) e Margarida Jesuino da Silva
VICE-PRES. DE FINANÇAS: Elias João Richa Filho, Nilton de Oliveira e Márcio Garcia
VICE-PRES. DE PATRIMÔNIO: Edson Marcos Gaspar de Andrade, Telmo José dos Santos, Ednaldo Carlos de Souza Lima e Amauri Ribeiro Wanzeller e José Luiz
VICE-PRES. DE ESPORTES: Francisco Manoel de Carvalho
VICE-PRES. SOCIAL: Célia Regina Domingues
VICE-PRES. JURÍDICA: Alcyone Barretto
VICE-PRES. MÉDICA: Luís Carlos Caetano dos Santos e Nádia Pereira Christino
VICE-PRES. CULTURAL: Paulo Ramos, Terezinha Labruna e Fernando Antônio Guerra Peixe
VICE-PRES. DE PROJETOS ESPECIAIS: José Maria Guimarães Monteiro
VICE-PRES. DE EVENTOS: Álvaro Luiz Caetano, Osny Santos de Melo (Chuchu) e Guilherme Alexandre
VICE-PRES. DE DIVULGAÇÃO: José Manoel Lombardi Filho, Anésio dos Santos (Comprido), Alberto Miranda (Beto Fim de Noite) e Luiz Eduardo Bahiana
VICE-PRES. DE HARMONIA: Olivério Ferreira (Xangô), Sérgio Alberto Lucchesi, Edson Goes, Dilmo Ferreira e José Carlos Netto
DEPARTAMENTO FEMININO: Márcia da Silva Machado (Guezinha) e Suelly Moreira Ramos
ASSESSOR DO PRESIDENTE: Elso da Costa Santos
ASSESSORES DA DIRETORIA: Avelino Pacheco Filho, Carlos Alberto da Silva, João Carlos Alves dos Santos, Paulo Barros, Sebastião Ramos, Ubirajara da Silva, Ubirajara Maximino e Waldir José Claudino
ASSESSORES DA VICE-PRES.: Flávio José de Almeida, Marco Antonio Gomes e Milton Caetano



CONSELHO DELIBERATIVO

PRESIDENTE: Lomelino Ribeiro
VICE-PRESIDENTE: Moacyr Barreto da Silva Júnior
1º SECRETÁRIO: Heitor de Oliveira
2º SECRETÁRIO: Celso dos Santos Rodrigues

CONSELHO DE CARNAVAL

PRESIDENTE: Percival Pres
VICE-PRESIDENTE: Eli Gonçalves da Silva (Chininha)
MEMBROS: Alcyone Barretto, Amauri Ribeiro Wanzeller, Álvaro Luiz Caetano, Célia Regina Domingues, Edson Marcos Gaspar de Andrade, Elias João Richa Filho, Elmo José dos Santos, Francisco de Carvalho, José Maria Guimarães Monteiro, Margarida Jesuino da Silva, Moacyr Barreto da Silva Júnior, Nilton de Oliveira, Osvaldo Martins e Walter Miranda
CARNAVALESCO: Max Lopes

ADMINISTRAÇÃO DO BARRACÃO DE ALEGORIAS: Edson Marcos, Nilton de Oliveira

ADMINISTRAÇÃO DO BARRACÃO CULTURAL - PRAÇA ONZE: Osny Santos de Melo (Chuchu)

ALA DA BATERIA

PRESIDENTE: Gerson Lima de Oliveira
VICE-PRESIDENTE: George Teixeira Gomes (Bill)

VELHA-GUARDA DA BATERIA

PRESIDENTE: Waldir José Claudino
VICE-PRESIDENTE: Orlando Silva Cabral

ALA DOS COMPOSITORES

PRESIDENTE: Anésio dos Santos (Comprido)
VICE-PRESIDENTE: Rodemir Rodrigues Pereira (Rody)

ALA DAS BAIANAS

PRESIDENTE: Neuci da Silva Morais
VICE-PRESIDENTE: Apalaís Miranda Rosa

GRC MANGUEIRA DO AMANHÃ

PRESIDENTE: Terezinha Labruna

REVISTA DE CARNAVAL MANGUEIRA 2001

Uma publicação da ZMM Rio Comunicação e Marketing

CONSELHO EDITORIAL:

Elmo José dos Santos,
 Álvaro Luiz Caetano,
 Célia Regina Domingues,
 José Maria Monteiro
 e Cláudia Bensimon

COORDENAÇÃO GERAL: José Maria Guimarães Monteiro

PROMOÇÃO E VENDAS: Inserção - Desenvolvimento de Negócios

COORDENAÇÃO EDITORIAL:

Cláudia Bensimon
CAPA: Chico Caruso
EDIÇÃO: AllType Comunicação
COLABORADORES DESTA EDIÇÃO: Alexandre Medeiros, Gabriela Garcia, Henrique Brandão, Iesa Rodrigues, Luciana Conti,

Maria de Jesus Ribeiro, Rita Moreno, Rosane de Souza

INFOGRÁFICO: Fernando Alvarus

FOTOS: Vantoen Pereira Jr., Arquivo do GRES Estação Primeira de Mangueira: Jarso

PRODUÇÃO GRÁFICA:

Lucky Editora Artes Gráficas
FOTOLITO: Dressa Color

• ENREDO

Viaje pelo enredo da Estação Primeira e descubra porque ela é a essência do samba

6



• SHOW DE VERÃO 2001

Emoção e saudade marcaram o espetáculo no Rio e em São Paulo

38



• HOMENAGEM

Dona Neuma, a primeira dama do samba, exemplo e referência de vida para os brasileiros.

52



• PALÁCIO DO SAMBA

Coração da Verde e Rosa, a quadra é orgulho dos mangueirenses

66



• MODA

Verde e rosa: é chique, bonito e elegante.

78



• BATERIA

Única, inconfundível, diferente. Abram alas para a bateria da Mangueira.

87

ÍNDICE

- Palavra do Presidente 3
- Comissão de Frente 19
- Barracão 30
- Projetos Sociais 34
- Perfil 45 e 48
- Baluartes 62
- Comportamento 73
- Sambódromo 92

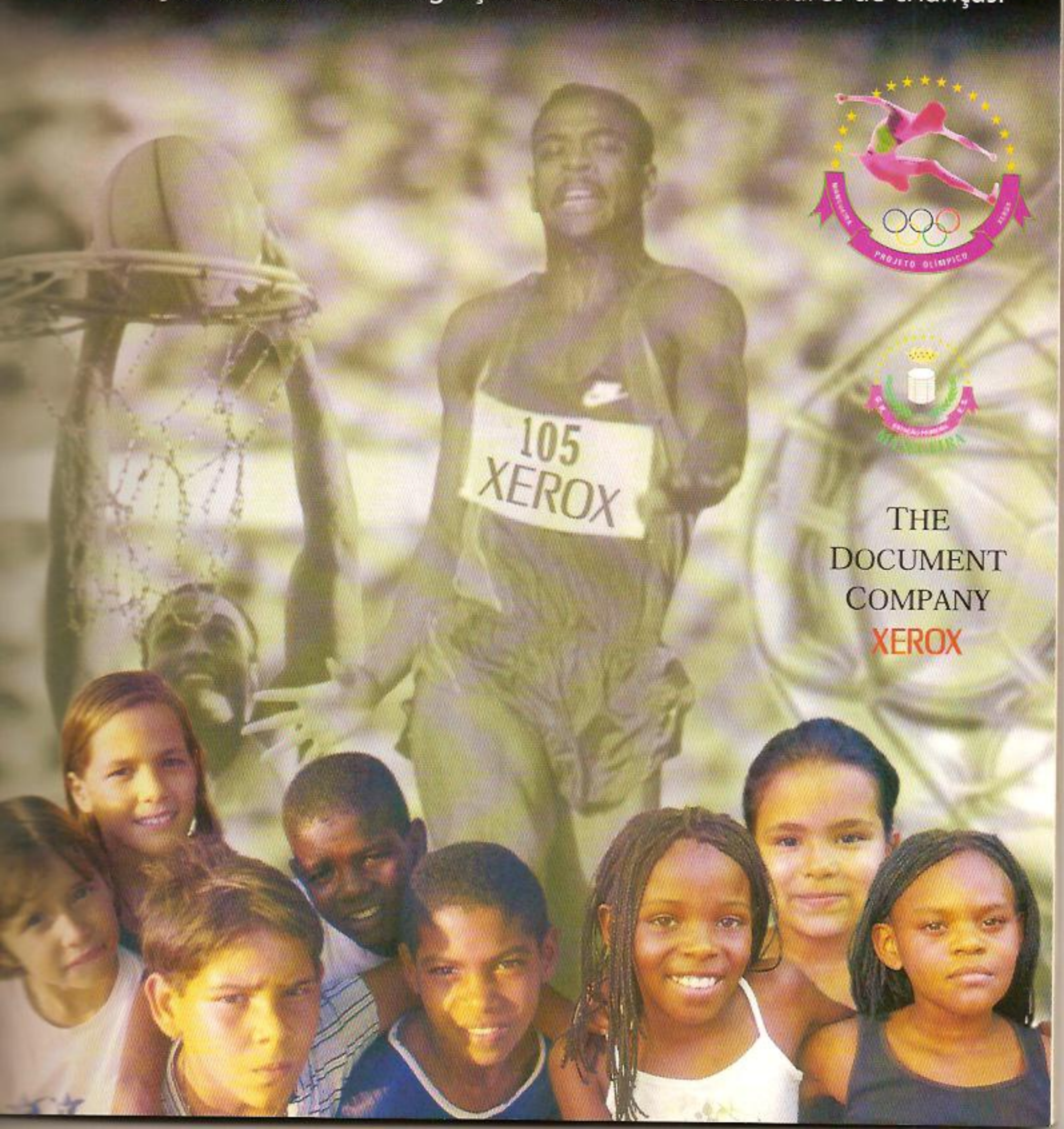
Instituto
Xerox
fixit

Aqui nascem
os campeões
do futuro

A XEROX e a Mangueira trabalham em parceria neste projeto decisivo para a formação do caráter e integração comunitária de milhares de crianças.



THE
DOCUMENT
COMPANY
XEROX



A Seiva da Vida

Eu sou a essência do samba
a minha raiz é de bambá
sou Mangueira
o tronco forte
que dá fruto a vida inteira



Se fosse para resumir em poucas palavras, ficaria mais ou menos assim: a verde e rosa vai levar à Marquês de Sapucaí a história do comércio, partindo dos fenícios e chegando à essência do carnaval, representada pela Estação Primeira de Mangueira. Mas assim não tem graça nenhuma.

Para explicar com mais fidelidade o que o presidente da Mangueira, Elmo José dos Santos, e o carnavalesco Max Lopes pretendem mostrar na Passarela do Samba, só mesmo embarcando com as palavras na viagem

que eles imaginaram com cores, luzes, formas, essências e sons. Aí ficaria mais ou menos assim: uma nau soberba parte de um porto fenício, às margens do Mar Mediterrâneo, em busca de novas conquistas. Feita de cedro – madeira que é a própria essência da vida para o povo fenício –, a embarcação avança mar adentro, com seus remos reluzentes decorados com esfinges, deixando para trás Canaã, a terra prometida.

A nau cruza os oceanos e vem dar na costa brasileira. Aqui, extasiados diante da exuberância da natureza tropi-

cal, os fenícios deixam registros de sua passagem, como as misteriosas inscrições no alto da Pedra da Gávea. Isso bem antes de Cabral, é bom que se diga. De Canaã, outras naus buscam novos destinos, cobrem todo o Oriente, alcançam o Ocidente, espalham pelo mundo a cultura fenícia e sua principal vocação: o comércio. Através dele, os povos trocam informações, ampliam seus horizontes, ingressam em uma nova era. No Brasil-Colônia, é a hora da volta dos fenícios, desta vez como mascates. São os turcos, os libaneses, os sírios, os judeus, os palestinos



Max vai mostrar na avenida as alegorias que representam a cultura fenícia

– grupos que hoje convivem em harmonia no Saara, no coração do Centro do Rio. E, no país do carnaval, todos se juntam para celebrar a alegria, sambando e cantando na avenida com a Mangueira – tal como o cedro para os fenícios, a essência maior do reino do samba.

Ficou melhor assim. O primeiro enredo verde e rosa do milênio – *A Seiva da Vida* – não deve mesmo ser resumido em poucas palavras. Seria um equívoco e uma injustiça. A história concebida pelo carnavalesco Max Lopes é uma epopéia digna de um daqueles memoráveis filmes produzidos em Hollywood por Cecil B. De Mille. “Há provas de que os fenícios estiveram no Brasil antes de Cabral”, diz ele.

Max sacramenta como fato histórico a presença dos fenícios no Brasil e leva à Sapucaí um carro abre-alas que representa a nau de cedro singrando os mares em direção ao paraíso tropical. A Nau Fenícia é uma alegoria impressionante: tem ao todo 37 metros de comprimento e dois tripés acoplados ao corpo principal. Max chama a atenção para os remos ricamente decorados e com movimentos compassados. “É o início da viagem”, diz ele, num convite. A partir daí, a Mangueira vai colocar na pista mais seis carros

e 29 alas bem divididas (cinco em média por setor de desfile).

O segundo carro da escola na avenida retrata o encantamento dos fenícios diante da beleza tropical brasileira. Brasil, fantástica natureza, é uma tela naturalista com muito verde e rosa, flores e frutos, efeitos de água e destaques seminus. Nas alas que se seguem ao carro, Max mostra toda a sua maestria no desenho de fantasias com motivos da flora e fauna brasileiras e o uso equilibrado de cores fortes. Cabe aqui, aliás, um registro do grau de envolvimento do carnavalesco com o resultado final de suas alegorias na pista. É muito comum, sobretudo nos dois meses que antecedem o desfile, a presença no barracão de modelos, manequins, atores, atrizes, sarados e saradas de forma geral. Vão em busca de um lugar de destaque nos carros, os mais focados pelas câmeras. Embora tenha uma equipe de assistentes encarregada de selecionar a turma e tirar medidas dos candidatos para compor as fantasias, é Max quem faz a seleção final. Ele numera os queijos – as plataformas circulares sobre a qual se equilibram os destaques – e entrega a cada selecionado um crachá com o número correspondente. Se alguém trocar de lugar, o homem vira uma fera. ▶



Depois da passagem pelo Brasil, o enredo aponta suas baterias para o Oriente. Há três setores inteiros dedicados à influência fenícia por lá. O terceiro carro, Inspiração Assíria, é uma referência à arquitetura grandiosa dos templos, com suas imensas colunas, e à arte da escultura. O quarto promete ser uma das gratas surpresas do desfile, uma alegoria digna de figurar numa daquelas produções hollywoodianas. A Construção do Templo do Rei Salomão terá como destaques atores de teatro que vão representar a confecção do fantástico palácio que o soberano mandou erguer para a sua amada Rainha de Sabá. O que

**A MANGUEIRA,
TAL COMO O CEDRO
FOI PARA OS FENÍCIOS,
É A ESSÊNCIA MAIOR
DO REINO DO SAMBA**

não faz a paixão? Coração invadido pela beleza negra da rainha africana, Salomão mandou construir como prova de amor o monumento em cedro – ele mais uma vez – com incrustações em ouro, bronze e diamantes. Max esconde o jogo, mas não consegue esconder um sorriso de satisfação: “Este vai ficar bonito.”

Afora a participação dos atores no carro do templo do Rei Salomão, Max não vai utilizar

recursos cênicos de impacto no desfile. Haverá outras intervenções cênicas pontuais, e uma delas com certeza vai arrancar aplausos da platéia – e assobios, no caso da ala masculina: a dança do ventre, uma sensual herança do Oriente entre nós. “Não teremos muito mais do que isso. Particularmente não gosto de alas com passos ensaiados porque, se fizer uso desse recurso em demasia, eu esqueço o samba. Claro que as encenações vão estar no desfile, até para ilustrar determinadas partes do enredo para a platéia. Mas poucas pessoas defendem com mais ardor do que eu o samba no pé”, faz questão de registrar Max Lopes.

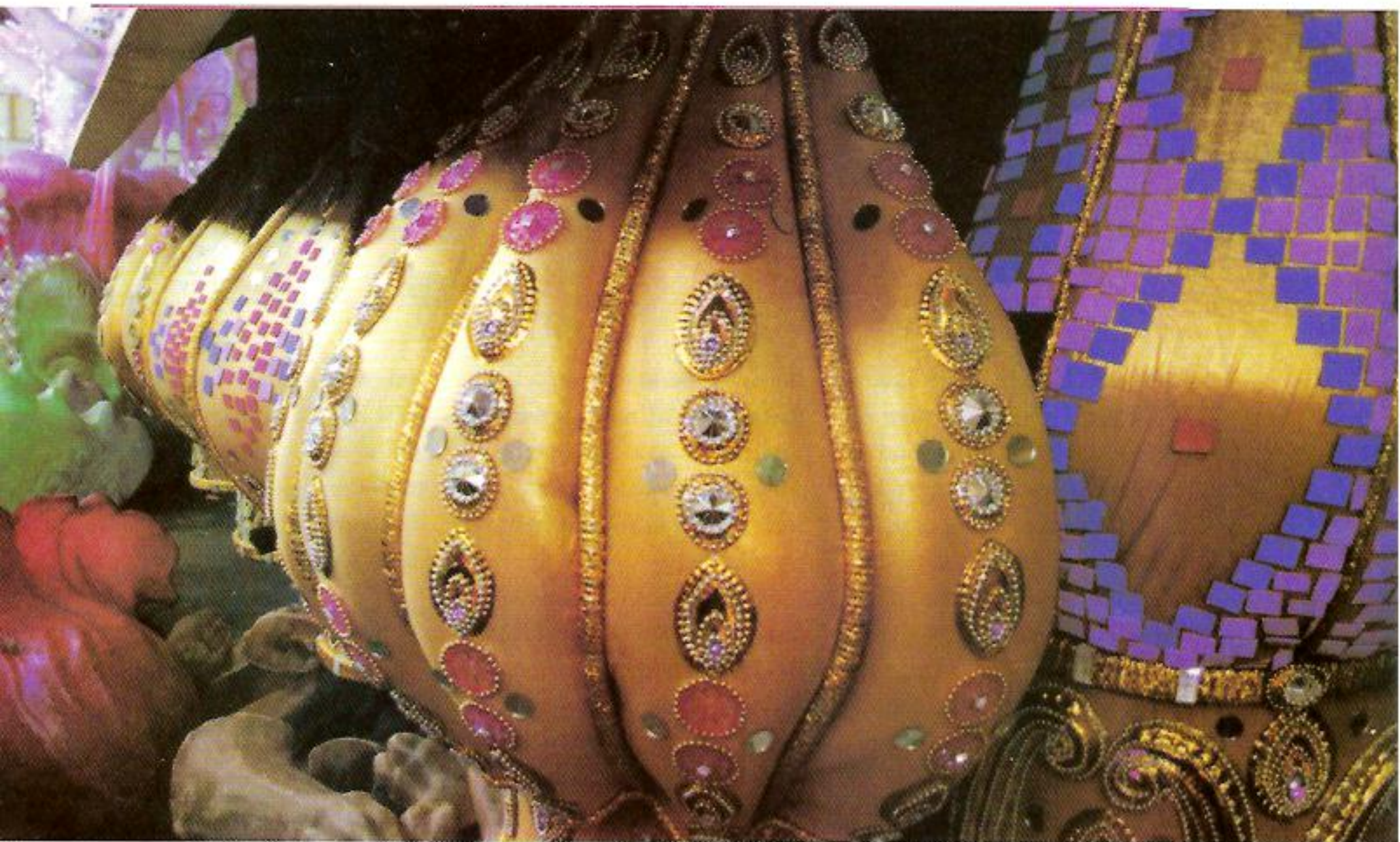
Yes, nós temos Max Nunes

Como bom tijucano e amante do samba, o carioca Max Lopes foi seduzido na adolescência pelos tambores do Salgueiro. Na quadra da escola, ao pé do morro, virou passista. E deu os primeiros passos na arte de construir um enredo guiado pelas mãos dos mestres Arlindo Rodrigues e Fernando Pamplona. Foi um aluno dedicado, atento, criativo. Até porque já tinha algo na bagagem para mostrar. Antes de bisbilhotar as pranchetas dos carnavalescos, intuindo que ali construiria seu futuro no samba, Max foi pas-

sista, presidente de ala e diretor do Salgueiro. “Eu vivia no barracão. Conheci por dentro o funcionamento das alas, desfilei muito antes de me meter a ser ajudante do Pamplona e do Arlindo. Isso me deu um grande conhecimento do conjunto de uma escola de samba”.

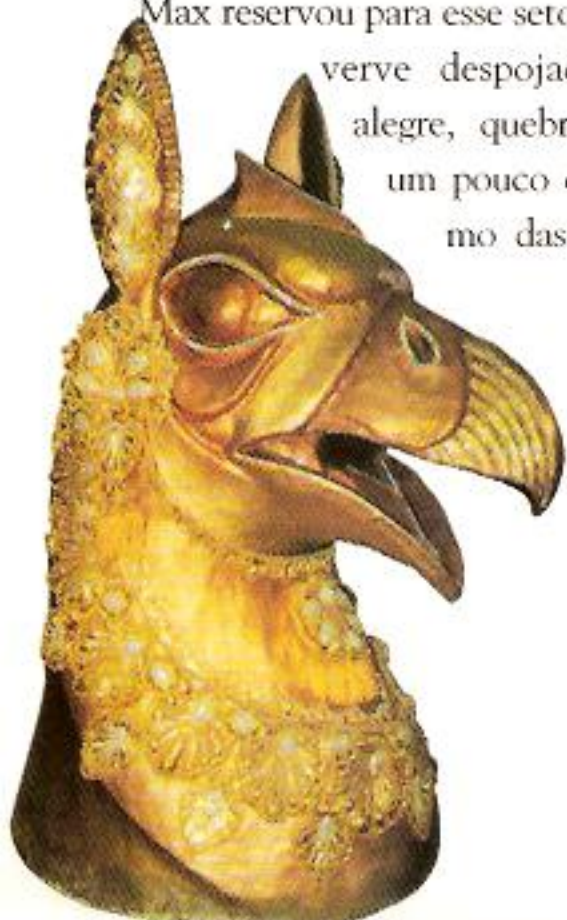
Botafoguense fanático, 50 anos, Max Lopes tem em seu currículo passagens pelas principais escolas do Rio. Só na Vila Isabel fez cinco carnavais (1985, 1986, 1987, 1995 e 1996). Já trabalhou na União da Ilha, na Estácio de Sá, na Viradouro e na

Unidos do Cabuçu – além, é claro, do Salgueiro dos seus tempos de aprendiz. Antes de voltar à Mangueira este ano, esteve dois anos à frente do carnaval da Grande Rio (1999 e 2000), levando a escola da Baixada Fluminense a um lugar de respeito entre as maiores do grupo de elite. Max coleciona títulos em sua carreira, mas alguns são dignos de destaque, como o de 1984 pela Mangueira (com *Yes, Nós temos Bragui-nha*) e o de 1989 pela Imperatriz Leopoldinense (*Liberdade, liberdade, abre as asas sobre nós*).



O quinto carro introduz uma parte do enredo com vários ícones do imaginário popular. A magia do Oriente tem como base os mercados de rua persas e a essência do comércio fenício: o cedro, a tinta púrpura, o vidro, os vasos utilitários, os tecidos.

Max reservou para esse setor sua verve despojada e alegre, quebrando um pouco o ritmo das fan-



tasias suntuosas e mais pesadas dos dois blocos anteriores do desfile. Vão passar pela avenida Aladim e o Gênio da Lâmpada, Ali Babá e os 40 ladrões, sultões e princesas.

O penúltimo carro, Mercadores e Mascates, marca o retorno dos fenícios, desta vez como mascates sírios, turcos, libaneses na época do Brasil-Colônia. Trazem na bagagem panelas, sementes, especiarias, tecidos. A saudável convivência desses povos no Saara, a zona comercial de rua mais famosa do país, é um dos pontos altos do setor. É também esta a mais forte referência ao Rio de Janeiro no enredo – sem contar, evidentemente, a própria Mangueira e o

requebro de suas mulatas, o contraponto de sensualidade tupiniquim à dança do ventre.

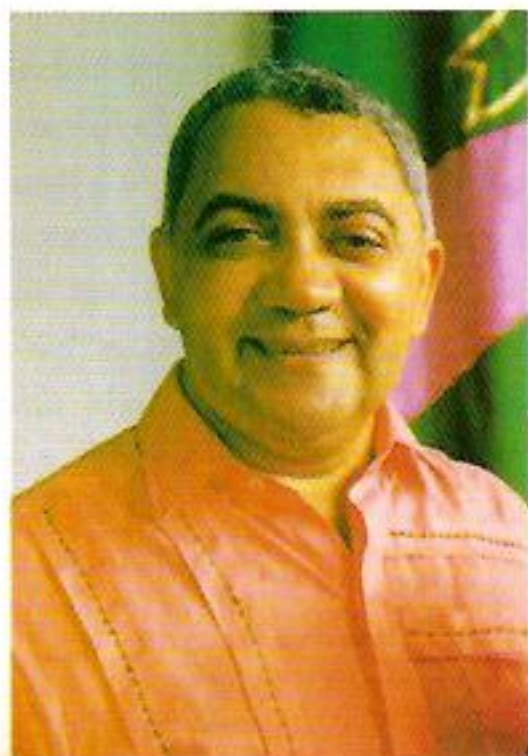
Do “cedro de boa cepa”, como define o carnavalesco em sua sinopse do enredo, a escola vai alcançar uma árvore frondosa, de sombra farta, raízes profundas e frutos generosos. É o talento da Mangueira fechando o desfile na Sapucaí. O último carro não poderia ter nome mais apropriado: A seiva do Carnaval. Sobre ele, 45 pessoas, sendo 22 baluartes da escola, representam a nata do samba verde e rosa. “O povo da Mangueira também vai ao Saara fazer compras mas, no carnaval, é ele quem vende um produto genuíno: a alegria”, resume Max Lopes. ■

O uso equilibrado das cores e a riqueza dos detalhes vão compor o desfile da escola

Semente e raiz

Ao fechar seu desfile com a Velha Guarda repleta de glórias, a Mangueira deixará na pista novas sementes para a história do samba. E fará uma homenagem especial a Dona Neuma, falecida ano passado, a matriarca da nação mangueirense. O presidente Elmo José dos Santos garante que será um tributo inesquecível: “o povo verá a Dona Neuma na passarela. Mas este é um segredo trancado a sete chaves. É um fecho de ouro para um enredo que tem tudo a ver com a Mangueira e a com a história de Dona Neuma”.

Para ele, Dona Neuma é uma árvore que espalhou frutos por toda a comunidade. “É a sua família está levando essa herança adiante, basta ver a Chininha, a Cici, a Guezinha e a neta Neuci, todas com cargos de direção na escola. O Max



Lopes foi muito feliz ao fechar o desfile com as nossas crianças, representando as sementes, e os nossos baluartes. É a própria seiva do carnaval”, acrescenta o presidente.

Elmo revela que o carnavalesco optou por contar a história do comércio fenício, tentando passar uma mensagem de paz. A escolha do cedro como a seiva da vida que dá nome ao enredo também foi estratégica. Madeira leve e de fácil manipulação, o cedro não foi apenas a matéria prima básica para a construção das embarcações fenícias. De aroma forte, foi a matriz dos primeiros perfumes. A Mangueira montou uma estrutura de empresa para fazer seu carnaval e isso se refletiu até mesmo no clima do barracão às vésperas do desfile. “Eu trouxe a minha equipe de confiança e aqui encontrei muito respeito por parte dos dirigentes”, afirma Max.

De fato, essa estrutura quase de fábrica – o trabalho é dividido, há pessoas responsáveis por cada área – foi montada pelo presidente da Mangueira, com o apoio dos demais dirigentes. “Isso permitiu que a escola fe-

chasse o mês de janeiro com 90% do seu carnaval pronto”, afirma um orgulhoso Elmo, antes de concluir mais vaidoso ainda: “Fevereiro foi um mês dedicado a testes e arremates”. ■

Cante com a Mangueira

Autores: MARCELO D'AGUIÁ, BIZUCA, GILSON BERNINI, CLÓVIS PE

Intérpretes: JAMELÃO, CLÓVIS PE E LUIZITO

Nos mares da poesia, naveguei
Cruzando as fronteiras do tempo
Eu aportei...nas terras de Canã
O povo fenício encontrei
Do cedro, construíam as embarcações
Banhando com sabedoria
Outras civilizações
E a expansão comercial,
Girou o intercâmbio cultural
Mistério! A Seiva da Vida
Chega ao país do carnaval

É prometida, esta terra!
Abençoado nosso chão
Onde a semente da paz é verde-e-rosa
E brota no meu coração

Da arte assíria, a inspiração
O rei mandou construir
O monumento ao amor
E à rainha negra ofertou
Tem mascates, troca-troca, gritaria
A dança do ventre até hoje contagia
Vou pro Saara comprar, no dia-a-dia
Descendo o morro
Vou vendendo alegria

Eu sou a essência do samba,
A minha raiz é de bamba
Sou Mangueira
O tronco forte que dá fruto a vida inteira



**Capitalizar o futuro
das pessoas
sempre dá samba.**

**Parabéns,
Mangureira!**

Nossa homenagem
a todos os seus projetos sociais.

Icatu
HARTFORD
Capitalização

Flogoral. Pra você não

Persistindo os sintomas, procure o seu médico.

 CAC - CENTRAL
DE ATENDIMENTO
A CLIENTES
TEL.: 0800 701 6900
cac@astamedica.com.br

perder o grito de carnaval.

Se a sua garganta não tá legal, Flogoral.
Agora com novos sabores: menta e cereja.



Uma gestão exemplar

Poucas vezes se viu exemplo melhor de ação conforme a pregação. O slogan da campanha de Elmo José dos Santos à presidência da Estação Primeira, em 1995, afirmava “Muda, Mangueira!” – e soava como um compromisso tão abrangente quanto difícil de ser cumprido. A amplitude do desafio poderia permitir, ao fim da gestão, que alguém garimpasse algum sinal, por insignificante que fosse, de imobilismo, para denunciar: “Achei!”, e exibisse o troféu – “Isso aqui não mudou!” Passados seis anos, não há garimpeiro com uma mísera pepita para mostrar.

A qualidade da gestão Elmo José dos Santos à frente da Mangueira é irrepreensível. Inovadora, foi revolucionária; agregadora, é exemplar.

Aos fatos.

A nação mangueirense andava meio desagregada, com figuras importantes de sua história afastadas da Escola, distanciadas por mágoas e ressentimentos. Elmo foi procurar um por um, pessoalmente, e deu-lhes a devida consideração. A começar por Carlos Cachaca, eleito Presidente de Honra. Elmo nomeou os Baluartes, feliz expressão a designar os mais idosos que doaram suas vidas à verde e rosa. Introduziu o busto de Cartola na sala de troféus, deu a cada espaço da quadra e a cada camarote o nome de um grande mangueirense e restabeleceu o culto aos fundadores, à raiz.

Além de promover a união e a concórdia, o novo ambiente resgatou a altivez, a auto-estima da família mangueirense. E as mudanças começaram a aparecer, percebidas por todos os sentidos. Quem olhou para cima viu erguer-se o terceiro andar da sede, com o auditório e o Centro de Memória; quem olhou para o chão viu uma limpeza de colégio de freiras – e, nos banheiros novos, um aroma de flores silvestres. Quem aguçou os ouvidos ouviu de novo a algazarra dos Arengueiros redivivos e, na quadra, o pagode de mesa a recordar velhos sambas imortais. Quem quis tocar com as mãos as realizações materiais pôde fazê-lo em todos os endereços, da quadra ao barracão de alegorias, da Vila Olímpica à Praça Onze; foram mais de uma centena de itens, todos palpáveis, todos para sempre. Finalmente, os mais exigentes paladares puderam saborear a magnífica vitória que foi o título de campeã em 1998, aquele do Chico das artes / um gênio / poeta Buarque / boêmio.

Nascido entre os surdos e tamborins que seu Tinguinha guardava zelosamente em sua própria casa, o garoto Elmo só poderia mesmo ter-se iniciado pela Bateria, para depois percorrer um a um todos os setores da Escola. Hoje até parece que essa peregrinação, levada apenas pelo amor à Mangueira, tenha sido um curso prático de Presi-

dente. O Elmo conhece cada canto, cada desvão da sua Escola, e não houve unzinho em que ele não botasse o dedo para melhorar, para limpar e deixar brilhando.

Danado, esse Elmo. Fora da Mangueira ainda vendeu e defendeu a Estação Primeira com uma competência de profissional. Aperfeiçoou o marketing, consolidou parcerias com empresas, institucionalizou o Show de Verão e levou à risca o lema “A Mangueira não pede ajuda, trabalha”. Como Vice-Presidente da Liga defendeu com unhas e dentes os interesses da sua Escola e conquistou o respeito dos seus pares.

Por tudo isso, o Elmo tornou-se uma unanimidade na Mangueira. “Esse rapaz é um talento”, disse-me certa vez Tia Neuma. Cada uma a seu modo, com suas próprias palavras, todas as pessoas que conhecem a história da Mangueira desde o início fazem coro com ela. Tia Zica, Mestre Delegado, Jameirão... não há uma única voz discordante.

Todos têm razão, e eu ousou acrescentar: o Elmo também soube montar o seu time e, com o carisma dos grandes líderes, comandou sua equipe como um maestro que escreve a partitura,

ensaia a orquestra e depois rege o concerto. Teve no Alvinho um spalla precioso, na Chininha uma adjunta afinadíssima e em Célia Regina uma solista perfeita. Aliás, sobre Célia cabe aqui uma observação à parte: uma mulher tão ativa, tão sensível e tão inteligente nem precisava ser tão bonita.

Pena que o Estatuto não permita uma segunda reeleição. Mas, já que a regra é assim, que seja cumprida. Alvinho e Chininha, que têm o apoio e a admiração de toda a Estação Primeira, com certeza saberão manter o ritmo e a harmonia.

Voltando ao Elmo, fica o exemplo – e uma reflexão: nós não temos mais o direito de errar. Cada um de nós, com sangue verde e rosa a correr pelas veias, sabe que este templo sagrado da cultura popular brasileira não pode dar nenhum passo para trás. O mínimo que cada mangueirense deve ao Elmo, como

reconhecimento por sua venturosa gestão, é o cumprimento do dever de seguir em frente. E o Elmo já apontou o caminho.

*Cada um de nós,
com sangue
verde e rosa a
correr pelas
veias, sabe que
este templo
sagrado da
cultura popular
brasileira não
pode dar
nenhum passo
para trás*

• JORNALISTA MANGUEIRENSE E AUTOR DE
QUATRO ENREDOS DA ESTAÇÃO PRIMEIRA

**NÃO DEIXE SEU
CARNAVAL ACABAR
ANTES DA 4ª FEIRA
DE CINZAS.**

Ao contrário do confete e da serpentina, dinheiro não cai do céu. Passe na Losango. Aqui você pega dinheiro emprestado e resolve a sua vida rapidinho. Ligue 0800-224252.

 **EMPRÉSTIMO PESSOAL**
Losango
Dinheiro que resolve.

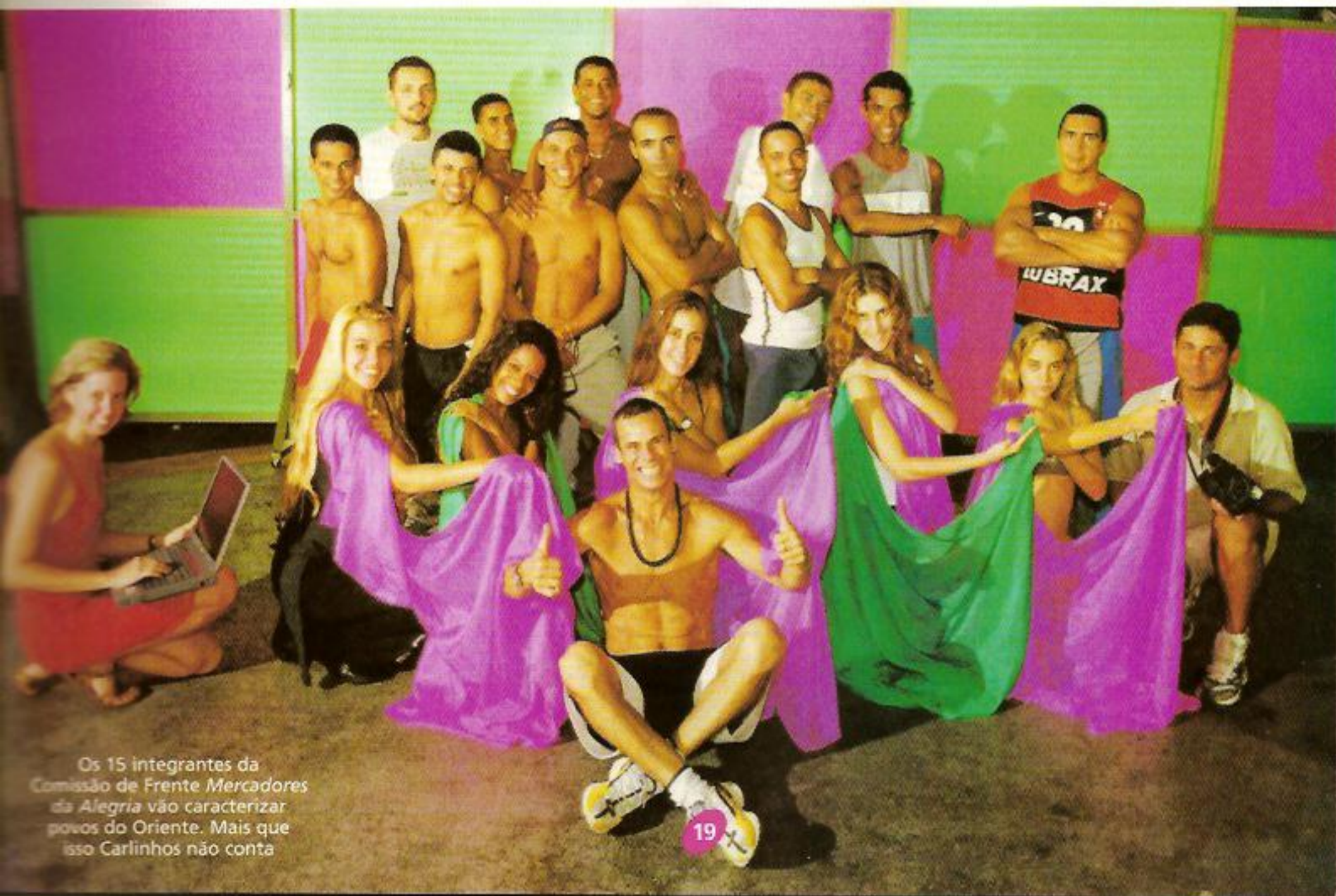
0800-224252

É 10!

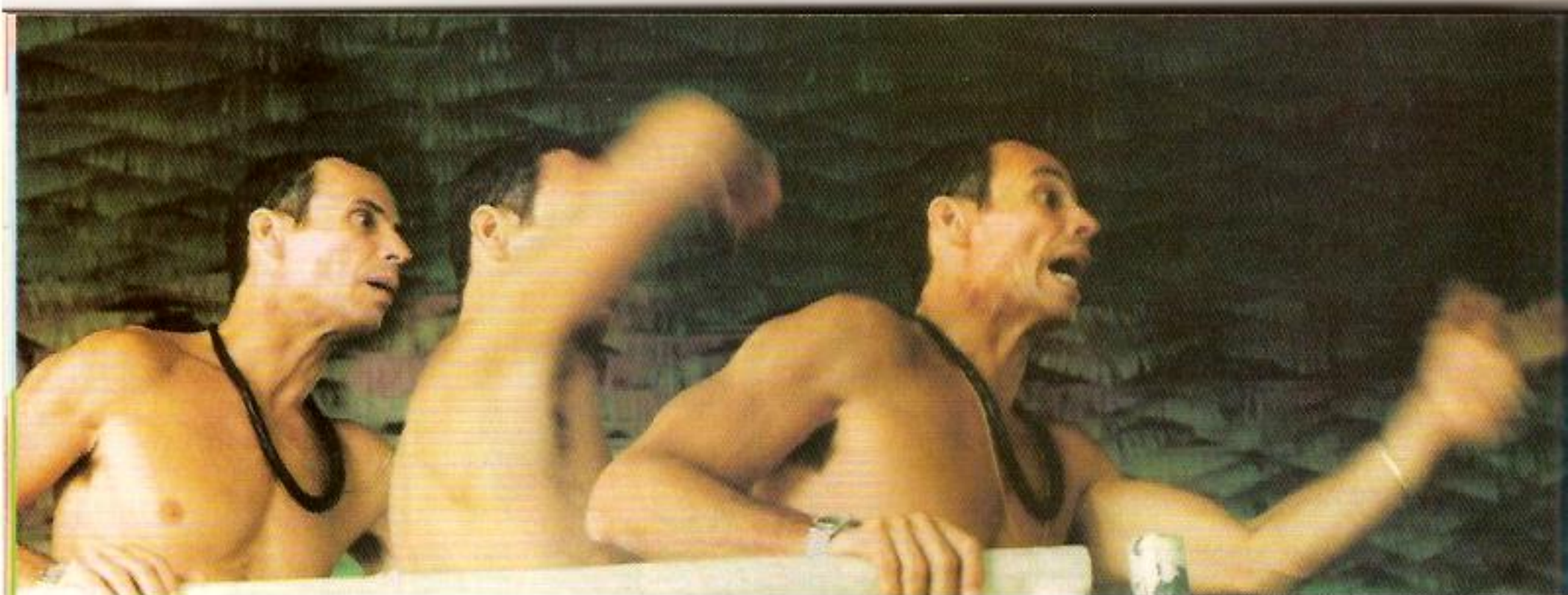
Uma pergunta vem logo à cabeça. Será que ele vai conseguir se superar mais uma vez? Carlinhos de Jesus dá um sorriso malicioso e desdenha: "Eu não estou preocupado com isso. Quero é fazer o melhor possível". Bom, que continue assim. Essa mania de fazer o melhor possível rendeu à Mangueira a

nota máxima em comissão de frente nos três últimos carnavais, em uma sucessão de surpresas e encantamentos jamais registrada na história do quesito nos desfiles das escolas de samba. Carlinhos está fazendo história mas, como bom malandro criado em Cavalcante, subúrbio da Linha Auxiliar, dribla com

humildade a expectativa geral de que este ano vai acrescentar mais uma nota máxima à sua coleção. "A nota 10 é consequência de um trabalho. E eu só penso no trabalho". Ao falar sobre o que preparou para a Comissão de Frente da Mangueira este ano, Carlinhos se emociona. "Acho que vou ►



Os 15 integrantes da Comissão de Frente Mercadores da Alegria vão caracterizar povos do Oriente. Mais que isso Carlinhos não conta



chorar antes de todo mundo quando entrar na avenida”.

Acostumado a garimpar as entranhas de um enredo em busca de um detalhe que possa servir de mote à sua criação, Carlinhos não precisou procurar muito desta vez. Em *A Seiva da Vida* está embutida a mensagem que o dançarino e coreógrafo de 48 anos quer levar ao público da Sapucaí: a de que no carnaval as desavenças desaparecem e é possível conviver em harmonia. Os 15 integrantes da comissão de frente *Mercadores de Alegria* vão caracterizar povos do Oriente. Os figurinos, preparados pelo arquiteto Alexandre Muruti, tentam reproduzir com fidelidade as vestes usadas por judeus ortodoxos, sauditas, turcos, libaneses, palestinos. A coreografia preparada por Carlinhos fará com que o judeu e o palestino, em guerra na vida real, sambem lado a lado no mundo da fantasia. “Não estou inventando nada, apenas levando para a avenida o que eu vejo no Saara.”

Como todo bom comerciante do Saara sabe, o segredo é a

alma do negócio. Por isso, Carlinhos não conta tudo. A coreografia está definida. Os mercadores, com seus trajes típicos, vão vender seus produtos na pista, como se estivessem em um tumultuado mercado de rua. Depois, vão partir para movimentos de convergência, simbolizando

JUDEU E PALESTINO, NA COREOGRAFIA DE CARLINHOS, VÃO SAMBAR JUNTOS

união e harmonia. As duas colunas de dançarinos, com sete integrantes cada, vão se entrelaçar. Há um momento em que, com as mãos, os mercadores vão representar uma pomba, mensagem de paz. Mas há dois segredos que Carlinhos não revela nem por decreto. Um deles é um efeito especial que está sendo preparado por um professor de Química da Universidade do Estado do

Rio de Janeiro (Uerj). O outro segredo é, segundo Carlinhos, uma alegoria, o que se constituirá no oitavo carro do desfile. Ela está sendo confeccionada com a consultoria de um especialista em efeitos especiais com serviços prestados em Hollywood. Ou seja, deve ser uma coisa de cinema.

Para chegar a esse grau de perfeição, o dançarino não poupa esforços. O grupo ensaia quatro horas por dia e pode estender essa carga se Carlinhos observar qualquer sinal de que a coreografia não está bem assimilada. Para isso, conta com um cinegrafista que filma todos os ensaios – e Carlinhos vê as fitas repetidas vezes, em busca de erros eventuais. A assistente Flávia Serran cuida de um laptop onde registra cada movimento criado em função dos versos do samba-enredo, todas as marcações, todos os detalhes. Ao todo, 23 pessoas integram o time, sendo 18 bailarinos. Um dos bailarinos merece destaque. É Cacau Mourão, um surdo que é um fenômeno na dança. “Ele escuta com o coração”, elogia o mestre. ■



Nós cuidamos bem
de tudo que você quer bem.

Consulte um Corretor de Seguros ou ligue 0800 701 8466

www.bradescoseguros.com.br



Bradesco Seguros

A Mangueira é a Mangueira

Certa vez tentamos explicar a dois turistas estrangeiros – daqueles que vão para a Sapucaí com camisas e colares havaianos, bermudas, chapuzinho de marinheiro, convencidos de que isso é o bastante para inseri-los devidamente na paisagem do carnaval carioca – o que vinha a ser a Mangueira. Tempo perdido. Que era uma escola de samba, tudo bem: eles entenderam. Esses turistas são mestres em enxergar o óbvio. Mas o que havia de especial naquela escola, a mística que a envolvia, a estranha força que carregava seus figurantes pelo chão quente da avenida e o que fazia deles, mais do que figurantes, cúmplices de uma mesma e compungida procissão em ritmo de samba, isso eles ficaram sem saber. Sentiram, mas não entenderam.

Mas não culpemos os dois turistas: nós é que não soubemos dizer por que a Mangueira é a Mangueira. Ou por que é ela a mais amada e reverenciada das escolas, a mais enaltecida pelos poetas, a mais cantada em letra e música de canção. Já escrevemos a respeito dessa incapacidade de definir a Mangueira, citando inclusive o verso de um de seus bardos, Hermínio Bello de Carvalho: “A Mangueira é tão grande que não cabe explicação”. Já que a incapacidade perdura, o verso fica guardado para o caso de os turistas voltarem aqui este ano e perguntarem de novo: “Que magia é esta?” Ainda mais quando souberem que milhares de bocas mangueirenses voltam a cantar um samba na primeira pessoa, como se

fosse a sua história, a sua experiência pessoal, a sua própria vida. Vida de todos e vida de cada um.

Turistas estrangeiros jamais entenderão o samba em geral e a Mangueira em particular. Teriam de mergulhar fundo num capítulo dramático da história cultural do Rio de Janeiro: aquele em que as populações negras – libertas mas desamparadas por um texto de lei – se viram forçadas a subir os morros cariocas para lá construir seus casebres e sua sobrevivência. Já ouvimos muita gente bem informada dizer que o samba nasceu na Bahia. Não mesmo. As sementes do que hoje conhecemos como samba podem ter sido plantadas na Boa Terra, mas o samba para valer, o melhor samba carioca, o que acabou dando origem às escolas e, por conseguinte, à Mangueira, este é carioca. Melhor dizendo: este nasceu no meio daquelas populações negras.

Tia Ciata? As demais baianas da Cidade Nova? Sinhô, Caninha, Freitinhas, Peru dos Pés Frios, Pixinguinha e seus batutas, a turma do samba que uma comunidade negra menos desamparada fazia por lá? Eram todos grandes, todos gente importante na genealogia da música popular do Rio de Janeiro. Mas seu samba era diferente, amaxixado, dançante, feito para animar arrasta-pés domésticos, com síncope própria e molho particular (ouçam a irresistível recriação de Jura, de Sinhô, na voz de Zeca Pagodinho). O samba que deu origem às escolas, este veio dos morros. Ao que parece, mais

especificamente do Estácio, bairro que se estendia ao pé do morro de São Carlos e cujos lendários compositores – Mano Rubem, Ismael Silva, Nilton Bastos, Bide, Nonô, Baiaco, Osvaldo Papoula, Brancura e tantos outros – deram forma ao samba mais melodioso, de notas mais longas, sem as síncopes dançantes, feitos para serem cantados ali mesmo, no morro, ou pela cidade, em desfiles... quando a polícia permitia. A primeira escola de samba, a lendária Deixa Falar, nasceu assim, no Estácio, há mais de 70 anos.

Mas o que tem isso a ver com a Mangueira? De que forma essa história tão antiga pode ajudar a explicar a magia verde e rosa? Talvez alguém, além dos dois turistas, não veja relação entre uma coisa e outra, mas é bom lembrar que os sambistas do Estácio, os que formataram o melhor samba carioca, circulavam muito pelo Rio de então. Acompanhavam o surgimento de outras escolas, levavam até lá a sua estética, trocavam informações com a gente do local e exerciam sobre ela uma forte influência. Daí o samba das escolas – Portela, Império, Salgueiro, Ramos e, claro, Mangueira – terem sido gerados sob as bênçãos, não da Cidade Nova, mas do Estácio.

Cordões carnavalescos como o Trunfos da Mangueira e o Guerreiros da Montanha, ou blocos como o dos Arengueiros, todos do Buraco Quente e arredores, foram dos primeiros a receber aquela influência. Muito porque a Mangueira era mesmo a primeira estação depois da gare Pedro II e, portanto, a escala inicial dos sambistas da cidade que se deslocavam na direção dos redutos

suburbanos. Acredita-se que bambas dos morros mais próximos ao mar – São Carlos, Gamboa, Favela – tenham chegado primeiro à Mangueira pela proximidade geográfica: em menos de dez minutos de trem já estavam lá. Heitor dos Prazeres, antes conhecido como Lino do Estácio, e o cigano Gradim, o descobridor de Jamelão, se incluíam entre eles. Visitando a Mangueira, se apaixonavam. Cartola era do Catete. Outros foram aderindo à região, Morro do Telégrafo e lugares afins. Outros mais já viviam lá, a família mangueirense crescendo: Carlos Cachaça, Nelson Cavaquinho, Babaú, Zé Com Fome, Mestre

Veldemiro, Saturnino, Ruço, Zé Criança, Aluísio Violão. E que família! Muitos brancos de outras paragens faziam questão de pertencer a ela, de Villa-Lobos a Noel Rosa, todos por bom motivo: samba.

Por que a Mangueira é a Mangueira, estação primeira, a número um entre as que fundaram seus blocos e sua escola inspiradas no melhor samba carioca, está explicado. Até os dois turistas são capazes de compreender. Já por que a Mangueira é a Mangueira, paixão transformada em magia, a mais querida, a mais amada, a mais enaltecida, a mais cantada, não só pelo morro, mas por toda a cidade, este é outro assunto. Tão grande que não cabe explicação. Mas reparem no samba deste ano, milhares de vozes na primeira pessoa. Vida de todos contada e cantada na passarela do samba como se, no fundo, no fundo, cada mangueirense do desfile fosse a própria Mangueira.

Milhares de bocas mangueirenses voltam a cantar um samba na primeira pessoa



No Carnaval, ninguém é de ninguém.
A não ser o Renault de quem ganhar o desfile.



LOWE LINTAS & PARTNERS

Foto apenas para fins publicitários. Os veículos Renault estão em conformidade com o PROCONVE - Programa de Controle de Poluição do Ar por Veículos Automotores. Cintos de segurança em conjunto com air bags salvam vidas. Se houver empate, as escolas vencedoras receberão um Renault Clio cada uma.

RENAULT

A Renault é tão brasileira que está patrocinando o Camarote Oficial da Liga das Escolas de Samba do Rio de Janeiro. Além disso, o Renault Clio é o carro oficial do Carnaval carioca e o Renault Scénic vai ser o prêmio da escola campeã. Renault. Sempre fazendo sucesso na avenida.

Informações Renault: 0800-555615 www.renault.com.br



A Mangueira é. E ponto.

Na primeira vez em que assisti a um desfile de escolas de samba, a Beija-Flor estava na crista da onda. Isso faz tanto tempo que ainda se usava a expressão “na crista da onda”. Só se falava no luxo, na riqueza, no deslumbramento que era a passagem da escola de Nilópolis pela avenida. Eu estava ali para ver a Beija-Flor. A escola não me decepcionou. Era mesmo luxuosa, rica, deslumbrante, mas... será que era só isso um desfile de escolas de samba? Será que era só isso que mobilizava tanta gente? Que mantinha tantos aficionados? Que despertava o ódio e o amor de apaixonados com o mesmo empenho das torcidas de futebol?

Só fui entender um pouquinho do que era a paixão pelo carnaval quando, depois da passagem da Beija-Flor, apareceu a Mangueira. Ela não estava nos seus melhores tempos. Críticos decretavam o fim da tradição. E a Mangueira daqueles tempos era só tradição. Nenhuma escola poderia concorrer com o poder da Beija-Flor. As que tentavam transformavam-se em caricaturas daquele luxo todo. A Mangueira, porém, não se dobrou. Vinha mais pobre do que nunca. Mas com uma altivez que dava coerência àquela festa. Só a passagem da Mangueira fez aquele novato de arquibancada entender o que era um desfile de escolas de samba.

No ano seguinte, o chifre da moda era a União da Ilha. Faz tempo também. Mas não tanto

tempo que dê para eu me lembrar do uso da expressão chifre da moda. Dizem que era muito empregada na época em que Dom João VI aportou na cidade com a família real e outros nobres portugueses. Enfim, contra o luxo da Beija-Flor, a Ilha pregava a criatividade e o bom gosto.

Lá estava eu outra vez tentando entender o novo carnaval. A Ilha passou e não me decepcionou. Era criativa mesmo. E provava que nenhuma

escola precisava gastar tanto quanto a Beija-Flor para acontecer na passarela. Mas... será que era só isso um desfile de escolas de samba? Tive que ver a Mangueira passar outra vez para entender porque aquela festa se repetia todos os anos.

Daí para frente, estive no Sambódromo por outros vinte e tantos carnavais. Não sou mangueirense. Torço – em que grupo for – pela Unidos de Vila Isabel. Respeito a competência da Imperatriz. Temo a disposição da Mocidade. Mas sei que não há carnaval sem a Mangueira na avenida. É a Mangueira, pobre ou rica, criativa ou vulgar, que dá sentido àquela coisa toda. Por quê? Bem, se o poeta já disse que a Mangueira é tão grande que não cabe explicação, não sou eu que vou explicar. Só sei que a Mangueira é. E ponto final.

Só a passagem da Mangueira fez o novato de arquibancada entender o que era um desfile

SIEMENS

JW Thompson

"Você conhece o Mário?"

Esse e milhares de trotes estão com os dias contados.
Chegou Euroset 805 C com identificador de chamadas*.



**Euroset
805C**

Dual Mode
DTMF e MFP

Disponível
nas principais
lojas e
magazines.

Registra
as 150 últimas
chamadas
recebidas/
efetuadas.

Agenda
alfanumérica
para
200 registros.

Avisa se ela
foi atendida ou
não e a duração
da cada chamada.

Continua
funcionando
mesmo quando há
falta de energia**.

Centro
de Suporte
ao Cliente:
0800 16 9001

www.siemens.com.br/ic

*O serviço de identificação de chamadas deverá ser solicitado à operadora local.
**Menos a função identificação de chamadas.

Mostra no display
o horário e a data
da chamada.



NÃO IMPORTA DE QUE LADO

Não importa o que você vai fazer neste Carnaval. O que importa é você ter pelo

CARNIVAL

Ninguém está livre da aids. Nem você!

DISQUE SAÚDE 0800 61 1997

Master



VOCÊ ESTÁ. USE CAMISINHA.

menos uma camisinha sempre à mão. Só ela protege você do vírus da aids.



**MINISTÉRIO
DA SAÚDE**



BARRACÃO

Adelmo e sua equipe, responsáveis pela Ala das Baianas

Nunca aos domingos

O último carnaval foi um divisor de águas no barracão da Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira. Depois dos problemas ocorridos com o carro número 5, o presidente da escola Elmo José dos Santos e os doze integrantes do conselho de carnaval decidiram mudar o seu funcionamento. Nascido e criado em Mangueira, o engenheiro Edson Marcos Gaspar de Andrade aceitou o desafio de implementar uma nova política de trabalho dentro do barracão. "Acabamos com toda a estrutura do carnaval passado", revela Edson.

A nova estrutura exigiu a contratação de um excelente profissional, Jorge Mendes Tourinho, que ficou com a responsabilidade dos serviços de ferragem e carpintaria do barracão.

Para que a mudança desse certo, um diagrama com planejamento minucioso foi colado na parede. Os 20 itens mostram que o novo barracão agora usa modernas técnicas de gestão empresarial. Todas as etapas para pôr a Estação Primeira na avenida são individualmente especificadas e têm data certa para serem resolvidas. A contratação do carna-

valesco, por exemplo, começou a ser feita no dia 13 de março de 2000, apenas uma semana depois do carnaval. Desmonte de carros alegóricos, projetos artísticos, ferragens, borracharia, escultura, pintura, decoração, atelier de fantasias são alguns dos itens acompanhados num cronograma com marcação de cores variadas, para comprovar o cumprimento das metas no prazo.

A organização da planilha também mudou o comportamento dos funcionários do barracão. "Sabíamos que muitos iriam ter dificuldades para acei-

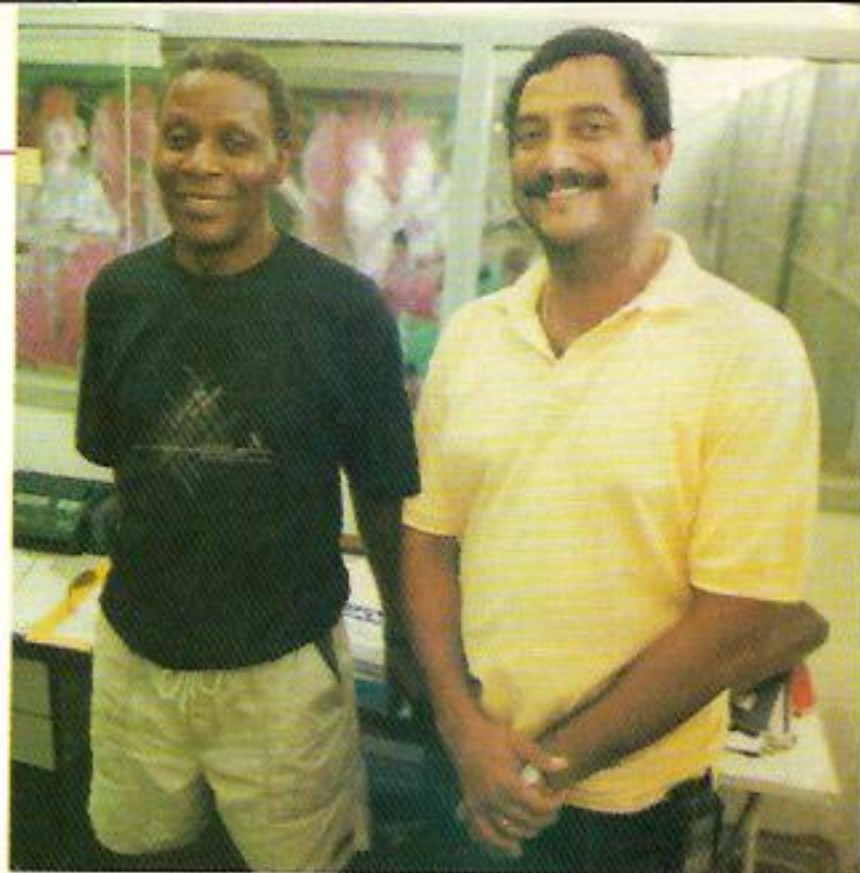
tar a mudança”, diz Edson, hoje em perfeita sintonia com seu time: “Estamos colhendo os frutos do nosso trabalho”.

Mesmo sem querer alardear o novo esquema empresarial implantado no barracão, todos na Mangueira já se renderam à novidade. O barracão verde e rosa tem horário de trabalho e folga durante os fins de semana. Um luxo para uma escola do Grupo Especial a pouco mais de um mês do Carnaval. “Trabalhamos de segunda a sexta das 8h30 às 21h30, alguns sábados, mas nunca aos domingos”, afirma Edson com orgulho.

Basta percorrer o barracão para descobrir que a maioria das pessoas que trabalha por lá está mais do que satisfeita com a novidade. “Para nós está sendo

muito melhor. Temos mais tempo para desenvolver o trabalho e isso aumenta muito a qualidade”, comemora José dos Reis Vasconcelos, o Pará, que trabalha há seis anos com fibra no barracão da Mangueira. Este novo formato do barracão acabou também com um dos principais obstáculos enfrentados pelos funcionários: o prazo de entrega. “Comprovamos este ano que o planejamento é a alma do negócio”, aprova Adelmo Silva Santos, o responsável pelas fantasias das alas das baianas e baianinhas.

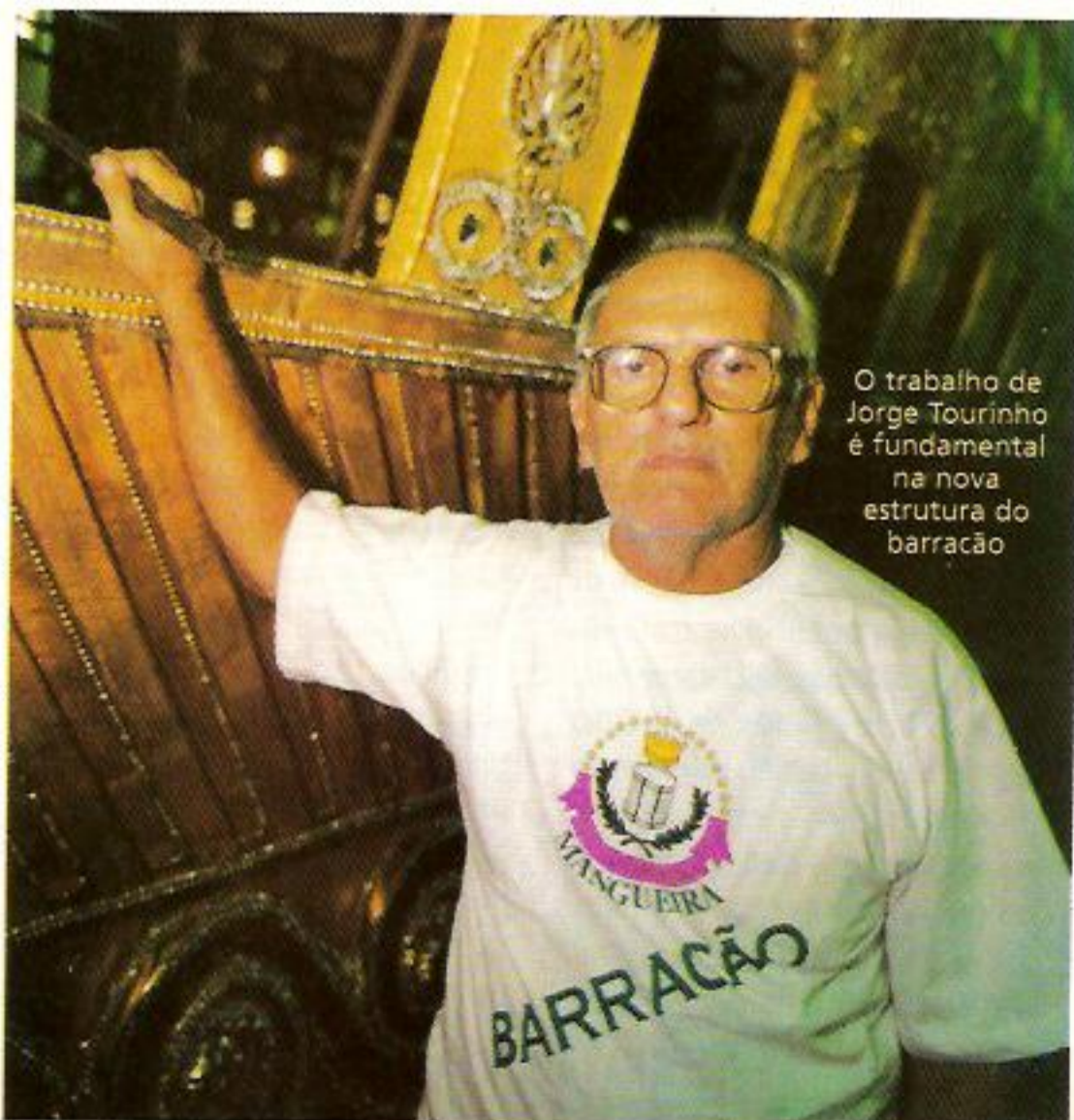
A informática é outro trunfo mangueirense. Com um correio eletrônico, os gerentes do barracão Edson Marcos e Nilton de Oliveira, se comunicam com o Palácio do Samba, a



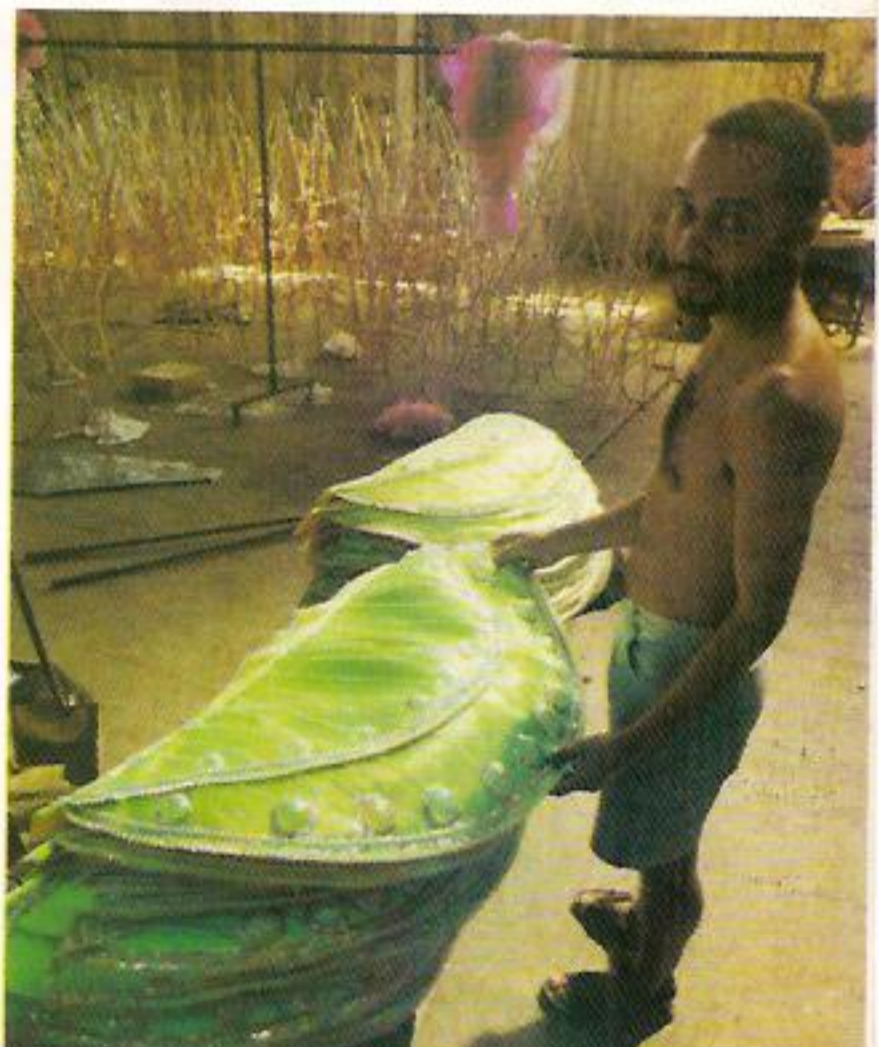
Nilton e Edson gerenciam a moderna estrutura do barracão da Estação Primeira de Mangueira



José dos Reis Vasconcelos, o Pará, elogia o novo ritmo de trabalho: “Está muito melhor”

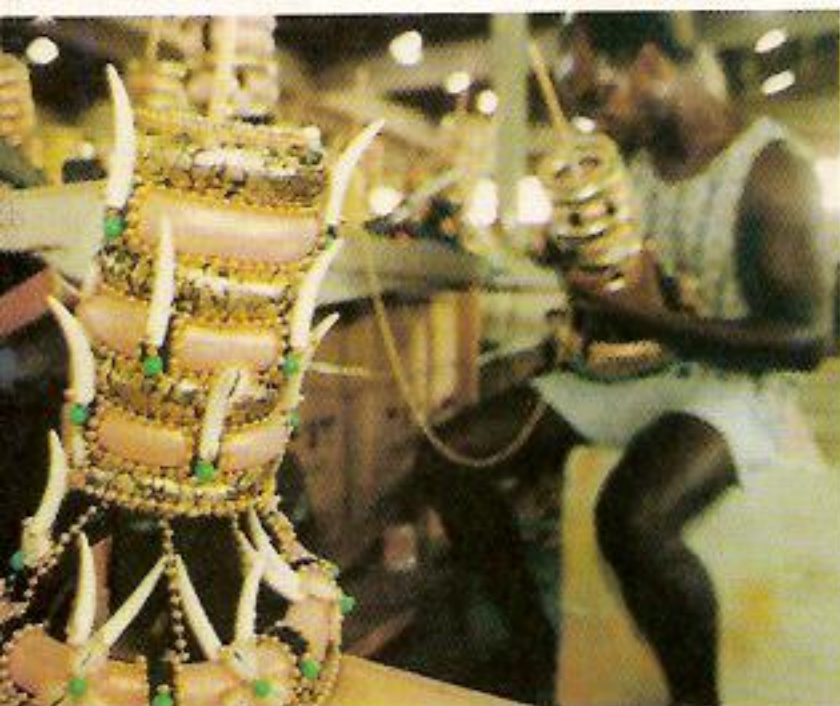


O trabalho de Jorge Tourinho é fundamental na nova estrutura do barracão





O trabalho minucioso faz a diferença na avenida. Por isso, o desfile é construído nos mínimos detalhes.



Vila Olímpica e o escritório central. Além disso, eles têm à disposição um scanner e duas impressoras. Com este material é possível produzir plantas para dividir melhor o espaço do barracão. Esse cálculo dos espaços é essencial na hora da construção dos carros alegóricos. Neste ano, por exemplo, o carro abre-alas tem 37 metros de comprimento. "Num caso desses precisamos saber por onde ele sairá para a avenida e calcular o espaço necessário para que

os operários trabalhem nele", explica Edson.

Mas quando o assunto são pendências ou pedidos de compras, a informática cede lugar ao bom e velho caderno de recados. Como é impossível coordenar os pedidos de sete carros e 29 alas, tudo que precisa ser comprado, resolvido ou até mesmo algumas reclamações é anotado no caderno. "Para compras de material este método tem dado super certo", relata Edson. ■

A Magia do barracão

Paetês, placas de acetato, tecidos variados, cola, plumas e muita paciência. Esta é a fórmula mágica que transforma um protótipo nas fantasias que iluminam as 29 alas da Estação Primeira de Mangueira. Para os 300 componentes da bateria verde rosa, por exemplo, são produzidos 225 mil botões – sendo 120 mil turquesa, 58 mil da cor preta e 47 mil dourados – para serem bordados na fantasia. A mesma ala gasta 6 mil metros de fio de paetês e 650 símbolos egípcios fixados nas fantasias.

Os números impressionam ainda mais quando se trata da ala das baianas e baianinhas. Serão 70 mil flores de quatro camadas de papel importado produzidas por alunos do curso de adereços que funcionam na quadra da escola. As flores serão divididas entre as fantasias das 180 baianas e as 60 baianinhas. Um requinte tra-

balhoso mas quando se trata de Mangueira é feito com paciência e perfeccionismo. "Trabalho como este é um desafio que vale a pena", conta Adelmo Santos responsável pelas fantasias das duas alas.

Para confeccionar as 1200 fantasias produzidas dentro do barracão, seis grandes mesas de madeira foram distribuídas no segundo andar e até oito pessoas trabalham em cada uma delas. São mulheres e homens, jovens e velhos que transformam as varinhas de madeira e chapéus na ala da comunidade e aplicam mais de 46 mil placas de acetato em fantasias. Não é raro escutar algumas conversas empolgadas entre os artesãos sobre o efeito que a fantasia causará na avenida. "Quando bater a luz, essa ala vai brilhar", comenta José Santos que ensaia uns passos ao som de uma bateria imaginária.

Ourocap. O título de capitalização que garante um futuro até para quem não compra.

Disponível nas Agências

 **BANCO DO BRASIL**

Desde 1999 a Brasilcap apóia, como Empresa Mantenedora, o Projeto Oficinas Profissionalizantes da Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira. A Mangueira desenvolve, há 14 anos, inúmeros projetos sociais, culturais, educativos e profissionalizantes em sua comunidade e, com eles, já atendeu mais de 50.000 pessoas. Temos orgulho de fazer parte desta história. Porque melhor do que ter um produto de qualidade é poder contribuir com um projeto a serviço da comunidade.

Ourocap

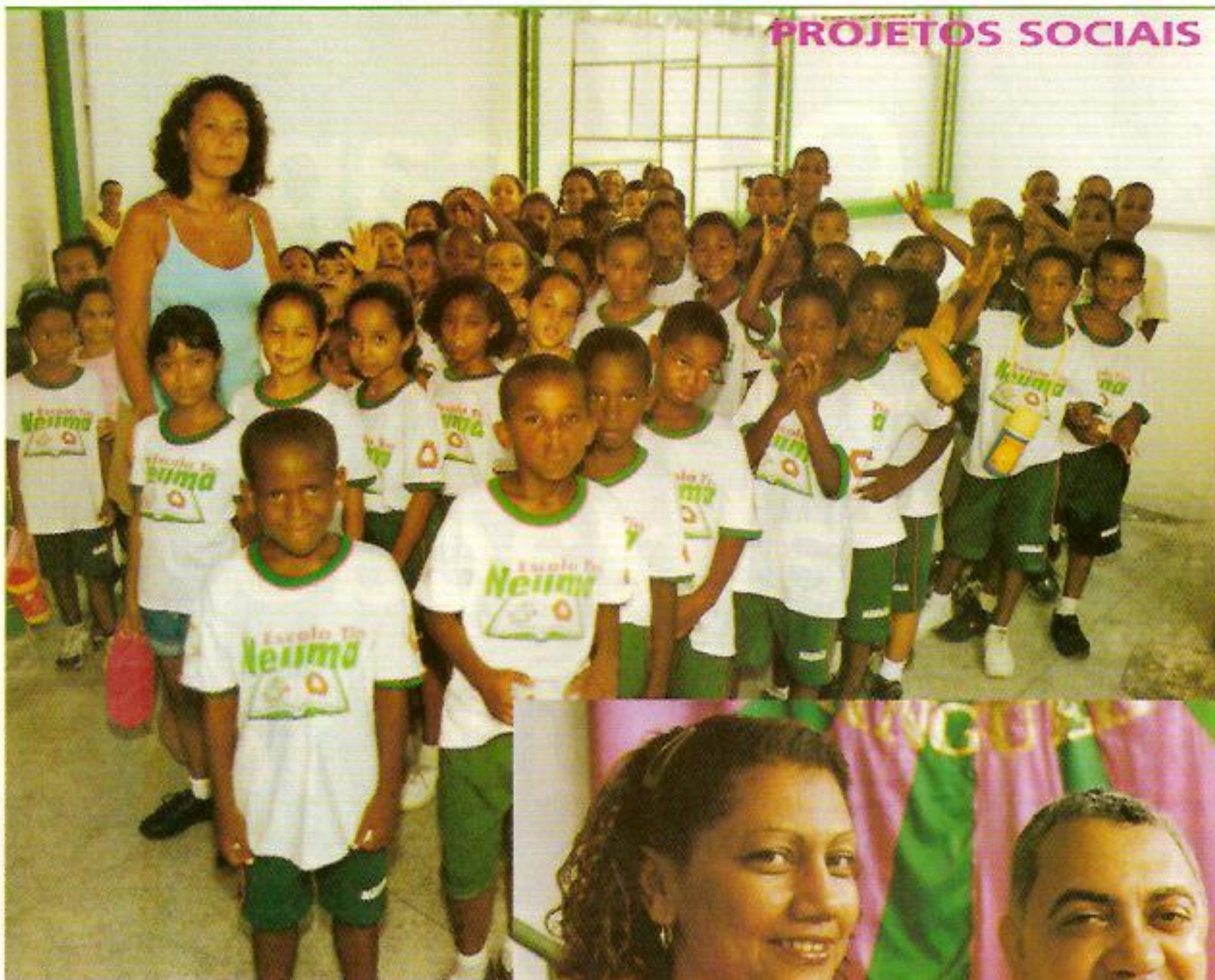
BRASILCAP

www.brasilcap.com

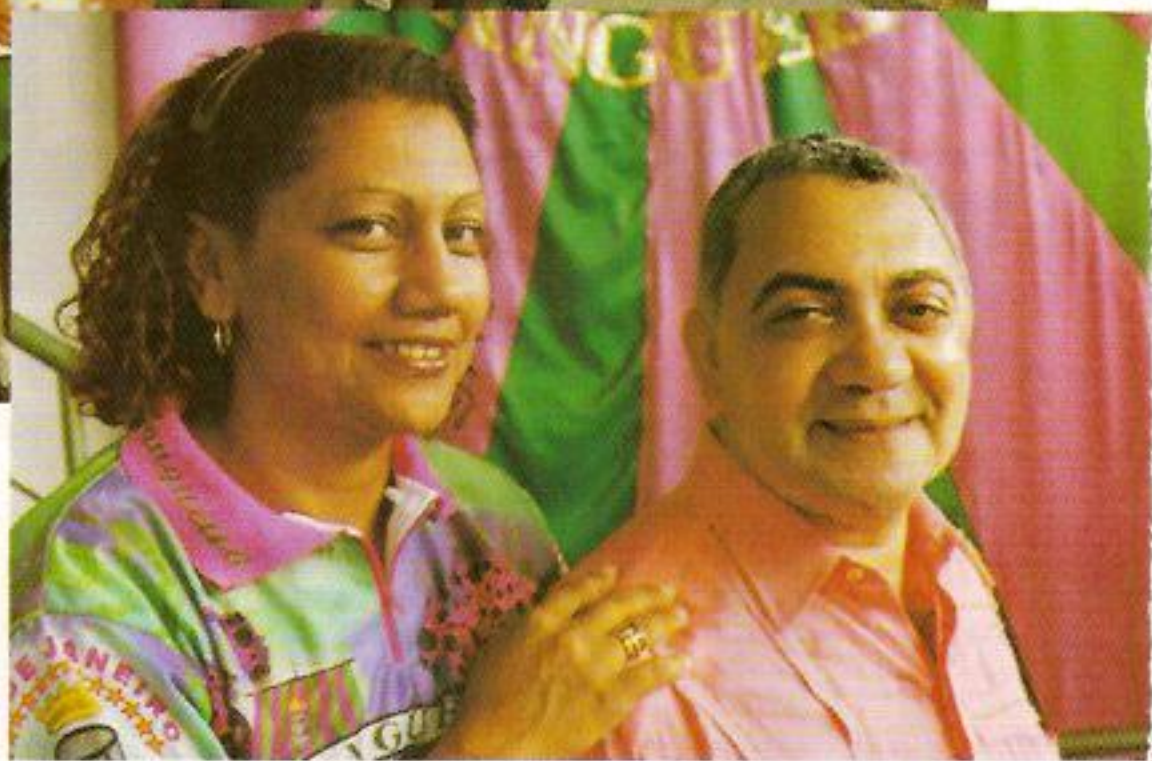
Serviço de Atendimento ao Cliente (SAC):

0800 231032

de 2ª feira a 6ª feira, das 8h às 20h.



Elmo José e Célia Regina (abaixo) construíram um projeto duradouro. Ao lado, alunos da recém inaugurada Escola Tia Neuma



Do Sonho à realidade

Que a Mangueira representa a essência do carnaval carioca, como tão bem retrata o enredo deste ano, ninguém duvida. Mas lá se vai o tempo em que a atividade principal da Estação Primeira era apenas o desfile da Sapucaí. Hoje toda a Mangueira estufa o peito de

orgulho também por ter um dos mais avançados programas sociais do país. Tudo resultado de muito trabalho e do esmero com que a direção da escola e a comunidade se dedicam a cuidar da educação, da saúde e do futuro profissional de seus meninos e meninas. Trata-se de um ambi-

cioso projeto: ajudar a desenhar um mundo melhor para as 4.500 crianças e adolescentes beneficiadas pelos programas lá desenvolvidos. "Quando Elmo foi eleito, vimos a possibilidade de tornar realidade um sonho", lembra Célia Regina Domingues, Vice-Presidente Social da

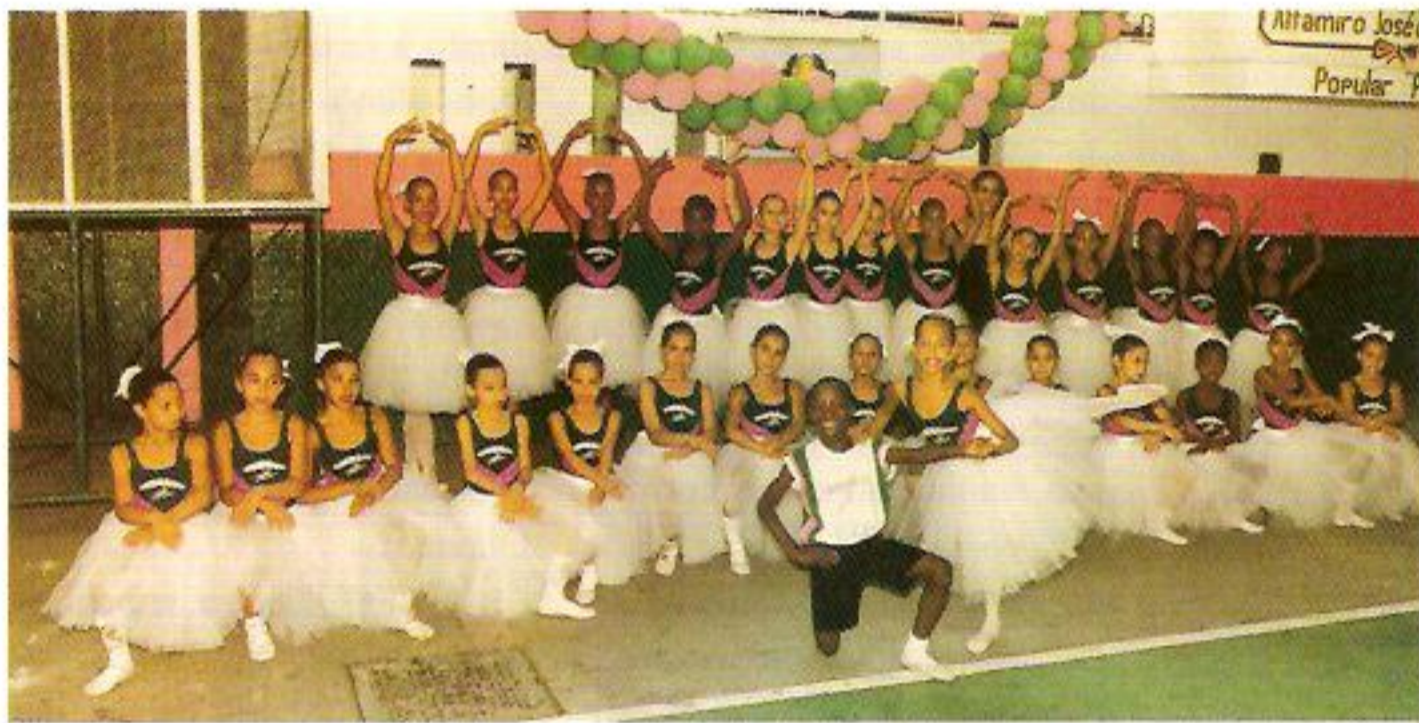
escola, referindo-se ao marido, o presidente da verde e rosa.

O sonho a que Célia se refere transformou a realidade dura em lição de vida para todos os brasileiros que se preocupam em resgatar a cidadania da meninada que, sem oportunidade, correria o risco de se enveredar por caminhos tantas vezes sem volta.

A garra e a determinação para reverter o que seria a ordem "natural" da vida de milhares crianças acabou atraindo para o projeto a parceria de muitas empresas que, cientes de suas responsabilidades sociais, têm caminhado lado a lado com a Mangueira nessa empreitada. Um dos resultados foi a criação de 33 oficinas profissionalizantes. Com a reforma dos camarotes da quadra, houve novo impulso, com o surgimento do projeto Centro Cultural BR Mangueira. Durante o dia, os camarotes viram salas de aula para os cursos que são oferecidos. "A BR reconheceu na Estação Primeira de Mangueira uma parceira ideal para este tipo de ação, pois se trata de uma instituição séria, que busca o desenvolvimento econômico e social dos moradores da comunidade", aplaude o presidente da empresa, Luiz Antônio Viana.

Todos se encantam pelo que vêm quando chegam na quadra da escola e hoje a Mangueira

conta com muitas parcerias. No mesmo espaço em que o samba ferve no fim de semana, a garotada estuda e aprende nos cursos profissionalizantes lá oferecidos.



Vários alunos recebem também uma cesta básica. As opções de ensino são variadas: cursos de estética, decoração, informática, inglês, espanhol, teatro, dança, mestre-sala e porta-bandeira, percussão, cartonagem, corte e costura, artesanato e muitos outros. Quem frequenta os cursos tem direito a material e alguns instrutores são selecionados na própria comunidade. Com os filhos bem cuidados, os pais têm condições de trabalhar com tranquilidade. "Quando eu era adolescente não tinha condições de fazer curso algum. Sempre quis fazer mas não tinha dinheiro", relembra Célia. Os tempos são outros e hoje, em Mangueira, todo mundo tem chance. ▶

Oficinas de Capoeira, Dança, Cavaquinho e Estética



Os programas multiplicam-se a cada ano. Em parceria com a Secretaria de Desenvolvimento Social do Município do Rio de Janeiro, por exemplo, as quatro creches instaladas em Mangueira, também sob a coordenação de Célia, atendem 450 crianças de até três anos, das 7h às 17h30. Elas fazem quatro refeições – café, almoço, lanche e jantar – e ainda levam um lanche para casa. “Mandamos o lanche pelas mães porque algumas famílias passam necessidades”, conta Célia.

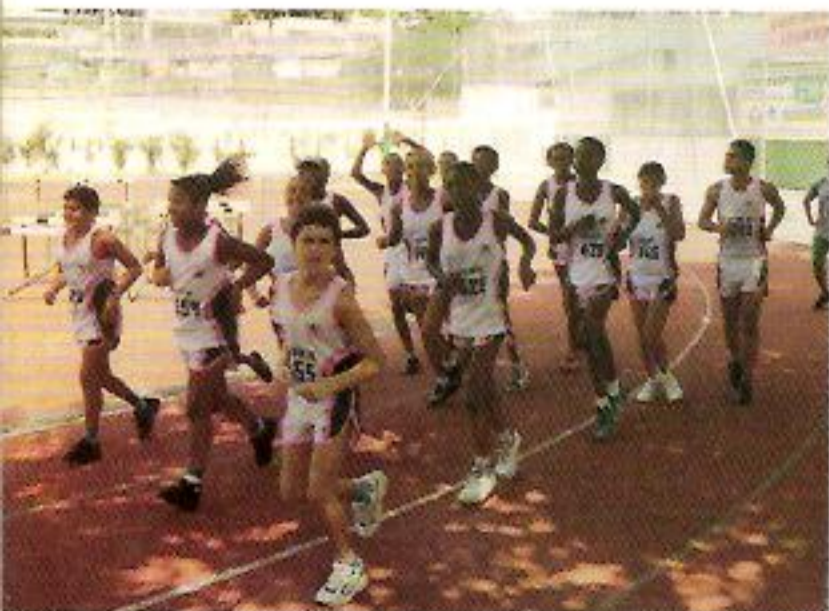
As crianças da comunidade ganharam este mês uma nova escola. Com capacidade para 360 alunos, a Escola Tia Neuma atende do CA à 4ª série em dois turnos, manhã e tarde. “Acho que com essa escola e com os 10 professores habilitados pela secretaria Municipal de Educação conseguiremos resultados positivos”, explica a diretora da escola, Márcia Dias. Depois de estu-

dar na escola Tia Neuma, as crianças têm 900 vagas disponíveis no Ciep Nação Mangueirense, onde completam o 2º grau. A partir de março, os interessados em informática terão direito à faculdade e os 30 melhores alunos farão o 3º grau gratuitamente. “É a Mangueira formando da creche à faculdade”, orgulha-se o Vice-Presidente de Esportes e Desenvolvimento Social da Mangueira, Francisco de Carvalho, o Chiquinho, administrador dos projetos da Vila Olímpica.

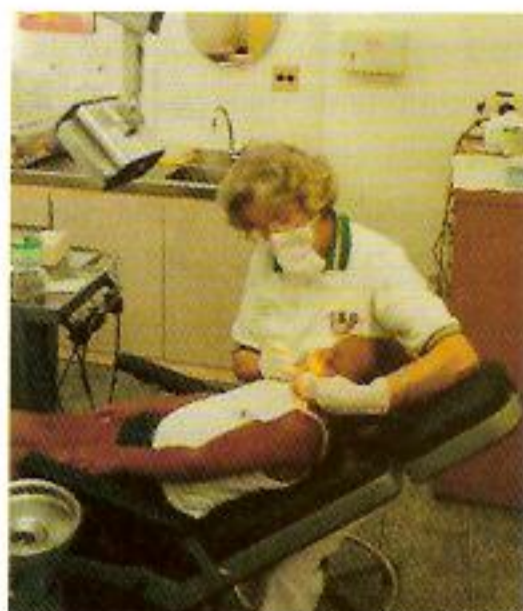
A Vila Olímpica, um antigo terreno baldio, virou modelo para o mundo inteiro. Visitada por celebridades como o então presidente dos Estados Unidos, Bill Clinton e representantes do executivo municipal, estadual e federal, a Vila Olímpica, resultado de tantas parcerias de sucesso com o setor privado, no caso, com a Xerox do Brasil, recebeu o prêmio da BBC de Londres

como modelo social para o Terceiro Mundo.

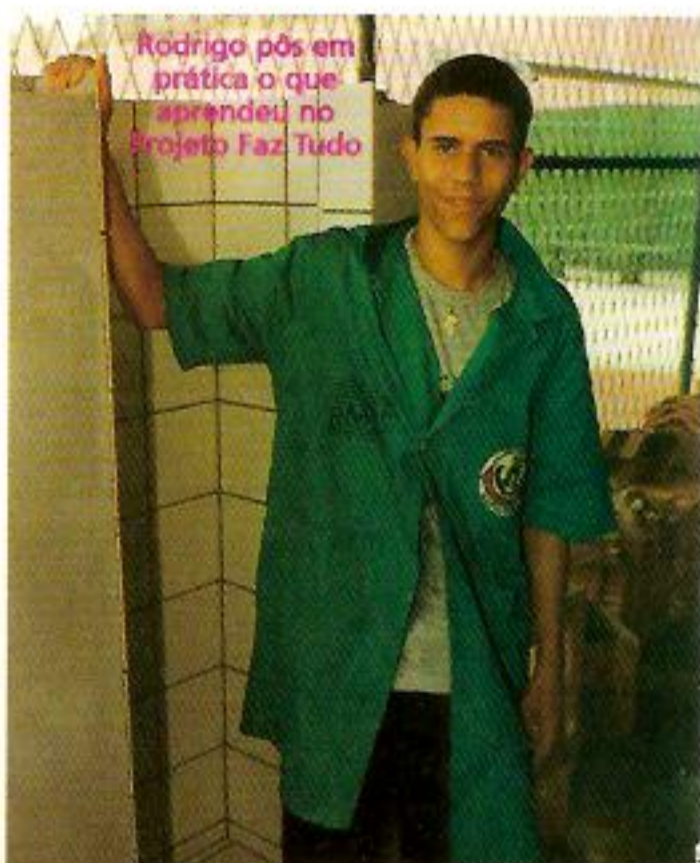
Além das atividades esportivas como futebol, natação, basquete, ginástica rítmica e atletismo – modalidade em que a Mangueira é tetracampeã – os moradores da comunidade têm assistência médica garantida por profissionais qualificados que fazem 1.400 consultas mensais. O Projeto Social de Saúde, coordenado por Ana Brum, tem ambulatório médico, ginecologia, obstetrícia, pediatria e um programa especial para doenças crônicas. De acordo com Ana, o posto médico também realiza um programa de prevenção de doenças. “Fazemos palestras no auditório para grávidas, hipertensos e diabéticos, reforçadas pelos 26 agentes comunitários de saúde que acompanham os doentes crônicos”. Os agentes vão até a casa dos pacientes para se certificar de que estão tomando a medicação corretamente. “Caso



Na Vila Olímpica a Mangueira forma futuros campeões



Assistência odontológica gratuita



Francisco de Carvalho, o Chiquinho, é Vice-presidente de Esportes e Desenvolvimento Social da Mangueira

contrário os moradores são encaminhados novamente para o posto médico”, esclarece Ana.

Alguns alunos dos curso já conseguem ganhar algum dinheiro com o que aprenderam. É o caso de Rodrigo Melo de Oliveira, 18 anos, que já fez os cursos de carpintaria, refrigeração, pedreiro e eletricitista do Projeto Faz-Tudo. “Estou ganhando um dinheiro com manutenção de ar-condicionado e também construindo o segundo andar da minha casa”, orgulha-se Rodrigo. Os cursos são divididos em três partes: gestão, prática e ação social. “A ação social é tipo um estágio. Os alunos constróem ou reformam algum estabelecimento público que trará benefícios à comunidade”, explica a coordenadora Patrícia Leon. E recebem uma bolsa-auxílio de R\$ 75 e uma cesta básica por mês.

A cultura também é valorizada nos projetos da escola. A



Vila Olímpica incorporou o projeto Dançando para não Dançar, idealizado pela professora Thereza Aguilár. Meninas de 7 a 10 anos têm aulas semanais de balé. São 12 professores para aulas práticas, três de música, um de repertório, além de seis psicólogos. “Elas são disciplinadas e esforçadas”, elogia Thereza.

A música também é uma forma para integração dos idosos. O projeto Estação Primeira da Melhor Idade visa valorizar e aprimorar a auto-estima dessas pessoas. Alongamento, artesanato, dança de salão, coral e hi-

droginástica são algumas das atividades desenvolvidas pelos idosos. “É impressionante a força de vontade e a alegria de estarem desenvolvendo algum trabalho produtivo”, comemora uma das coordenadoras Bárbara Gomes.

De acordo com Chiquinho, o programa social da Mangueira é um exemplo para o Brasil e para o mundo. “Este é o único programa que cuida na íntegra da criança. A Mangueira caminha para um futuro melhor. Temos uma responsabilidade social e é isso que me dá força e garra para continuar”, complementa. ■

MADRINHAS E PADRINHOS DA MANGUEIRA

EMPRESAS PATROCINADORAS

- BR Distribuidora
- Leite de Rosas
- Xerox do Brasil

EMPRESAS MANTENEDORAS

- Brasilcap
- Brasilsaúde
- Brasilveículos
- Cervejaria Continental
- Danemann
- Denison Brasil
- Ecovias

- Giovanni-FCB
- Icatu-Hartford
- Losango
- Promon
- Quatro / A

PARCEIRAS

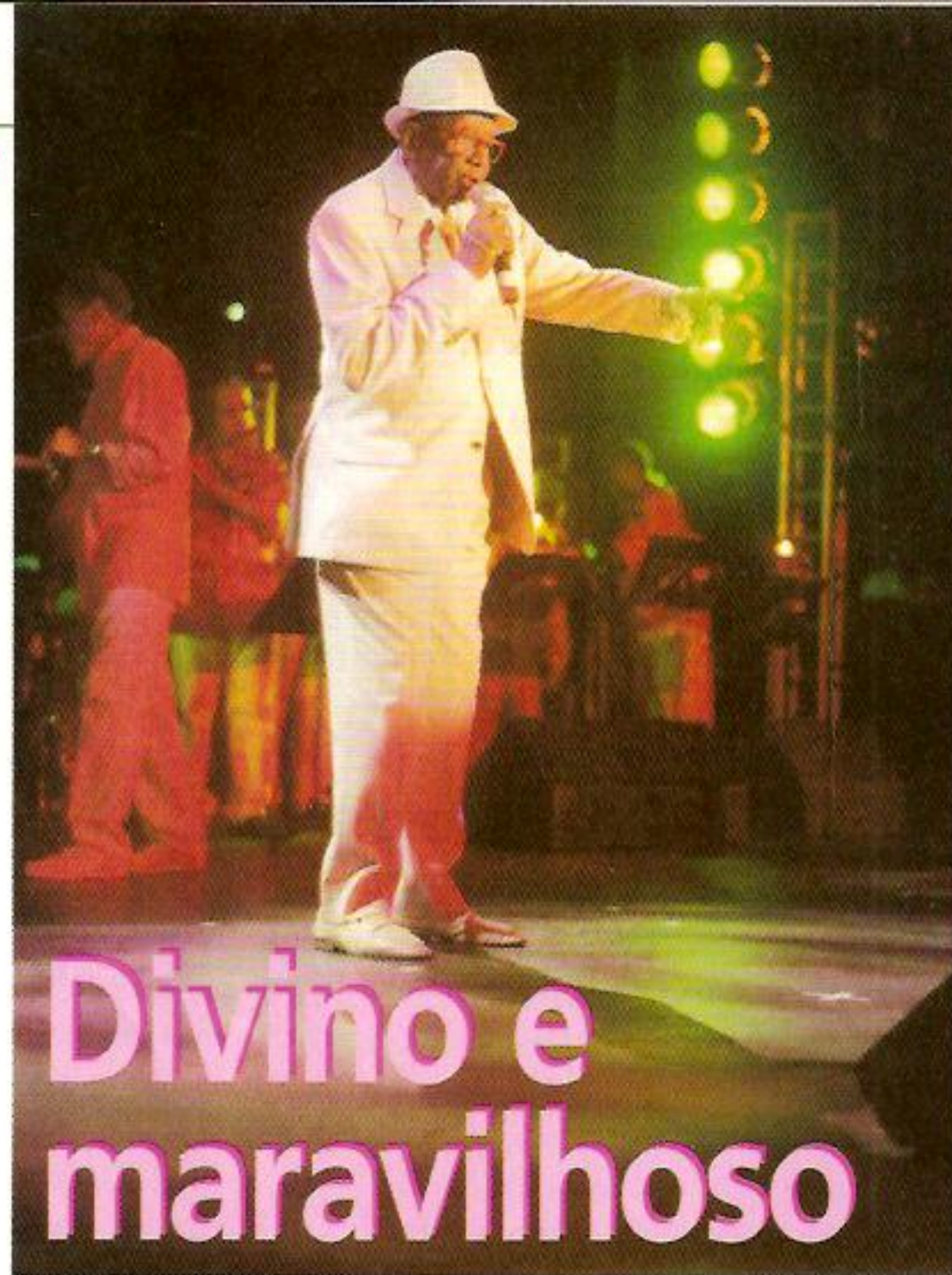
- Bingo Arpoador
- BM&F
- Brinquedos Rosita
- CDI
- Cisper
- Colégio Santa Mônica

- Fundação Roberto Marinho
- GMBH Neima
- Governo do Estado do Rio de Janeiro
- Instituto Embeleze
- Loterj
- Nieli Cosméticos
- Petrobras
- Prefeitura do Município do Rio de Janeiro
- Sebrae RJ
- Universidade Veiga de Almeida
- Valmari Dermocosméticos

SHOW DE VERÃO

Quando a figura minúscula de Pedrinho, um garoto de apenas oito anos, entrou no palco com seu cavaquinho para cantar e tocar a música Dona Neuma da Mangueira foi difícil segurar a emoção. Emoção e saudade marcaram o Show de Verão 2001 da Estação Primeira, inteiramente dedicado a Dona Neuma. Nas duas únicas apresentações – a primeira, dia 12 de fevereiro, no Canecão e, no dia seguinte, no Olímpia, em São Paulo – as duas casas vieram abaixo todas as vezes em que a imagem de Dona Neuma apareceu em vídeo, iluminada, falando no telão. Era de se esperar. Antes mesmo dos primeiros acordes de Pedrinho, o presidente Elmo já dera o tom do espetáculo ao agradecer, na abertura, a presença de todos, em especial das madrinhas e dos padrinhos da Mangueira. A leitura de “Alô Pastora”, uma emocionante homenagem de Alvaro Luiz Caetano, o Alvinho, a Dona Neuma, foi a comprovação absoluta de que todo o show teria aquele clima de encantamento. Sergio Cabral, jornalista e compositor, completou: sentou-se no lado direito do palco numa velha mesa de botequim – com direito a tampa de mármore e pés de ferro – e lembrou histórias inesquecíveis da homenageada.

O que se seguiu foi pura ma-



gia. Carlinhos de Jesus tocou o céu, com os seus pés de bailarino, ao criar a coreografia do inacreditável: paraplégicos dançaram ao som de Aquarela do Brasil e usaram as cadeiras de rodas como instrumento. As cantoras Beth Carvalho e Alcione entoaram juntas o hino *D. Zica e D. Neuma*, feito especialmente para essas “duas coroas da pesada”. Chico Buarque cantou *Vai Passar* como se tudo fosse possível, inclusive Jamelão sair do hospital e brindar a todos com a seu vozerão genial, único.

Tudo foi possível, realmente. Até mesmo ver e ouvir japonês cantando e tocando samba. O grupo *Balança mas não cai* en-

toou com desenvoltura seu samba-enredo, uma inusitada combinação de feijoada e sushi. Nos palcos do Rio e de São Paulo ainda estiveram Rosemary – lembrando a paixão de Dona Neuma pela música de Roberto Carlos –, Luís Carlos Vinhas, Emílio Santiago, a Velha Guarda da Mangueira, a bateria mirim da escola. O show só podia acabar mesmo num grande grito de carnaval, com todos cantando o samba-enredo deste ano, *A Seiva da Vida*, uma fiel tradução do orgulho mangueirense: “Eu sou a essência do samba / a minha raiz é de bamba/sou Mangueira / o tronco forte que dá fruto a vida inteira”. ■

Show de Verão, produto com a força da marca Mangueira

Tudo começou em abril de 1997, quando a alta direção da mangueira jantou no restaurante Amarcord, no Rio, com Chico Buarque e Vinícius França. José Maria Monteiro propôs o show, Chico topou e Vinícius sugeriu que Hermínio Bello de Carvalho dirigisse. O sucesso foi tão grande que, ao realizar a rodada de agradecimentos às empresas que apoiaram mais esta iniciativa da Mangueira, Elmo, Alvinho e Zé Maria resolveram transformá-lo em evento anual, sempre no verão.

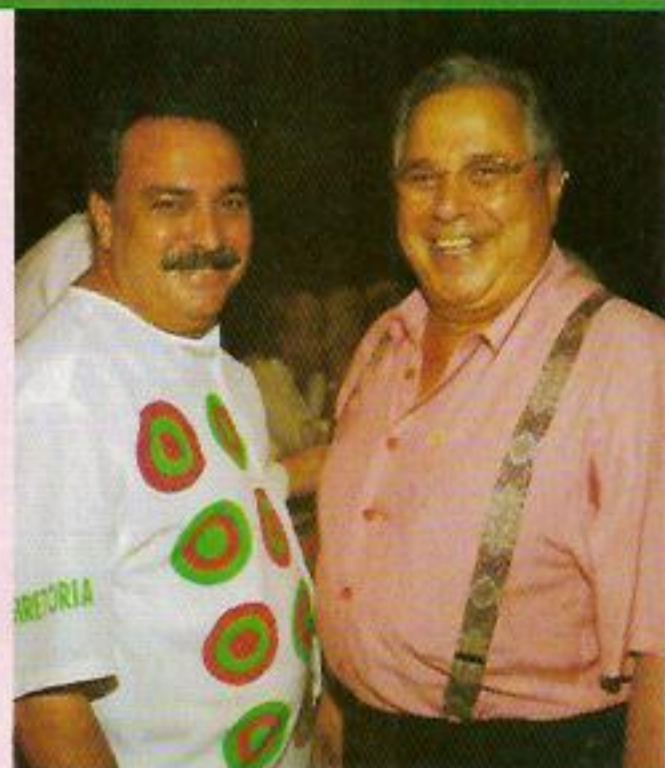
Assim, em 1999, com a mesma equipe de produção comandada por Vinícius França e direção de Túlio Feliciano, o show tornou-se um qualificado produto da Mangueira. "Eu não pude participar dos preparativos porque estava coordenando a campanha de Mário Covas à reeleição. Elmo, Alvinho e Vinícius chegaram a fazer reunião comigo no aeroporto de Congonhas, em São Paulo, porque eu não podia vir ao Rio. Era apenas uma delicadeza. Porque eles estavam suficientemente maduros para tocar o projeto sozinhos", diz Zé Maria.

Ele conta que foi a partir daí que despontou a figura do Alvinho como o grande entusiasta do Show de Verão,

estimulado pela liderança e o carisma do Elmo, sempre que possível presente nas visitas aos empresários. "Em 1997, nós visitávamos as empresas junto com o Zé Maria. Em 1998, o Elmo e eu fomos com a cara e a coragem e acabamos formando uma boa dobradiça", lembra Alvinho.

Em 2000 e 2001, cada vez mais Álvaro Caetano foi assumindo a responsabilidade pela realização do Show de Verão de tal maneira que José Maria Monteiro, todo orgulhoso, é quem afirma: "muitos amigos meus, do Rio e de São Paulo, dizem que só com a visita charmosa do Alvinho, sempre que possível na companhia da figura carismática do Elmo, é que participam do projeto", diz Zé Maria.

Entre esses amigos, alguns se transformaram em autênticos vendedores do show, recomendando o evento a empresas e a outros amigos. Destacam-se Kati Almeida Braga, Michael Zeitlin, Osvaldo Martins, Claudio Frederico, Hélio Novaes, Luis Antônio Viana, Cleofas Uchoa, Francisco Albuquerque, Renato Guerreiro e Pery Brasil. O resultado de tudo isso é que algumas empresas incluíram o Show de Verão definitivamente no seu



Álvaro Luiz Caetano e José Maria Monteiro

calendário de eventos.

"O show cresceu e se tornou marca da Mangueira", afirma Álvaro Luiz Caetano, vice-presidente de eventos da Escola. Alvinho destaca a importância do Show de Verão como elo de aproximação entre as empresas e a Mangueira que, muitas vezes, resulta em apoio a diversos projetos sociais. "Este ano contabilizamos 100 empresas que nos apoiam no eixo Rio-São Paulo", diz Alvinho.

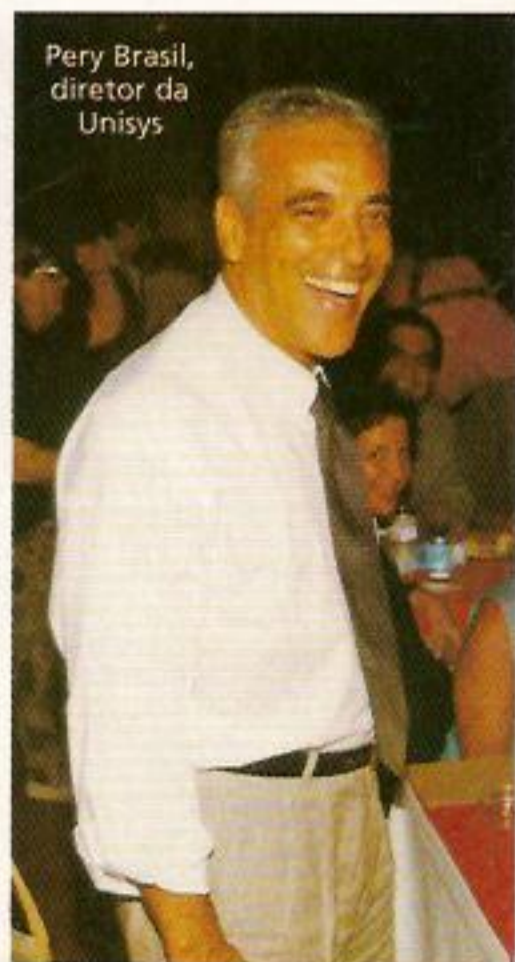
Em resumo: a Mangueira mais uma vez inovou conseguindo com a arte dos seus, somada ao apoio das empresas, obter recursos que hoje representam 25% do custo do seu carnaval, mantendo, assim, intocadas, a sua liberdade e independência.



Francisco Weffort, Ministro da Cultura, Dona Zica e Renato Guerreiro, presidente da Anatel



Conrado Engler, presidente da Losango



Pery Brasil, diretor da Unisys

Ajude a Mangueira a tirar as pessoas do meio da avenida.

Samba, carnaval, alegria, a razão da existência da Estação Primeira de Mangueira desde 1928.

Mas há 13 anos, a Mangueira tem mais razões para existir: com o apoio de empresas cidadãs, a Mangueira

tem projetos nas áreas social, profissionalizante e educativa, que transformam

crianças que gostam de samba em bons sujeitos, aptos a entrarem no mercado de trabalho.

Os programas desenvolvidos no Complexo da Vila Olímpica da Mangueira foram

considerados pela Unesco como a maior obra social-esportiva do Brasil, e pela BBC de Londres,

como a melhor do Terceiro Mundo.

Além das medalhas morais, a Mangueira é tetracampeã de atletismo.

Aproveite o carnaval para se divertir, mas gaste alguns segundos também para refletir:

participar dos projetos sociais da Mangueira é agir para construir um país

mais justo e com oportunidades para todos, é sair do discurso para a realidade de uma vida melhor para

mais pessoas, é apoiar não uma Escola de Samba, mas uma Escola de Vida.

Ligue para (21) 567.4637 e veja como sua empresa pode contribuir para que as pessoas

possam vencer e se sentir campeãs nos outros 360 dias do ano.

A Mangueira pelo traço de três cartunistas geniais



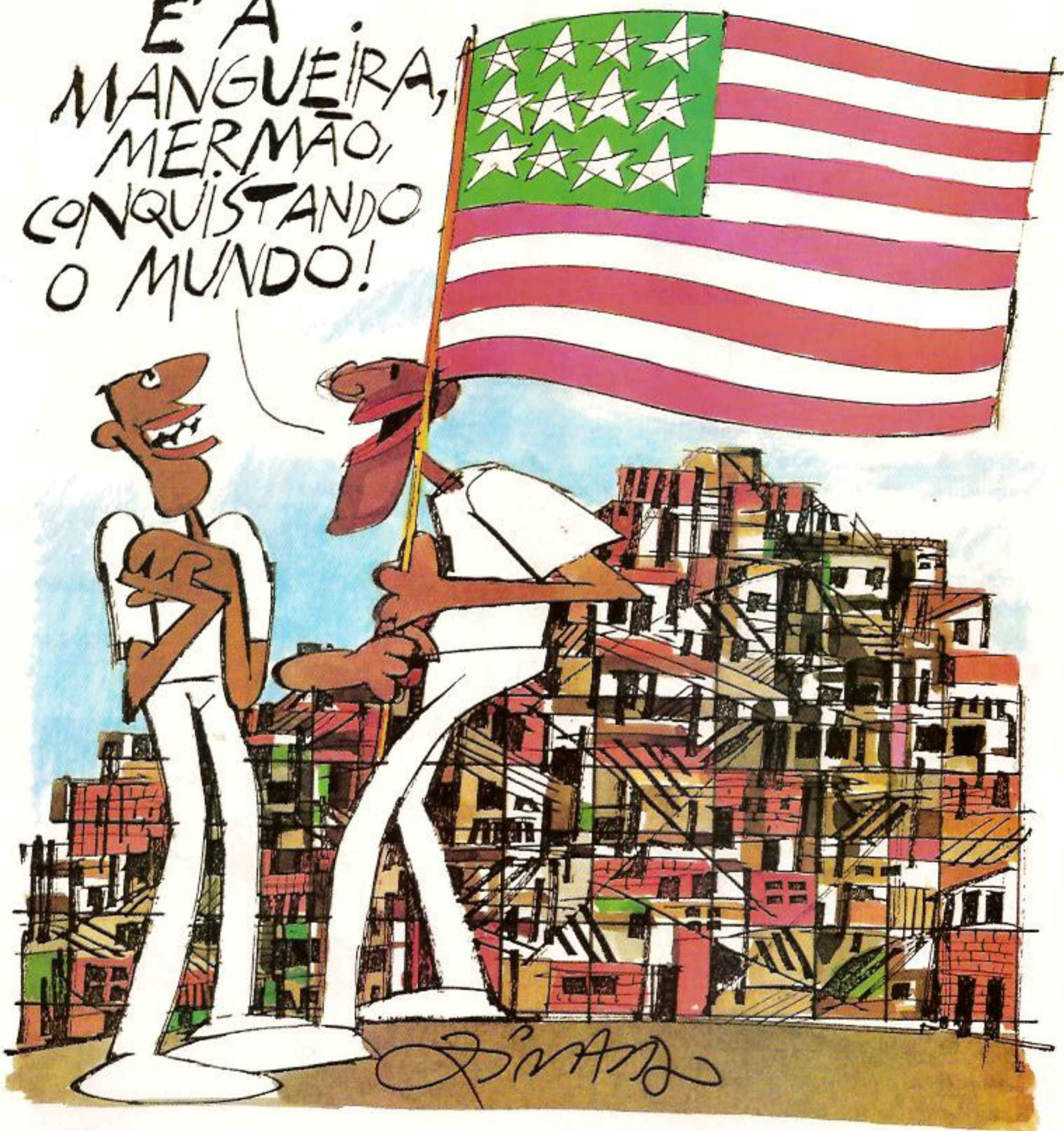
LAN

Homenagem do
portelense Lan à
"co-irmã Mangueira":
Nelson Cavaquinho
em momento
de inspiração

IQUE

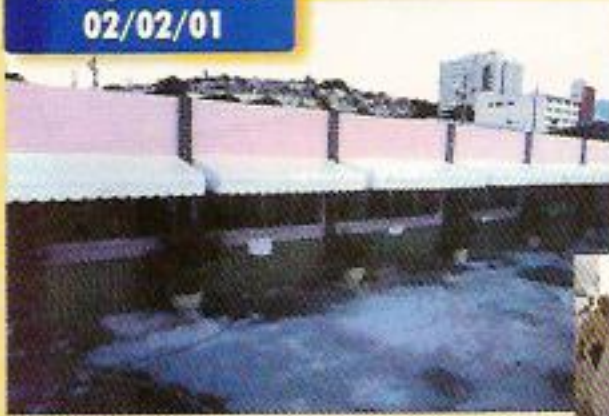


E' A
MANGUEIRA,
MERMÃO,
CONQUISTANDO
O MUNDO!



Qualidade e modernidade porque você merece o melhor

Inaugurada em
02/02/01



Rua Santos Melo, 73 - Mangueira
Vila Olímpica da Mangueira
Tel.: 218-2563



Barra da Tijuca
Av. Fernando de Mattos, 48
Tel.: 493-4554

Bento Ribeiro
Rua Divisória, 79
Tel.: 450-2410



Campo Grande
Est. Cachamorra, 132 A
Tel.: 3394-6740 / 3394-5579

Ministro aprova iniciativa

O ministro da Educação Paulo Renato esteve presente à inauguração e aprovou. Agora a Mangueira é parte integrante da grande família Santa Mônica Centro Educacional.

A Escola Tia Neuma, já atende 360 crianças da comunidade entre a Classe de Alfabetização e a 4ª série do Ensino Fundamental.

A nova escola, que presta homenagem a ilustre figura mangueirense, Tia Neuma, oferece a mesma qualidade de instalações e procedimentos pedagógicos das demais unidades do Grupo Santa Mônica Centro Educacional e é inteiramente gratuita.

A Escola Tia Neuma vem se juntar à Escola Padre Valério Pierpaolli, situada em Seropédica - RJ, outra unidade comunitária que atende a 500 crianças e também é mantida gratuitamente pelo Santa Mônica Centro Educacional.

Cascadura
Rua Cerqueira Daltro, 244
Tel.: 594-2836



Excelência Pedagógica
Rua Cerqueira Daltro, 245
Tel.: 595-9655

Madureira
Rua João Vicente, 173
Tel.: 450-1222



Inaugurada em
03/02/01



Santa Cruz

Santa Cruz
Rua Primeira, 848
Tel.: 3157-4634



Santa Mônica
Centro Educacional
DIREÇÃO ALBANO PARENTE

CENTRAL DE ATENDIMENTO
450-2400

www.santamonice.com.br

Chão de estrela

O público de Rosemary é fiel. A garota que começou na Jovem Guarda, foi apresentadora de programa de televisão e cantora de baladas românticas, tem um público que a prestigia e reconhece, mesmo passados vários anos do início de sua carreira.

Esta mesma fidelidade Rosemary cultiva em relação à Mangueira. São mais de 20 anos desfilando pela verde e rosa. E sempre no chão, como faz questão de ressaltar: "Sempre gostei de sambar no chão. Ali, a gente interage com todo mundo".

A paixão pela Mangueira começou cedo, antes mesmo de se tornar famosa. Nascida e criada entre a Tijuca, o Grajaú e o Lins, aprendeu a amar o carnaval e a Mangueira pelas mãos de sua mãe, que a levava aos ensaios da escola e para brincar o carnaval.

Outra de suas paixões é o Rio de Janeiro. Rosemary não troca a cidade por nada neste mundo. "O Rio é lindo e eu me considero uma verdadeira carioca. Sou Flamengo e Mangueira, sempre".

Este ano o Sambódromo correu sério risco de não contar

com a Rosemary. É que a mãe da cantora morreu em outubro do ano passado. "Fiquei muito abalada. Mas conversando com minha família e meus amigos revi minha posição. Afinal, minha mãe adorava me ver desfilando pela Mangueira".


Os enredos da escola que homenagearam os artistas brasilei-

ros – Braguinha, Caymmi, Os Baianos da Tropicália e Chico Buarque – são apontados por ela como momentos emocionantes e pontos altos dos desfiles da Mangueira.

Rosemary faz questão de destacar a forma peculiar de ser da escola: "A Mangueira é moderna na administração, vanguarda nos projetos sociais – com a Vila Olímpica, as creches e os trabalhos comunitários – e ao mesmo tempo preserva suas raízes".

Rosemary já está em ritmo de carnaval. Aqui vai a dica para os fãs da cantora: ela vem na frente do carro *A Magia do Oriente*. Sambando no chão. É claro. ■



A woman with curly brown hair, wearing a white suit jacket and a white shirt, is smiling and talking on a mobile phone. She is holding the phone to her ear with her right hand. The background is white, and there are several colorful, wavy ribbons in shades of blue, red, yellow, purple, and green, creating a festive and dynamic atmosphere.

Preço baixo é com a Embratel. O resto é fantasia.

Informações: 0800 900 021 e www.embratel.com.br



CARILLO PASTORE E LUINO RSCGG

21
Embratel



Batuque em dó maior

A cena é única, daqueles momentos raros que jamais se repetem. Quem viu, viu. E ouviu. Quem não estava na hora vai ter que imaginar a cena. O local, Sambódromo, concentração da Mangueira, na hora do esquentar. O enredo, a homenagem a Chico Buarque. Em cima do carro de som, Luís Carlos Vinhas e seu piano. No recuo, a bateria completa da escola, pronta para desfilar. Vinhas começa a tocar e a bateria inteira o acompanha. Pela primeira vez no mundo um piano é acompanhado por uma bateria de escola de samba. Apenas alguns minutos. Sublimes. “Foi um momento mágico”, descreve Vinhas, o autor da façanha.

Munido do mesmo entusiasmo com que dedilha seu instrumento, ele fala da escola do coração. “Nasci na Tijuca, perto

do Salgueiro, mas me apaixonei pela Mangueira. Nunca saí em outra escola, a não ser na homenagem que a Mocidade fez a Elis Regina, onde desfilei na Comissão de Frente”, faz a ressalva. Nada que comprometa sua fidelidade à verde e rosa.

O primeiro desfile foi em 1963, quando já era um pianista famoso do Beco das Garrafas, reduto da Bossa Nova. A história é curiosa: “comecei a desfilar meio de penetra, sem permissão. Botava uma roupa verde e rosa e ia para a concentração, sozinho, no meu canto”. Hoje em dia Vinhas veste a roupa da diretoria, é amigo do presidente Elmo e já desfilou em tudo quanto é lugar na escola.

Só não saiu ainda na bateria. Não precisa. Com seu piano Vinhas encanta a platéia no já tradicional Show de Verão que a

Mangueira faz, arrebatando corações cariocas e paulistanos. Seu número é dos mais aplaudidos. O público vibra com sua maneira de tocar, quase que batucando nas teclas. E ele justifica: “o piano é um instrumento completo, o único que faz a junção entre a melodia, a harmonia e o ritmo. Por isto ele se basta. A minha maneira de tocar privilegia o ritmo”. Pronto. Tá explicado porque a bateria entendeu tão bem o seu recado.

A agenda de trabalho anda cheia. Tem shows programados até o dia 22, quando toca no Vinicius Piano Bar, no coração de Ipanema. Os shows ajudam a amenizar a ansiedade com a proximidade do desfile: “se ficar pensando só na Mangueira eu enlouqueço”, confessa ele. Coisa de apaixonado. ■

Papai do Céu é bom

30 de dezembro de 2000. Sábado. Samba na Mangueira. Talvez por ser fim de ano, mais alegre do que nunca. Por volta da uma da manhã, ao ouvir o samba do próximo carnaval, saio da sala da Presidência, passo pela galeria dos ex-presidentes e o primeiro que vejo é Saturnino Gonçalves, pai de Dona Neuma.

Desço, vou para o centro da quadra “curtir” e lá estão Guezinha (filha) à frente do Departamento Feminino, Cici (filha) com duas crianças pelas mãos, Neuci (neta) comandando as baianas, Chininha (filha mais velha) sambando ao lado do filho Julio Cesar (neto), que carrega nos ombros Claudio, de 1 ano, bisneto da Neuma, cantando “Eu chouse a echêchia do chamba, a minha raiz é de bamba...” Enchi-me de emocionada alegria e agradei a Deus por estar vivendo aquele momento.

Dando asas ao pensamento, lembrei-me então que, no fim de agosto, depois de dois sábados sem ir à quadra, ao chegar fui abraçado pelas minhas amigas do Depto. Feminino, festejado por Guezinha, Chininha, Cici, Neuci, Nilton, Perci, Julio Cesar e tantos outros familiares da Neuma. Fazia apenas um mês que ela se despedira de nós. Comentei então com minha mulher que teríamos de vir sempre à Mangueira para renovar o aprendizado de ser feliz. A Neuma ensinou, o Hermínio traduziu em versos, todos aprenderam e ela estava ali estimulando esse “modo novo da gente viver”.

De volta à realidade da quadra fiquei observando e sentindo a presença magnânima de Neuma, especialmente naquela noite. Sua personalidade é tão forte que nem a morte física consegue afastá-la de nós. Sua presença espiritual perpassa cada projeto, decisão, atitude que se pense adotar ou tomar na Estação Primeira.

Pensei comigo. Assim como a Mangueira, a Neuma não morreu, nem morrerá, e está aqui curtindo, feliz, o samba que fala dela, a essência do samba, cuja raiz de bamba é Saturnino. E Neuma – o tronco forte que dá fruto a vida inteira – nos deu suas filhas, netos e bisnetos, seqüência natural de sua presença entre nós.

Depois, lá pelas duas e meia, estava eu ao lado do presidente Elmo no camarote Padeirinho, observando a família mangueirense se confraternizando em samba, quando lhe fiz justiça dizendo: “Compadre, quero agradecer a você pela maravilha que conseguiu ao manter todos aqui. Todos estão aqui. Além dos fisicamente presentes, aqui estão os grandes mestres, as nossas tias, seu pai – Seu Tinguinha – e, com certeza, a Neuma. Olha lá que beleza.” Foi aí que ouvi do jovem e sábio Presidente: “Irmão, a gente trabalha muito, faz uma corrente de energia positiva para que tudo dê certo, mas as coisas boas como essa noite só acontecem porque Papai do Céu é bom.”

• *BENEMÉRITO E VICE-PRESIDENTE DE PROJETOS ESPECIAIS DA MANGUEIRA*





SUAR A CAMISA VERDE

Para facilitar a sua vida é que existe a Fininvest. Com empréstimo pessoal, cartão de crédito ou financiamento de compras, sempre oferecemos as melhores opções de crédito. A cada dia que passa,

a Fininvest confirma sua posição de maior empresa de crédito do país. E o que você está esperando para ser nosso cliente? Passe o carnaval tranquilo. Seja você também um cliente Fininvest.

E ROSA? SÓ NA AVENIDA.



Um mundo de crédito pra você.

A grande dama do samba

A história que se segue foi contada pelo presidente Elmo José dos Santos – e está também relatada no livro *Cartola, os tempos idos*, de Marília Barboza e Arthur de Oliveira Filho. Consta que corria o ano de 1928. Era dia do aniversário de Cecília, irmã de Neuma, e uma galinha ardia lá no fogão. Prato especial de festa, que galinha naquela época não era todo dia, não. Todo mundo arrumado, mesa posta, bebida no gelo. Mas a hora do jantar foi passando e nada do chefe da família chegar. O bom Saturnino Gonçalves, pai zeloso, estava inexplicavelmente atrasado para a comemo-

ração. A turma jantou sem ele – jantar naquela casa era servido às cinco da tarde, seis no máximo –, mas ninguém conseguiu dormir com medo de que algo de ruim tivesse acontecido. Neuma, Cecília, a família toda foi para a cerca de casa espiar a rua, com cara de velório. De repente, lá pelas onze da noite, surgiu no horizonte o Saturnino, todo de branco, com seu chapéu de palha, caminhando devagar. Aproximou-se de Cecília, então uma menina de cinco anos completados naquele dia, e falou: “Minha filha, não fique triste. Eu estou atrasado, mas te trago um presente. Acabamos de fundar a

Estação Primeira de Mangueira e teu pai é o primeiro presidente.”

Elmo contou essa história emocionado e com a intenção de mostrar que, desde a infância, Neuma Gonçalves da Silva, a Dona Neuma da Mangueira, acostumou-se a confundir a sua própria história de vida com a da escola. “Naquele dia em que fundou a Mangueira com seus companheiros, Saturnino passou às filhas uma mensagem que até hoje é uma lição para nós. A Mangueira é uma grande família”, destaca Elmo. Uma família que reconheceu em Neuma a referência materna. Mais do que a pastora de voz firme, muito

NÃO HÁ UM RECANTO
EM MANGUEIRA QUE
NÃO TENHA SIDO
ALCANÇADO PELA
BONDADE E FORÇA DE
LUTA DE NEUMA

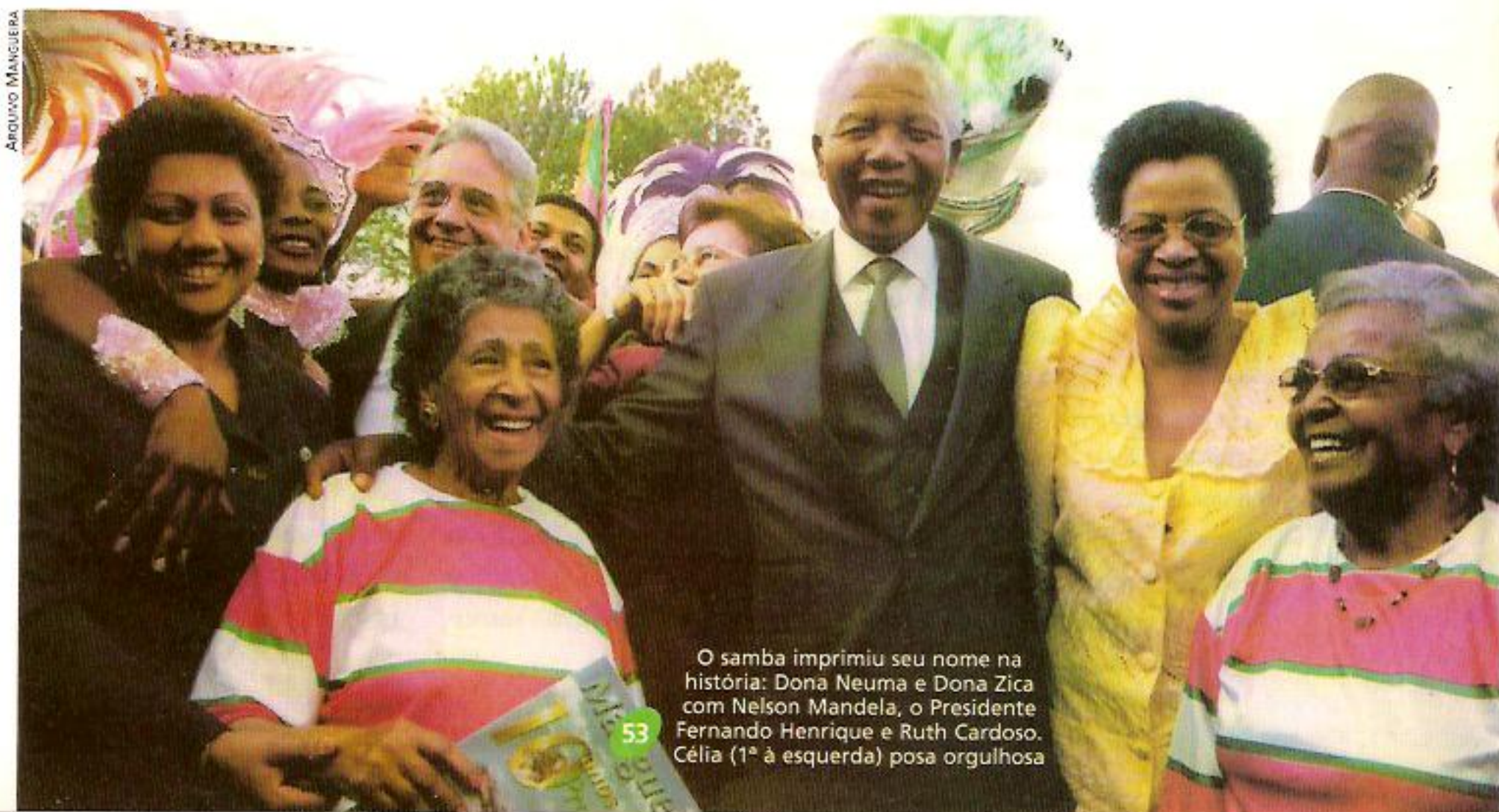
além da dirigente e conselheira da agremiação, Neuma foi ao longo da vida uma peça de resistência para toda a comunidade mangueirense. Não há recanto em Mangueira – Buraco Quente, Candelária, Telégrafo, Chalé – que não tenha sido alcançado pela imensa bondade e a força de lutar pelos direitos sociais que Dona Neuma trazia dentro de si. “Todo o trabalho social que a Mangueira desenvolve hoje com as crianças, projetos elogiados mundo afora, tudo isso começou com Tia Neuma”, aplaude o presidente.

Falecida em 17 de julho do ano passado, aos 78 anos, vítima de um AVC, Dona Neuma foi até o fim a vida uma lutadora incansável por sua comunidade, em especial pelos direitos das crianças à educação. Dois meses

antes de sua morte, ela fez questão, por exemplo, de prestigiar a solenidade de lançamento do Núcleo de Cultura Nação Mangueirense, um conjunto de oficinas de arte patrocinado pela Xerox do Brasil na comunidade. “Onde eu sentir que é coisa boa para a criançada do morro, vou estar junto”, disse ela na ocasião, feliz da vida em estar no pátio do Ciep Nação Mangueirense, rodeada pelas crianças.

Foi assim a vida inteira. Responsável pelos projetos sociais ligados à Estação Primeira, Célia Regina Domingues lembrou com emoção de muitas lições

que aprendeu com Dona Neuma. “Ela sempre foi uma referência de vida para mim. Antes de assumir qualquer projeto social eu sempre ia pegar a opinião dela. Afinal, em menor escala, foi ela quem começou tudo isso”, afirmou Célia, reforçando o sentimento de seu marido Elmo José dos Santos e, com toda a certeza, de toda a comunidade mangueirense. Célia lamenta que Dona Neuma não tenha conseguido ver em funcionamento uma escola com seu nome, inaugurada no dia 2 de fevereiro passado. “A Escola Tia Neuma é fruto de uma parceria com o Colégio Santa Mônica e vai atender a 300 alunos até a quarta série. É uma homenagem a quem fez muito pela educação das nossas crianças”, disse Célia, com justas lágrimas nos olhos. ▶



O samba imprimiu seu nome na história: Dona Neuma e Dona Zica com Nelson Mandela, o Presidente Fernando Henrique e Ruth Cardoso. Célia (1ª à esquerda) posa orgulhosa



Dona Neuma
fazia a alegria
do Cantinho da
Velha Guarda

E fez muito mesmo. Dona Neuma bem poderia ter sido fichada como subversiva pelos militares linha-dura. Imaginem o que era reunir um punhado de crianças pobres do morro no quintal ou na sala de casa e começar a alfabetizá-las usando termos simples, chulos, palavras? Pois assim ela fez. Preocupada com a falta de interesse dos meninos em freqüentar as aulas nas escolas, Dona Neuma passou a alfabetizá-los dessa forma, na mais genuína tradição dos métodos de Paulo Freire (educador que os governos militares ficharam como subversivo). Era mais ou menos assim: ela escrevia um palavrão no quadro-negro, a criançada caía na gargalhada e ela aproveitava a deixa para ensiná-las a ler e a escrever, a conjugar verbos, a formar frases. A “sala de aula” de Dona Neuma estava sempre cheia. Empírico, rústico, genial, revolucionário e

subversivo – no melhor dos sentidos – o método foi reconhecido como de grande valor pelo MEC, que o catalogou como “método Neuma”.

A sabedoria de viver com o que estava ao seu alcance, sem depender de ninguém ou esperar benesses oficiais, fez com que Dona Neuma se transformasse em uma figura respeitada muito além dos limites do morro de Mangueira – para onde se mudou com a família, aos 11 anos, egressa do Largo do Pedregulho, ao pé do Morro do Tuiuti. Empresários de sucesso, como Arthur Sendas, elogiam a capacidade de liderança de Dona Neuma e sua influência na cena carioca. “Dona Neuma, a primeira dama do samba, tem uma importância muito grande para todos os cariocas. Ela representava toda uma maneira de ser. Com muita alegria, música e samba, ensinou como entender o mundo, sorrin-

do com o coração. Ela é um exemplo do que é possível numa comunidade. O método de ensino Neuma, reconhecido pelo MEC, revela o seu grande potencial e sua imensa generosidade”, destacou o presidente do Grupo Sendas e da Associação Comercial do Rio de Janeiro.

A tal “maneira de ser” que tanto encantou Arthur Sendas serviu de inspiração para os compositores Nei Lopes, Zé Luiz e Carlinhos Sete Cordas darem à luz um samba que a grande mangueirense Alcione gravou há alguns anos. Um pedaço da letra diz assim: “Pra resolver qualquer parada / e evitar qualquer celeuma / duas coroas da pesada / Dona Zica e Dona Neuma”. Tudo a ver. A filha de Saturnino era tão capaz de resolver uma pendenga com um sorriso e uma palavra doce quanto de rodar a baiana diante de uma injustiça. Poucas horas depois que a grande dama

"PRA RESOLVER
QUALQUER PARADA,
DUAS COROAS DA
PESADA: DONA ZICA
E DONA NEUMA"

morreu, Nei Lopes escreveu um pungente artigo para o site *no.com.br* intitulado *Dona Neuma, sem folclore*. Nele, o compositor salgueirense lembra com saudade da mulher de fibra que conheceu: "Dona Neuma era uma das últimas damas do samba. Daquelas de preparar salgadinhos e levar para a festa da escola, para compartilhar com os amigos. Daquelas de ficar pagodeando e proseando, horas e horas, a mesa cheia de brahmas, na festa da Penha, da Glória, de São Jorge. Como uma tia baiana à moda antiga", escreveu.

O mesmo sentimento veio à lembrança do governador Anthony Garotinho. Para ele, o modo de ser de Dona Neuma, sua ligação com os amigos e com sua querida Mangueira é um exemplo de como buscar – e alcançar – a felicidade. "Lembrar de Dona Neuma é lembrar de alguém feliz, que dedicou a vida à sua escola de samba e à sua comunidade. Em Dona Neuma se pensa com saudade e sua lembrança é uma presença constante", lembrou o governador.

A "presença constante" a que se referiu Anthony Garotinho pode ser o antídoto contra a tristeza presumida dos manguei-rensens quando a escola entrar na pista da Marquês de Sapucaí sem Dona Neuma. Assim pensa o presidente Elmo, por exemplo.

Neuma sempre se posicionou politicamente: em 89 foi ao Teatro Zaccaro, em São Paulo apoiar o amigo Mário Covas

Para ele, Neuma vai estar lá na pista, com sua energia vital, ao lado de outros conselheiros ilustres, em corrente positiva: "Ela, meu pai, a Tia Miúda, o Cartola, o Carlos Cachça, o Nelson Cavaquinho". Nelson Sargento, baluarte da verde-e-rosa, vai na mesma linha. "Vai ter algum desavisado, vindo desse Brasil afora, que vai notar a ausência dela e perguntar pela Dona Neuma". "Dona Neuma não estará fisicamente entre nós, durante o desfile no Sambódromo, mas certamente a sua alma estará rodopiando por entre as alas de foliões, aticando-lhes a garra que caracteriza a passagem da nossa querida Mangueira pela avenida", diz

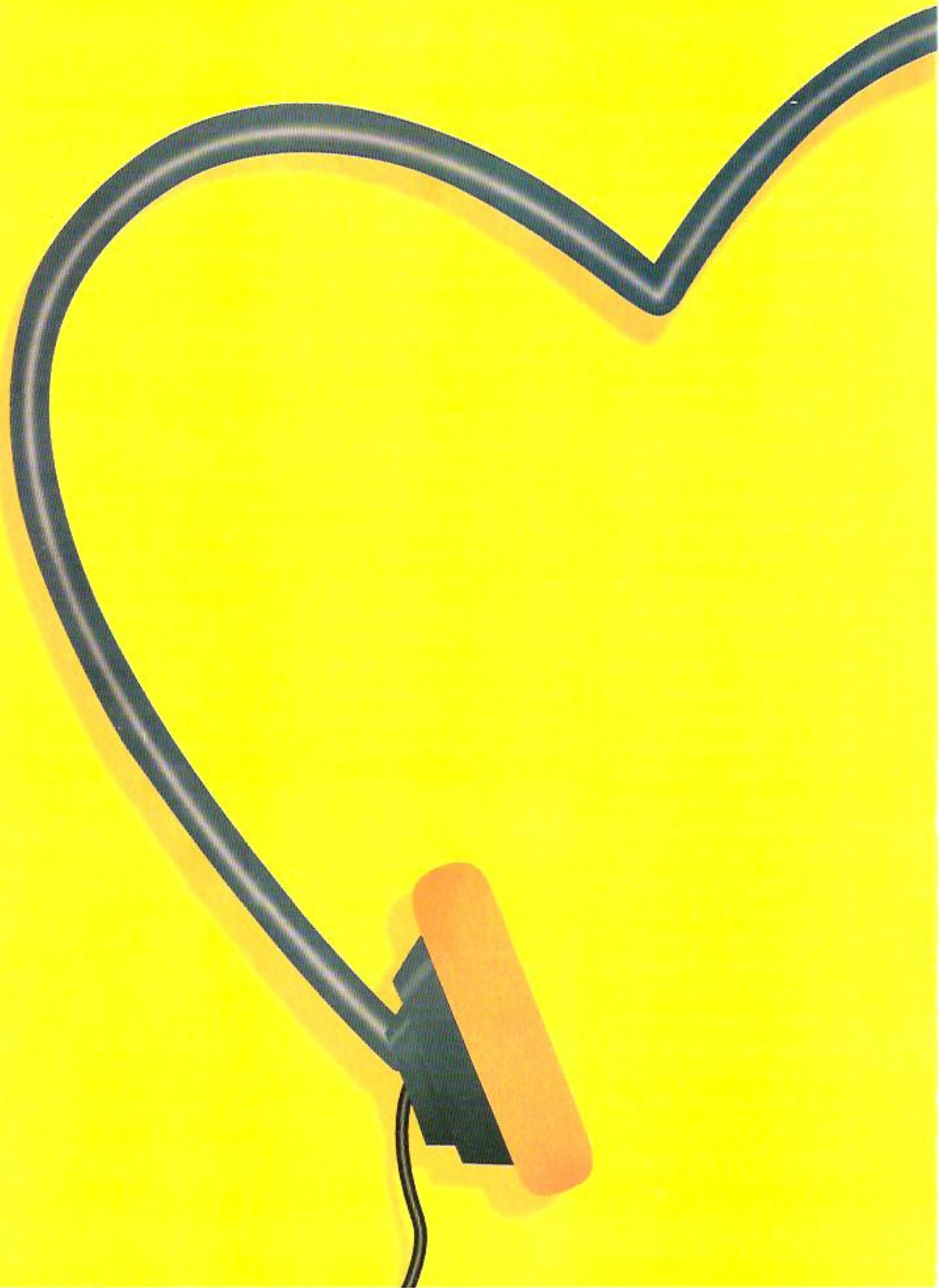
Cesar Maia, prefeito do Rio de Janeiro.

O compositor Noca da Portela considera que o primeiro desfile da Mangueira sem Dona Neuma será um baque para o mundo samba. "A gente se acostuma a ver passar o Jamelão, o Xangô, o Delegado, a Dona Zica, a Dona Neuma. Quando alguém desse naipe sobe para o segundo andar, a gente sente muito", diz Noca, que viveu boa parte de sua juventude entre o Tuiuti e a Mangueira. "Conheci a Dona Neuma de perto. Fiz shows com Cartola, com Nelson Cavaquinho, fui muito amigo dessa gente toda", recorda o portelense.

"Eu estou me sentindo como se ela ainda estivesse aqui do meu lado. Sinto a força dela me incentivando a ir adiante. Vou desfilar por mim e por ela", promete a brava Dona Zica. ■

ANGELO J. PEROSA - SOLARES/1989







Tocando seu coração.

REDE NATIVA

O amor do Brasil

FM 96,5 - RJ FM 95,3 - SP

Não só pelo palavrão

No papel de amiga, meio-filha, adotada em nome do amor que essa comunidade me inspirou desde 1976, quando adentrei pela primeira vez o morro de Mangueira, peço a todos que não lembrem da Neuma apenas pelos palavrões que dizia. Neuma Gonçalves da Silva é muito maior que qualquer palavra...ou palavrão.

Nascida no ano do centenário da Independência do Brasil, 1922, no dia 8 de maio, filha do marceneiro Saturnino Gonçalves, moreno de olhos claros, fruto da união de mulata com alemão, a menina Neuma veio ao mundo “encapetada”, louca por carnaval, por aqueles blocos das tias, a voz solta que nem passarinho, voz de pastora, aguda, prontinha para fazer coro àqueles sambas versados dos primeiros anos da escola. Adolescente, cantou no rádio, respondendo prontamente ao diapasão do mestre Cartola, a quem respeitava como a um tio.

Neuma e as duas irmãs marcavam as datas importantes de suas vidas a partir do dia 28 de abril de 1928, aniversário de Cecília, um dia singular: o bolo ficara esperando sobre a mesa pelo pai que não voltara. Todo mundo dormiu triste. De madrugada, Saturnino chegou, acordando a mulher e as filhas e, dirigindo-se à aniversariante, comunicou: “– Minha filha, papai acaba de fundar uma escola de samba para vocês, a Estação Primeira de Mangueira. E papai é o presidente!” Ao que a espevitada Neuma retorquiu: “– Presidente do Brasil, papai?”

Os companheiros de “Satur” na empreitada da fundação da verde-e-rosa foram **Cartola, Zé Espinguela, Massu, Pedro Caim, Seu Euclides e Abelardo da Bolinha**, os sete arengueiros. Carlos Cachaca não foi à reunião e carregou o resto da vida a tristeza de não ser um deles. Os amigos afirmavam

que foi por causa de “rabicho”, Carlos fora visitar a amada, Maria Aída, e esqueceu a reunião. Mas ele próprio sempre afirmou que, naquela noite, estava de serviço no trabalho, na Rede Ferroviária, onde mais tarde se aposentou com o título de funcionário padrão. Seja qual for a verdade, onde já se viu malandro confessar e se comprometer em matéria amorosa?

Aos 13 anos, a partir da morte prematura do pai, em 1935, Neuma foi tomando consciência do papel de liderança a ser ocupado por ela na nação mangueirense, lugar que foi assumindo com unhas e dentes, literalmente arranhando e mordendo, em defesa do panteão verde e rosa, esperança e amor que sempre nortearam seus gestos. Mulher, pobre, negra, que importava? Ela era mais ela! Casou, teve três filhas e um filho. Com os palavrões aprendeu a defender-se, mostrar que era forte. Na verdade, uma “manteiga derretida”, que se comovia a toa, mãe extremosa, avó dedicada, madrinha de todas as crianças da Mangueira.

Ficou famoso o episódio em que Neuma, para provar a todos que as crianças do morro não eram diferentes das outras, que conseguiam ler, mesmo quando não ultrapassavam facilmente o período de alfabetização, colocou meia dúzia de meninos em torno da mesa de sua casa, diante de uma folha de papel preenchida por ela mesma com uma dezena de palavrões. Os meninos começaram a cutucar uns aos outros e a sorrir, “Tia Mema, isso aqui é nome feio!” e ela, vitoriosa: “– Estão vendo, essa cartilha que vocês usam é uma merda! Se der para eles lerem palavras do ambiente deles, eles vão aprender! Como é que esses meninos vão ler **IVO VIU A UVA**, se aqui ninguém come uva, porra? Tem que dizer **TIÃO VIU**

A **BANANA!** *Aí, eles entendem!*“ Sábia Neuma, sem saber antecipava os ensinamentos de Paulo Freire sobre a necessidade de contextualização do ensino básico.

Outra característica surpreendente dessa mulher tão desbocada era o puritanismo comportamental. Neuma ficou viúva ainda nov. “acudida”, como se dizia, mas sempre consciente da necessidade de exercer seu matriarcado, de “dar exemplo às filhas”. O único filho faleceu aos dezenove anos; Neuma jamais acolheu para si outro homem debaixo do teto. Manteve-se casta, como as mulheres de antigamente, que abriam mão do próprio prazer em prol da defesa dos valores de sua crença, como tantas mães-de-santo, Tia Fé, Tia Tomásia, de cujos terreiros quase sempre se originavam blocos carnavalescos – afinal, depois da reza, os tambores serviam para quê? Só que a motivação de Neuma não era religiosa. Era moral. E ela tinha um profundo orgulho desse comportamento. Durante quase toda a vida, “tia” Neuma verbalizou uma sexualidade que, voluntariamente, jamais exerceu.

Grande Neuma, você sabia que o título de Primeira Dama era seu, com um significado todo especial? Primeira Dama é a mulher do Presidente, e você nunca ganhou nada em função do casamento, só seus filhos. Nunca foi embaixatriz, mas “embaixadora”. Por necessidade, não deixou de exercer o papel de “homem da casa”, sem abandonar seu perfil de mulher, de matriarca. Aquela mão forte e suave que, ao mesmo tempo, pune e afaga, bate e abençoa. Por tudo isso, seria uma enorme levianidade lembrarem de você só por causa dos palavrões.

Neste dia 17 de julho de 2000, Neuma, você se

retira suavemente da quadra e parte para o andar de cima. Um dia frio e feio, sem samba, sem sol e sem cerveja, com essa chuvinha pingando o tempo todo lá do Corcovado, sem dúvida alguma, lágrimas do Cristo Redentor, com pena do Rio de Janeiro, por vê-lo privado de uma de suas filhas prediletas. Só que, por trás das nuvens que enfeiam o céu, o coro está comendo solto na batucada que Cartola, Carlos Cachça e Geraldo Pereira estão fazendo para você. Ao lado dos volteios do mestre-sala Massu e da porta-bandeira Neide, dança, Neuma, que na-

*Neuma nasceu
“encapetada”,
louca por
Carnaval, a voz
pronta para
fazer coro
aos sambas*

aquele miudinho de antigamente você não vai fazer vergonha nenhuma. Canta, Neuma, em coro com a velha Clementina, aquele samba dos verdes periquitos, com a antiga afinação que causava espanto ao maestro Villa-Lobos. Dá o tão necessário beijo no seu homem, ó mulher, um homem que, lá do alto, vivia tão orgulhoso da sua fidelidade. E depois descansa, minha velha, que você

cumpriu com dignidade a sua missão. Mas eu, que te conheço, sei que esse descanso não vai durar muito: daí mesmo, você vai querer tomar conta da Mangueira, da Chininha, da Ceci e da Gueza, dos netos, dos bisnetos e de todos nós, componentes do **Grêmio Recreativo Escola de Samba Apaixonados pela Neuma** que jamais vai poder desfilar na Sapucaí, pois não há cronometragem que agüente um contingente do tamanho do Brasil.

*(Rio de Janeiro, em 18/07/00,
pouco antes de sair para o enterro de
Neuma Gonçalves da Silva, para sempre
o maior baluarte da Mangueira)*

● **PRESIDENTE DO MUSEU DA IMAGEM E DO SOM**

Em grandes eventos o trabalho da Veritas é um show à parte.

Convenções e Lançamentos

Sonorização e Iluminação cênica

Festas populares

Telões, videowalls e equipamentos de vídeo

Eventos esportivos e culturais

Efeitos especiais

Solenidades de premiação

Cenários e Decorações

Inaugurações

Coberturas e Tendões

Congressos e Seminários

Superprojetores de slides

Para garantir o sucesso do seu evento, a Veritas reúne criatividade, eficiência, pontualidade e 20 anos de experiência. Com sede em São Paulo e filiais em Curitiba e Porto Alegre, a Veritas possui uma completa estrutura para a realização de todo tipo de evento. Fale conosco e supere suas expectativas.



Promoções e Eventos

São Paulo, (11) 3661.8199
Curitiba, (41) 252.2441
Porto Alegre, (51) 374.2337

Cartolina, lápis e palavrão

Ela morava lá para as bandas de Madureira e quando tinha seis anos, um mês após a fundação da escola de samba, se mudou para o pé do morro, foi ser vizinha de Cartola e outros mais.

Correu pelas vielas, subiu e desceu o morro, soltou pipa, brincou no Pendura Saia, Chalé, Buraco Quente, cantou, sambou e se tornou mulher.

Casou, teve filhos, netos e foi madrinha de batismo de setenta e três afilhados, fora os de crisma e casamento.

As portas da casa não se fechavam, sempre um entra e sai de pessoas que vinham chorar tristezas ou dividir alegrias.

Em um caldeirão era elaborada uma sopa que alimentava as crianças da favela, pois assim se chamavam os conglomerados humanos que hoje se diz comunidade carente.

Um dia naquela casa foi instalado um telefone possibilitando a chamada de ambulância –

anotações de recado era o único meio de comunicação urgente dos mangueirenses com o mundo do asfalto.

Ela não gostava de ouvir o falar errado, era contra a cegueira do analfabetismo, resolveu dar aulas, sem ser professora, conseguindo ensinar milhares de crianças, no correr dos anos, a ler e a escrever.

Desculpem-me intelectuais, educadores e pedagogos por restabelecer uma verdade histórica: antes, bem antes, do mestre Paulo Freire lançar o seu método de alfabetização Neuma, Dona Neuma, Tia Neuma, no morro da

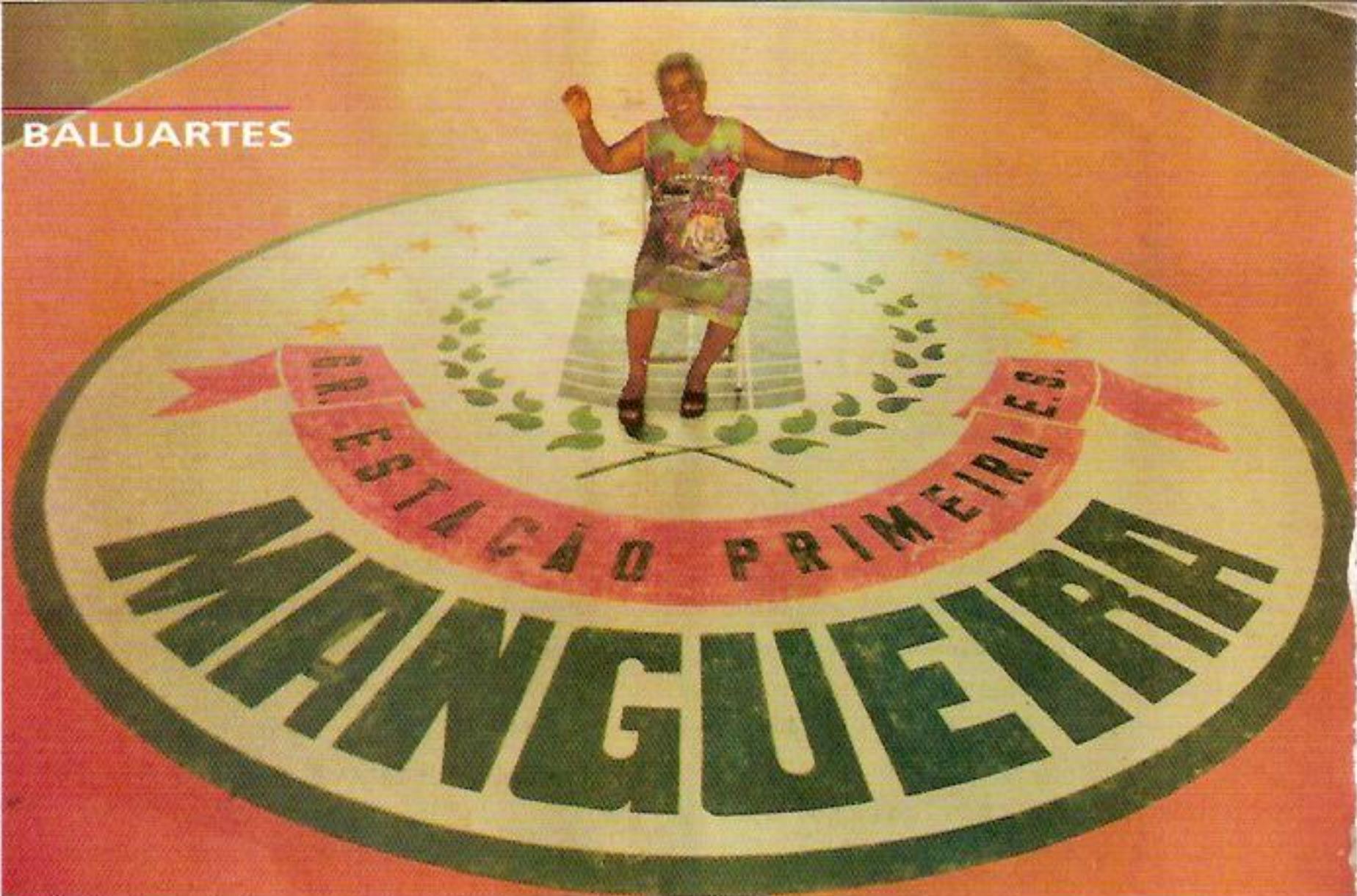
Mangueira, já alfabetizava, usando cartolina, lápis e palavrão.

“Mangueira mais uma vez na história”.

*Bem antes
do mestre
Paulo Freire,
Tia Neuma já
alfabetizava
no morro da
Mangueira*

• **ADVOGADO E MEMBRO DO
CONSELHO DE CARNAVAL DA MANGUEIRA**

BALUARTES



Dona Zica no Palácio do Samba onde comemorou, no início de fevereiro, seus 88 anos

Conselho de sábios

Lugar seguro. Suporte. Sustentáculo. É assim que o dicionário define baluarte. Mas, em Mangueira, é um pouco mais. É comprometer-se em ser a memória da septuagenária verde e rosa e garantir a tradição de uma escola que não pára de se modernizar, mas não se afasta das suas raízes.

Certos de que são eles que garantem os laços da verde e rosa

de hoje com a escola fundada em 28 de abril de 1928, o presidente Elmo José dos Santos, logo depois de eleger-se em 1995, reuniu os mais velhos integrantes da Estação Primeira e criou o Conselho Superior da Mangueira. O primeiro ato foi dar o título de Presidente de Honra da Escola a Carlos Cachaça. A intenção era criar um grupo de mangueirenses para acompanhar e orientar os

passos da diretoria. "Os presidentes entravam e faziam o que queriam. Agora, os baluartes participam das decisões da escola. Eles são os mestres que amam a Mangueira de paixão e, por isso, são seus guardiões", explica Elmo.

O conselho funciona como uma espécie de tribunal superior da Estação Primeira. Todos os assuntos importantes passam pelo crivo dos 22 baluartes que,

no carnaval, ganham destaque no carro de encerramento do desfile. Um exemplo foi a criação do quadro das mantenedoras da Mangueira. A diretoria propôs, mas quem deu o sinal verde foram eles.

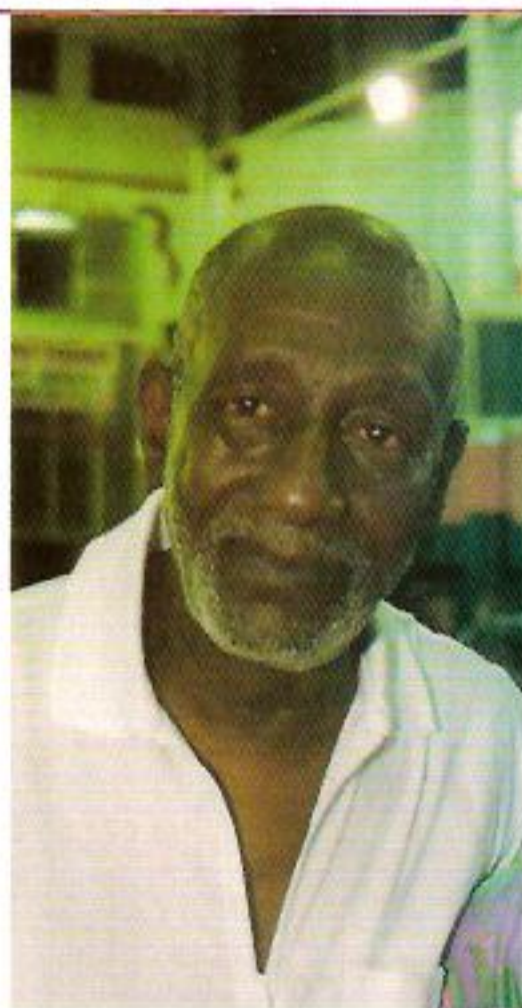
Dona Zica faz parte do conselho desde seu início. Ela conta que as reuniões acontecem de seis em seis meses e que nunca houve uma situação em que os baluartes e a diretoria se desentendessem. “Com esta diretoria está tudo de acordo. O presidente dá muito valor aos mais velhos”, diz.

A escolha dos baluartes segue um critério simples: tem que estar “acima do bem e do mal”. Além disso, é preciso ter mais de 70 anos e uma história de serviços prestados à escola”, diz Elmo.

A primeira formação, de 1996, tinha 17 baluartes. Mas

seis integrantes – entre eles Carlos Cachaça, dona Neuma e Tia Miúda – já morreram, para tristeza da nação mangueirense. Em Mangueira, quando morre um baluarte há uma reunião extraordinária para a escolha de um novo nome.

O conselho é um dos maiores orgulhos de Elmo. Ele conta que, quando chegou à presidência, a escola estava tão dividida que Dona Neuma estava afastada da verde e rosa. Não só ela. Mestre Xangô, a cantora Alcione, que criou a Mangueira do Amanhã, e a cantora Lecy Brandão também. “Quando consegui reunir todo mundo, me prometi que isso nunca mais aconteceria”, diz Elmo, ressaltando que os baluartes são um espelho para todas as crianças de Mangueira que um dia assumirão a escola. ■



Apesar da agenda de shows sempre cheia, Nelson Sargento é presença marcante no Conselho

Guardiões da verde e rosa

Amélia do Russo
Brogogério
Tia Cecéia
China do Surdo
Cristolina
Delegado
Ed Miranda Rosa
Tio Jair
Jamelão
Jorge Cambota
José Ramos
Meil
Mocinha
Nelson Sargento
Seu Oswaldo
Paulo Grande
Preto Rico
Raimundo de Castro
Roberto Paulino
Xangô
Zé Criolinho
Dona Zica



Zé Criolinho, mestre no surdo de marcação, gosta de afirmar: “tenho 80 anos de Mangueira”

PROCURANDO O **PARCEIRO IDEAL** PARA ACELERAR A SUA TRANSFORMAÇÃO
NO ELECTRONIC BUSINESS? **ACABA DE ENCONTRAR.**

Encontrar pessoas que mergulhem nos problemas da sua empresa até achar as melhores soluções. Encontrar pessoas que saibam selecionar e integrar melhor a tecnologia, que tenham uma visão global da sua empresa. Encontrar pessoas que dediquem tanto esforço à pós-venda quanto o que dedicaram durante a venda. Encontrar pessoas que não meçam tempo nem esforço para desenvolver uma solução. Encontrar pessoas que dediquem muito mais do que o mínimo necessário para resolver o seu problema. Encontrar pessoas que sejam tão loucas pelo seu trabalho quanto você é pela sua empresa. Se você achava impossível encontrar tudo isso em um só parceiro, estava enganado. Quando se trata do e-business, nenhuma empresa é tão completa quanto a Unisys. Um parceiro sério, dedicado, inovador, capaz de reunir todas as qualidades acima e mais uma: a de fazer a sua empresa ingressar no electronic business com a segurança e rapidez que só o Unisys e-@ction solutions pode oferecer.

www.unisys.com.br

UNISYS
Vivemos para isso.

Unisys é uma marca registrada e e-@ction é uma marca registrada da Unisys Corporation.



Estação bem Brasil

A sensação vem à mente, assalta a alma, quando lá embaixo a gente vê aquela gente de compromisso firmado com a alegria: se a Mangueira administrasse o Brasil, que beleza maior ainda seria o Brasil!

Bastam – no caso bastaram – duas visitas à quadra da primeiríssima estação para que dela a gente se torne cidadão mais que honorário, de cidadania permanente, com dedicação exclusiva naquelas artes que só se explicam pelos critérios do coração.

A militância mangueirense bonita e vigorosa, ativa, reverente, verde e rosa, mostra ali como se comporta uma nação que vive suas regras sem que lhe sejam impostas as normas. Com absoluta naturalidade sabe a quem deve reverenciar. É a obediência ao respeito, nada imposto, tudo ao longo da história conquistado.

Assim lá de cima, no panorama a partir dos camarotes, mesmo ao neófito é possível identificar a ordem em que as coisas acontecem ali. Ninguém diz como as coisas são, elas simplesmente são sempre como devem ser: primeiro aos que sabem, depois àqueles que o coletivo considera que podem. Nunca aos que apenas têm.

Mangueira não precisa inventar para funcionar, já nasceu de trato feito com a felicidade

E para quem duvidar, achar que o ordenamento que funciona à perfeição de via-láctea é visão que só se vê de cima, basta descer para conferir. E vista assim de baixo, assim mesmo é que Mangueira é a própria explicação.

O encadeamento é irretocável, sem surpresas: do velho locutor de palavras há 30 anos irrepreensivelmente repetidas, à posição da mesa das mães mangueirenses no canto direito de quem

entra, passando pelos gestos redondos e alternados dos braços firmes das poderosas baianas, com parada recreativa nos quadris das assistas siliconadas apenas pela natureza.

Bastam – no caso, bastaram – duas vezes para firmar a certeza de que, tal e qual o universo, Mangueira não precisa inventar para funcionar porque já nasceu de trato feito com a felicidade. É passar por ali e sair sem a mais pálida sombra de dúvida de que não é que vai dar certo: já deu.

É por isso que ao Brasil fariam bem, como receita de futuro promissor, doses industriais desse emocionante jeito mangueirense de ser.



PALÁCIO DO SAMBA

O coração da verde e rosa

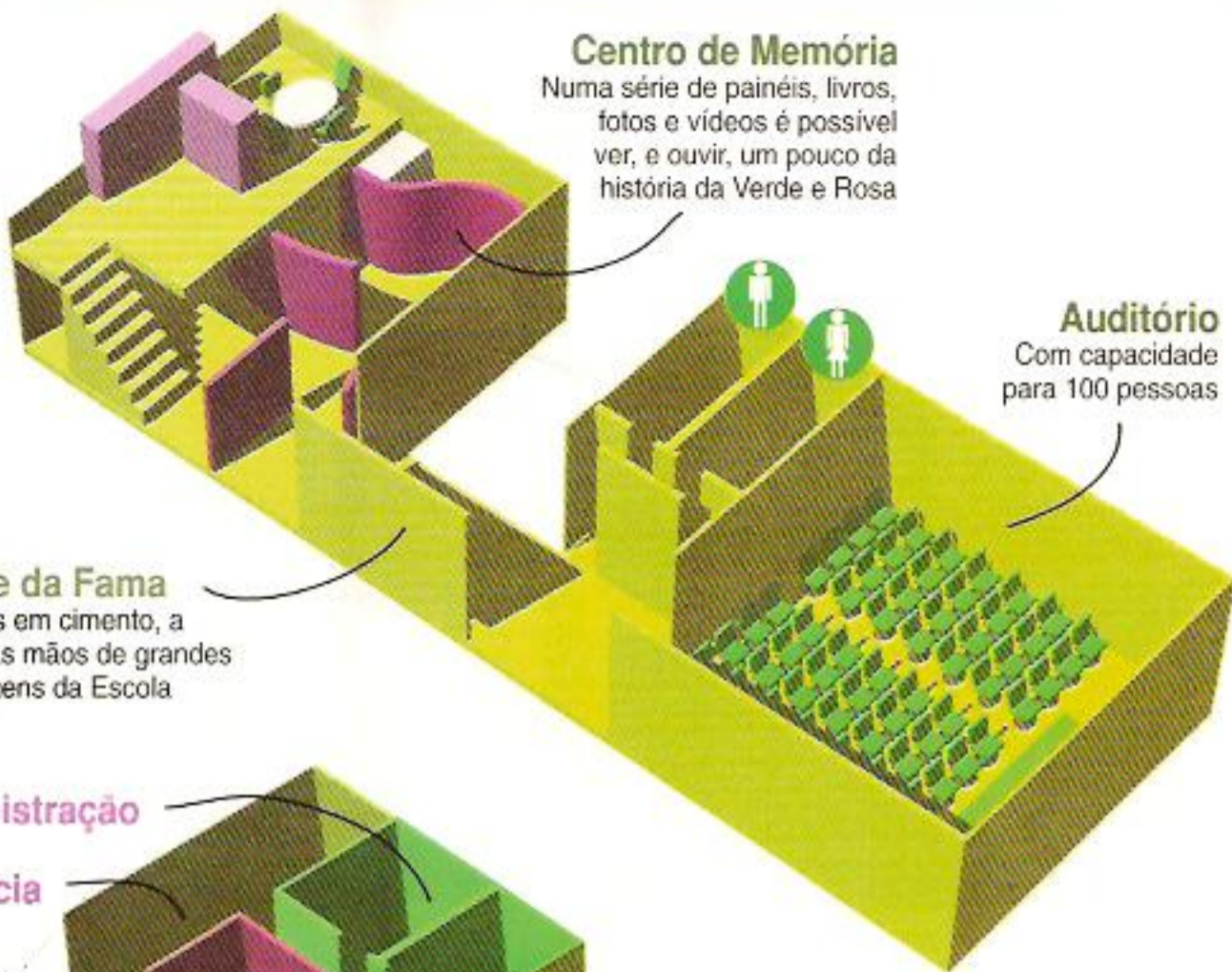
Nem mesmo quando os taróis e surdos se calam o Palácio do Samba descansa. A quadra, localizada no pé do Morro de Mangueira, na Rua Visconde de Niterói, em Mangueira, é referência na comunidade, que se orgulha de ter sido a primeira a dar uma sede para sua escola de samba. A história da quadra é também a do esforço de seus sambistas em fazer da Estação Primeira de Mangueira mais do que uma escola, uma nação.

O prédio do Palácio do Samba é imponente, como deve ser toda a sede de uma nação. Somente o térreo, onde fica a quadra, tem 2.700 metros quadrados. Tanto espaço até parece pouco nos dias de ensaio, de dezembro até o carnaval, quando a Mangueira recebe seis mil pessoas nos sábados, entre moradores do morro, cariocas de outras paragens e turistas de outros estados e países.

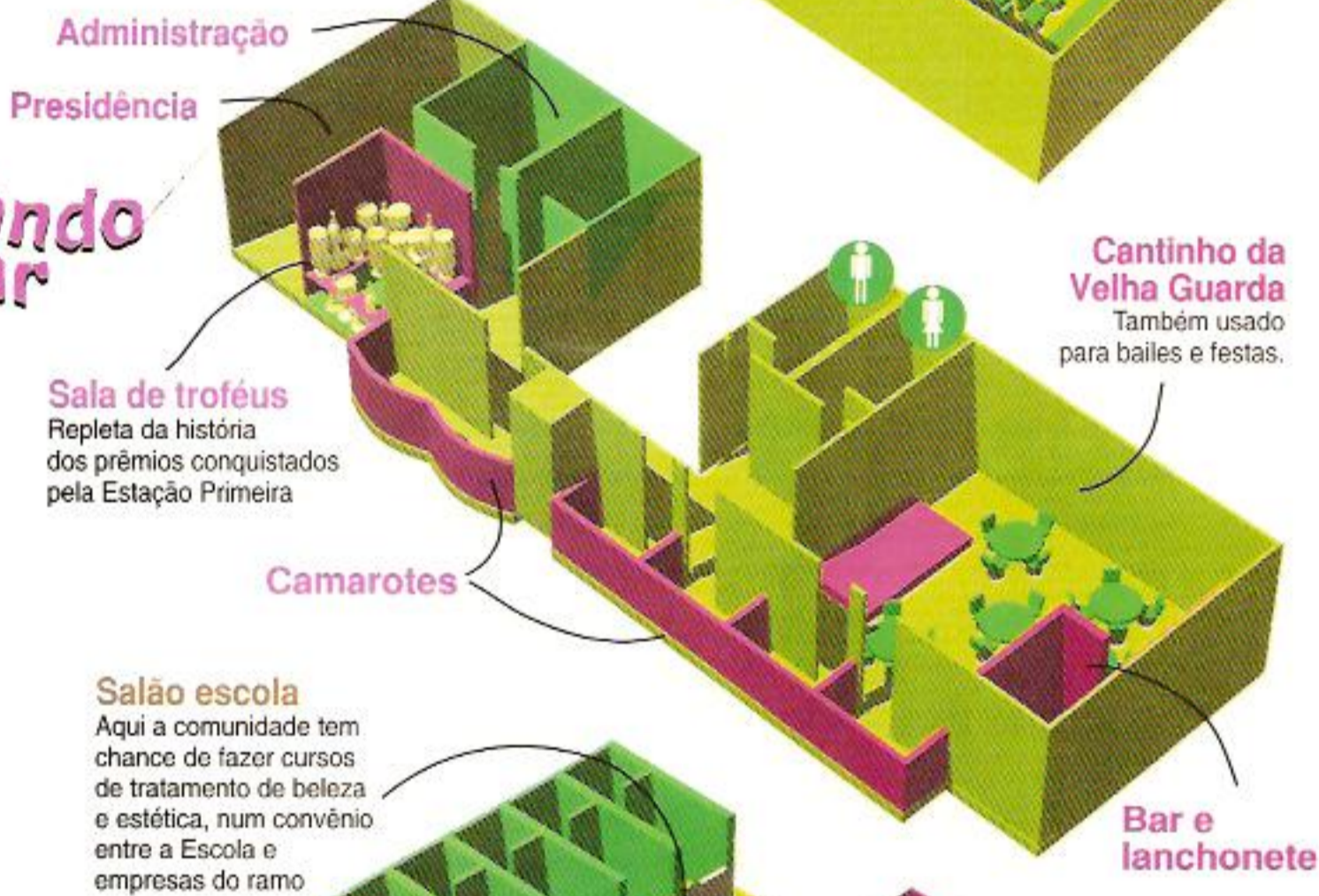
Conseguir uma quadra não foi fácil. Os mangueirenses sem-

pre desejaram sua sede. Com esse sonho na cabeça, um ano depois da fundação da escola, em 28 de abril de 1928, os sambistas foram ao então prefeito Pedro Ernesto pedir um lugar para ensaiar. Ele cedeu: deu uma casinha na Travessa Saião Lobato, no Buraco Quente, para abrigar a escola. Nos primeiros dias, lembra dona Zica, eram poucos no pequeno salão. À medida que o samba foi atraindo mais gente, os ensaios começaram a ser realizados fora da casa. A bateria ►

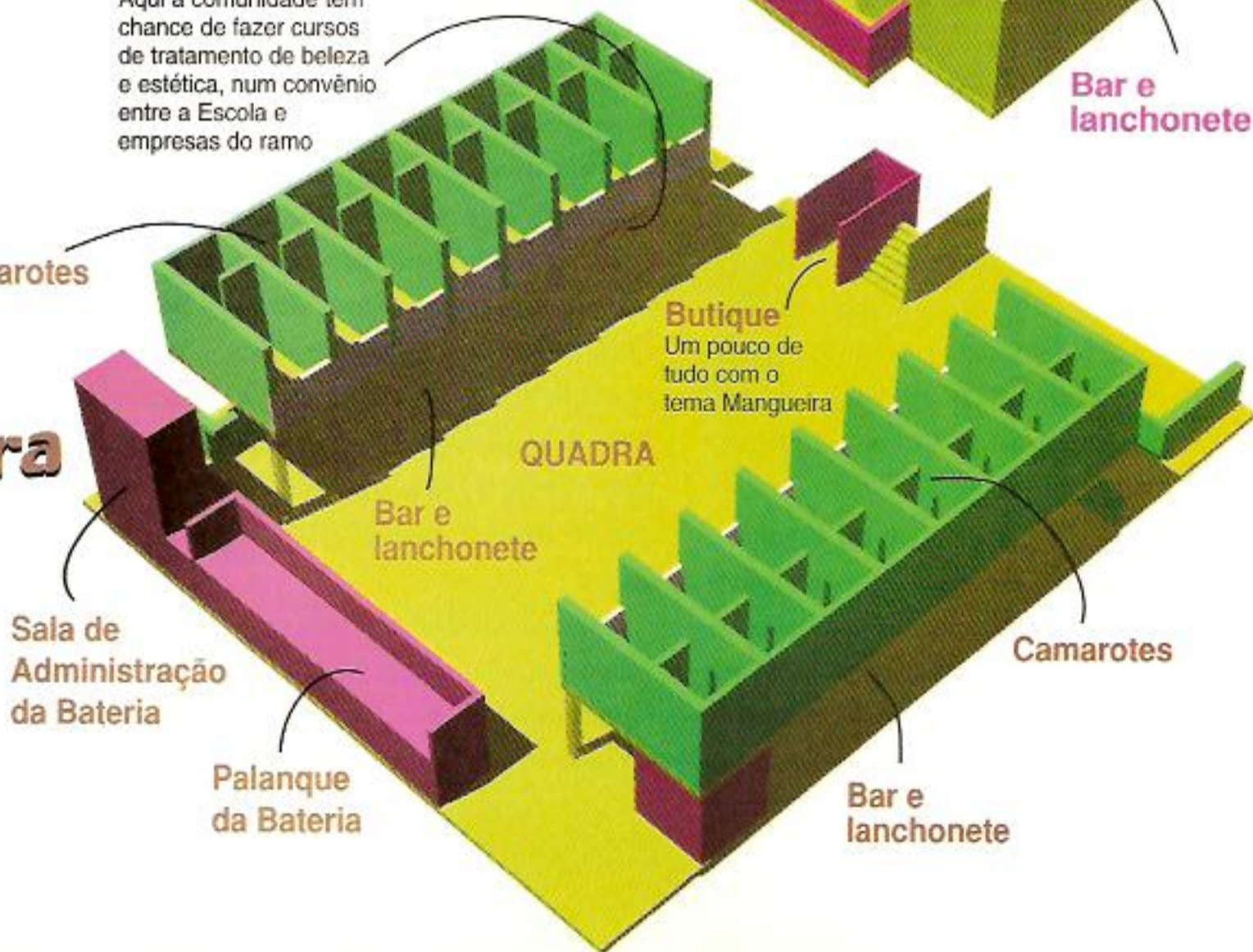
Terceiro andar



Segundo andar



Quadra





**Waldomiro
Tomé Pimenta
o mestre
dos
mestres**



**Homero José
dos Santos
mestre
Tinguinha
fundador
da
Ala da Bateria**



HONRA E GLÓRIA DA NAÇÃO MANGUEIRENSE



tocava ao relento e o povo sambava no quintal.

A primeira melhoria na quadra foi em 1959, quando o barracão foi ampliado e remodelado. Logo depois, os ensaios lotaram e foi preciso transferi-los para a quadra de basquete da Companhia de Cerâmica Brasileira. Somente em 1964 o sonho de uma sede à altura da história da Mangueira começou a se realizar.

Os sócios da escola fizeram até uma vaquinha para comprar em prestações um terreno na Rua Visconde de Niterói, que antes abrigava uma vila de casas, para construir a quadra. A obra só foi iniciada em 1971, quando a comunidade ganhou de presente do arquiteto Sabino Barroso um projeto.

Um ano depois foi erguida a quadra de ensaios e um pavimento para a administração. A cobertura da quadra foi um presente da Prefeitura do Rio, em meados dos anos 80. O terceiro

andar, construído sobre a entrada da quadra, e os camarotes vieram depois, já na administração de Elmo José dos Santos, iniciada em 1995.

A quadra deu dignidade aos sambistas. Eles passaram a ter um palanque para exibir a batida diferente de sua bateria e o talento de seus compositores. Um depósito atrás do palanque guarda os instrumentos da escola.

A ocupação total do segundo andar do Palácio do Samba nasceu de um projeto acalentado por Elmo. Aliás, uma de suas primeiras iniciativas foi construir uma sala para guardar os troféus da escola, na área destinada à diretoria. "Quando assumi, tinha troféu até no lixo. Fiz uma campanha para reunir todos eles e restaurá-los. O trabalho durou quatro meses", revela Elmo.

A sala dos troféus não é a única atração do Palácio do Samba quando a escola silencia os seus tambores. A quadra se

transforma em uma espécie de clube, com atividades em tempo integral. Quando o samba se cala, crianças e adolescentes entram em cena: invadem a quadra para estudar nas 33 oficinas profissionalizantes oferecidas pela Mangueira. "A idéia foi fazer da quadra uma enorme sala de aula", conta Elmo.

Todos os cantos do Palácio do Samba são aproveitados para as oficinas. No cantinho da Velha Guarda, no segundo andar, há aula de culinária. Na quadra, as escolinhas de mestre-sala, porta-bandeira, percussão e passistas. Nos camarotes, são realizadas outras oficinas. Nenhum espaço é desperdiçado. Na entrada da quadra foi instalado um salão de cabeleleiro, que à noite se transforma na sala de imprensa Sandro Moreira. "Como todos os serviços do salão são de graça, uma enorme fila é formada nas tardes de segunda e quarta-feiras, quando ele está funcionando", afirma o adminis-

trador da quadra, Mauro Domingos de Martins.

A tradição da escola também tem seu espaço no Palácio do Samba. No terceiro andar, o mais recente projeto da Mangueira: o centro de memória. O projeto não tem nenhum luxo, mas faz jus à história da Estação Primeira: cada biombo resgata um pedaço da história da verde e rosa e de algum de seus bambas, como Cartola e Carlos Cachça. Cada pequena obra, quando inaugurada, também se transforma em um cantinho de homenagem a um baluarte da Mangueira.

O palanque dos compositores foi batizado de Jamelão. No palanque da bateria, Waldomiro Tomé Pimenta, “o mestre dos mestres”, e mestre Tinguinha, o fundador da ala, dividem o espaço com Nossa Senhora da Conceição, São Jorge e São Sebastião – os santos protetores da verde e rosa. Os 15 camarotes são um altar em homenagem a gente simples como os compositores Mestre Babaú e Padeirinho, e Tia Raimunda, a primeira porta-bandeira da Mangueira.

Valorizar cada espaço do Palácio do Samba era o objetivo de Elmo. Ele lembra que, logo que se elegeu, a cantora Alcione, que presidia a Mangueira do Amanhã, o procurou para pedir pincéis e tinta para o Departamento Feminino. Terminou

surpreendido pela iniciativa das mulheres: “Quando vi, elas estavam pintando o muro da escola. Aí pensei: a quadra vai voltar a ser o Palácio do Samba”.

A ajuda da BR Distribuidora foi fundamental para o início da reforma da quadra. A Fundação Roberto Marinho financiou a criação do Centro de Memória. “Tudo foi possível porque a diretoria da escola incorporou o per-



A quadra fica lotada em dia de ensaio no Palácio do Samba

fil de seu comandante e as pessoas começaram a frequentar a quadra com prazer depois da reforma. Esta não foi feita apenas no interior da quadra.” Agora, recebemos bem as pessoas. E há também segurança e estacionamento para todos”, diz Célia Regina Domingues, mulher de Elmo.

Quem vai à escola desfruta

de algum conforto. Há 150 mesas montadas na quadra, que conta ainda com 15 camarotes e 17 banheiros, entre femininos e masculinos. Um bar que vende comida, enquanto duas equipes de oito garçons nas laterais da quadra abastecem o pessoal de bebida. Que não é pouca. São vendidas por noite cerca de 2.400 latas de cerveja, 240 latas de refrigerante, caipirinhas, uís-

que e outras bebidas quentes. O pessoal também não dá descanso à cozinha. Saem por noite cerca de 60 quilos de batata frita, 160 quilos de frango a passarinho, 60 quilos de frango empanado e 200 bolinhos de bacalhau. Todo esse esforço em nome de uma noite de prazer no Palácio do Samba, que não poderia deixar de ser verde e rosa. ■



Bradesco



Depositos
Extratos
Outros Serviços



Bradesco Internet Banking, Fone Fácil Bradesco e BDN-Bradesco Dia e Noite. Com os Serviços de Conveniência Bradesco você realiza suas principais operações financeiras pelo computador, pelo telefone ou através da mais moderna rede de Auto-Atendimento do País e aproveita o carnaval sem perder o ritmo.



Serviços de
Conveniência Bradesco.
O seu Banco fácil,
extremamente fácil
também no carnaval.

Acesse nosso site: www.bradesco.com.br - Fone Fácil:
São Paulo (11) 3351-5511 - Rio de Janeiro (21) 555-0022
Belo Horizonte (31) 3249-0080 - Salvador (71) 319-0901



Bradesco
Colocando você sempre a frente.



“Dois corpos não podem ocupar o mesmo lugar no espaço ao mesmo tempo.”

Bobagem.



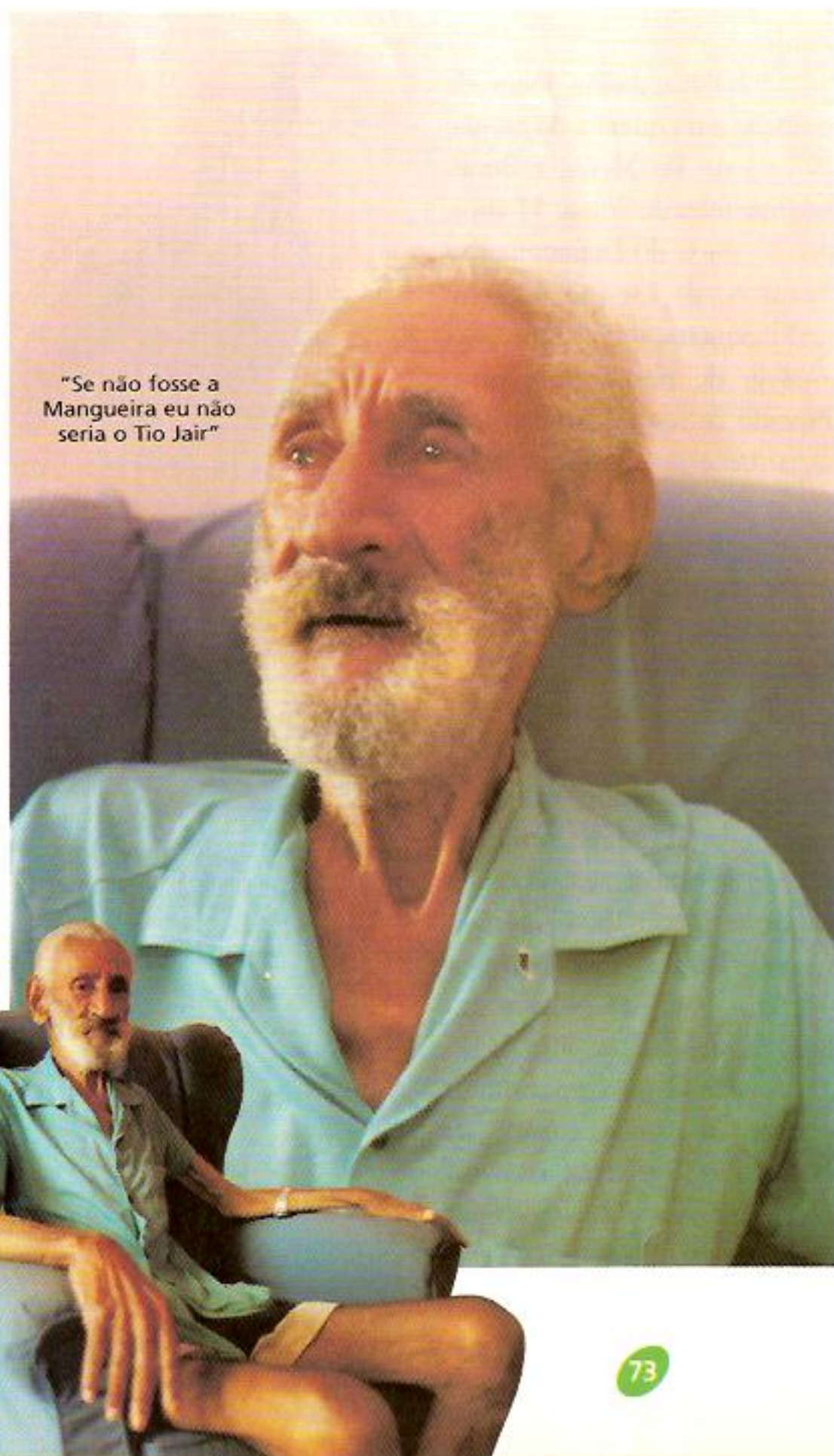
Linha OX Corpo.
Todas as variáveis da beleza.

- Emulsão cremosa para pele seca
- Creme para mãos e unhas
- Creme super-hidratante
- Creme de massagem para pés e pernas



Atendimento ao consumidor:
0800-121015
e-mail: ox@sol.com.br

O morro veste a camisa



"Se não fosse a Mangueira eu não seria o Tio Jair"

Nem mesmo Cartola, quando escolheu o verde e o rosa para colorir a bandeira da Estação Primeira de Mangueira poderia imaginar que esta incomum combinação iria ganhar o imaginário da gente do morro. Hoje, 73 anos depois da fundação da escola, as duas cores cobrem casas do morro e o corpo de muitos moradores. Não há beco em Mangueira em que não se veja uma casa verde ou rosa ou um pequeno detalhe para representar, em forma de aquarela, a escola fundada em 28 de abril de 1928 por um grupo de arengueiros.

Para mostrar o orgulho de ser mangueirense, o rosa é estampado em muitas paredes dos barracos simples. Há quem use o batente das portas para completar a aquarela. As cores de Mangueira, é bom lembrar, sempre foram um caso de amor. A escolha de Cartola foi uma homenagem ao pai, que saía no rancho Arrepiado, em Laranjeiras, cujo estandarte era verde e rosa.

Em casa de bamba as cores não bastam. Emblemas da Mangueira e frases exaltando a escola avisam a quem passa pelo morro que ali mora um baluarte. Assim é nas casas de Tio Jair e de Mestre Delegado, que ficam frente a frente, na Olaria, uma das entradas do morro. "Se não fosse a Mangueira eu não seria o Tio Jair. Mas, como sou o Tio Jair, eu sou Mangueira". ►



A casa de Tia Mena, do Departamento Feminino da Escola, é um "portal" verde e rosa do morro

A reverência à Mangueira, pintada na fachada rosa da casa de Tio Jair, de 83 anos, não é a única homenagem que este mineiro de Bicas, que mora no Rio desde 1930, faz à escola de seu coração. "Minha casa é pintada de rosa como uma maneira de me identificar. É um motivo de orgulho", diz Tio Jair, que foi Vice-Presidente de Patrimônio da escola e há pouco tempo ganhou de presente da Mangueira a reforma de sua casa.

Na casa de Delegado, um enorme emblema da escola avisa a quem passa que ali mora Delegado, o lendário mestre-sa-

la da verde e rosa. Tio Jair e Delegado não são os únicos na nação mangueirense a incorporar as cores da Estação Primeira.

Crianças, adolescentes e adultos desfilam a toda a hora com roupas das cores verde e rosa pelas vielas do morro. Elas são a alma do morro até mesmo para quem passa ao largo do samba.

O hábito ganha força de tradição para quem é da escola. A casa de Tia Mena, a Esmeraldina Teles de Souza, 57 anos, que faz parte do Departamento Feminino da Estação Primeira de Mangueira, serve como uma espécie de portal do morro. Pintado de rosa, o barraco tem as portas e janelas pintadas de verde. Sua dona também não esquece as cores da Estação Primeira. Poucos minutos depois de acordar, Tia Mena já está vestida a "caráter".

"Pintei minha casa de rosa porque gosto da cor. Só não uso. Verde e rosa o ano todo enjoa", diz Tia Mena, sem perceber que estava vestindo uma camiseta rosa. "Ih, é mesmo. Quando fui me vestir, peguei a primeira blusa da pilha e calhou de ser rosa", explica.

A coincidência, no entanto, sempre tem grandes chances de se realizar. Tia Mena confessa ter duas gavetas cheias de roupas verdes e rosas, além de uma cai-

xa e um saco cheios de fantasias da escola. Quando vê o fotógrafo, pede sem cerimônia: "Deixa eu me arrumar e colocar o vestido da Mangueira".

O vestido da escola também é um motivo de orgulho para dona Zica, viúva de Cartola, que também veste o seu para receber a reportagem da



Conhecida pelas pedrinhas verde e rosa, a casa de Dona Djair é referência no Buraco Quente



O SENHOR É MEU
PASTOR E NADA ME
FALTARA

Revista da Mangueira. Um dos maiores símbolos da altivez da gente de Mangueira, dona Zica não esquece o amor pela escola e conta que tem uma coleção enorme de roupas e bijuterias de cores verde e rosa. "O figurinista que está fazendo minha fantasia me pediu a coleção emprestada. Ele quer aproveitar algumas coisas na minha roupa", conta.

Para mostrar o amor pelas cores da Estação Primeira vale qualquer esforço. Este foi o caso do pai da porta-bandeira Geovana, Orlando Pascoal Justo, que encravou na fachada de sua casa no Buraco Quente pedras

O VERDE E O ROSA
SÃO A ALMA
DO MORRO
ATÉ MESMO PARA
QUEM PASSA AO
LARGO DO SAMBA

verdes e rosas. Seu Orlando já faleceu, mas deixou para a família a *casa de pedrinhas verdes e rosas*, como é conhecida a residência de dona Djair da Silva Justo, de 62 anos, no Buraco Quente. "Ele deu um

duro danado, mas conseguiu botar as pedrinhas aí", conta dona Djair.

Ser mangueirense, no caso dos Justos, não foi um acidente geográfico. A primeira casa da família foi em Niterói e já era pintada de verde e rosa. "Nos mudamos para cá há 25 anos, mas, antes, a gente já era Mangueira", conta dona Djair, enquanto limpava o suor com uma toalhinha verde. Aliás, as toalhinhas verdes e rosas são comuns na mão da gente do morro. Como diz Tio Jair, usar verde e rosa não é simples coincidência. É a forma da gente de Mangueira se identificar. ■

Em casa de bambas como Delegado, as cores da escola fazem pano de fundo para o emblema da Mangueira

Nossa homenagem à Mangueira
que deslumbra o mundo com a
beleza e a alegria do seu
Carnaval e que transforma o
futuro das crianças com o belo
trabalho social desenvolvido
junto a sua comunidade.

**BABY
BRINK**

COISA DE CRIANÇA

Acalanto
ALEGRIA DE BRINCAR!

Brinquedos
Rosita

Obrigado, verde e rosa

Em certa ocasião, durante um bate-papo com ilustres mangueirenses, como Nelson Sargento, Alcione, Lecy Brandão e o presidente Elmo dos Santos, notei que todos tinham algum coisa em comum, um parente ou alguém que os encaminharam para essa paixão pela verde e rosa.

E eu? Não tive pai mangueirense, não nasci na comunidade e nem tive ninguém para contar a história da Mangueira. No meu caso, foi realmente identificação com tudo o que cerca a Estação Primeira. Desde os fundadores, passando pela tradição guerreira dos componentes, a inconfundível batida da marcação da bateria me deixava emocionado já nos desfiles na Presidente Vargas, quando burlava os seguranças, passava entre os tapumes e encontrava um lugar para me deliciar com o desfile da verde e rosa.

Não sou daqueles que apreciam as outras

escolas e não vêem suas belezas e tradições, como a querida Vila Rica de Copacabana, onde aprendi a conhecer o samba.

No meu caso, foi realmente identificação com tudo o que cerca a Estação Primeira.

Só que a "manga" é diferente. Desde os preparativos de seus componentes antes do desfile e do eterno Jamelão cantando "Mangueira teu cenário é uma beleza que a natureza criou".

Um dos momentos mais sublimes na Mangueira foi na estréia, no desfile principal, do meu filho Rodrigo. Isso encheu meus olhos de lágrimas. Naquele dia me orgulhei de ter passado ao meu filho o amor pela Estação Primeira de Mangueira e ele com seu gesto ter correspondido plenamente. São essas coisas que não se entende, só tenho a agradecer a Mangueira por existir.

Obrigado, verde e rosa.

• JOGADOR DE FUTEBOL E COMENTARISTA ESPORTIVO

Verde e rosa é uma combinação marcante. Na Avenida (dizer “na Sapucaia” parece muito sem graça) as fantasias brilham de um jeito diferente, mesmo que dispensem excesso de plumas e paetês. Na alta moda, estilistas como o francês Christian Lacroix inventam modelos luxuosos, em sedas e tafetás, misturando pink e verde-maçã. Mas as cores da Mangueira também empolgam a moda brasileira. Basta ver as coleções de verão e conferir a graça dos tops, as cápris de cós baixo e até os vestidos bordados e



brilhantes. Virou *chic* uma sandália de tirinhas verdes complementando uma saia rosa. Na versão masculina, misturam-se as cores em calças e camisas de corte quadrado, moderno.



Rosângela, passista durante 32 anos, há quatro anos sai de baiana. Além do samba, tem outra emoção: ver a recuperação dos pacientes da clínica de fisioterapia onde trabalha. Vestiu modelo enviesado da Agilitá, flor Lelé da Cuca e mule Mr. Cat (página ao lado)

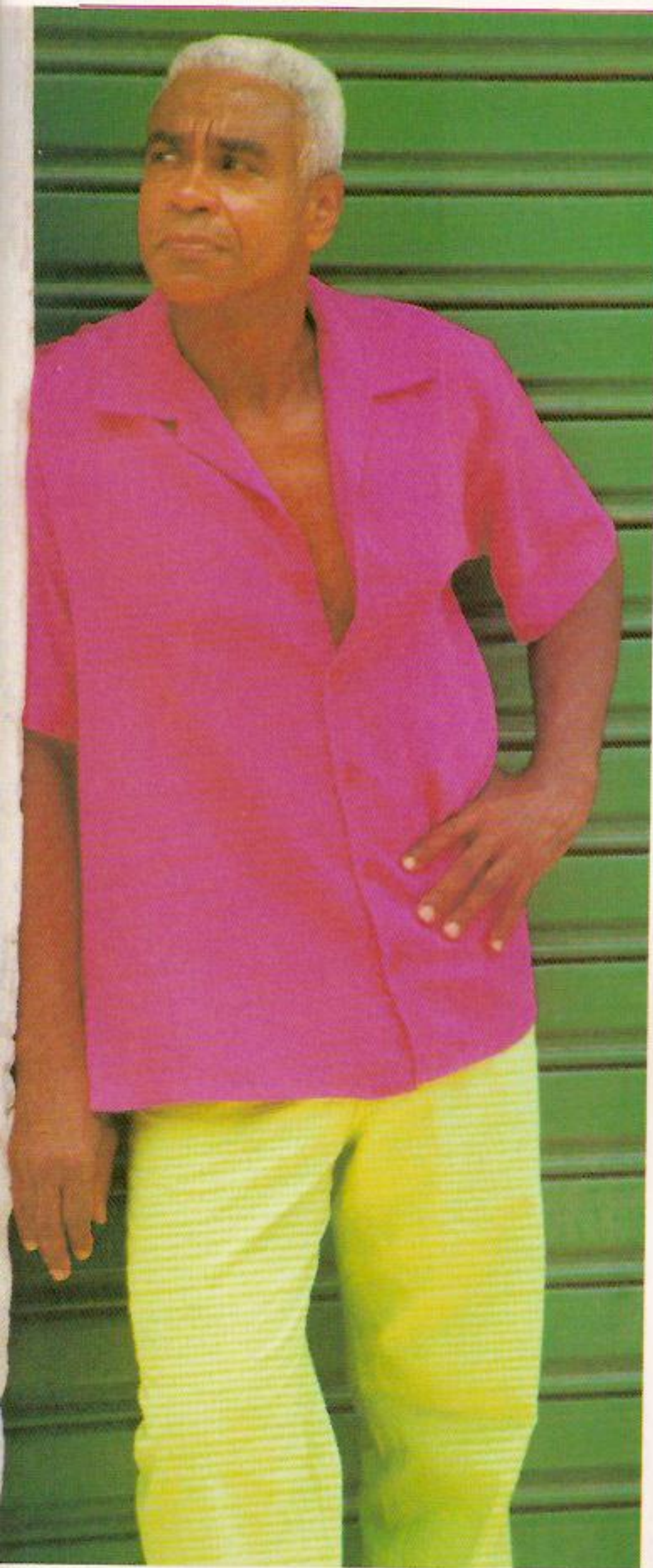
Chiquérrimo!

Fernanda, formada no Camp Mangueira, de cápri Hering, frente-única Ellus, lenço tipo bandana Bijou Box, sandália Melissa e óculos Fiszpan



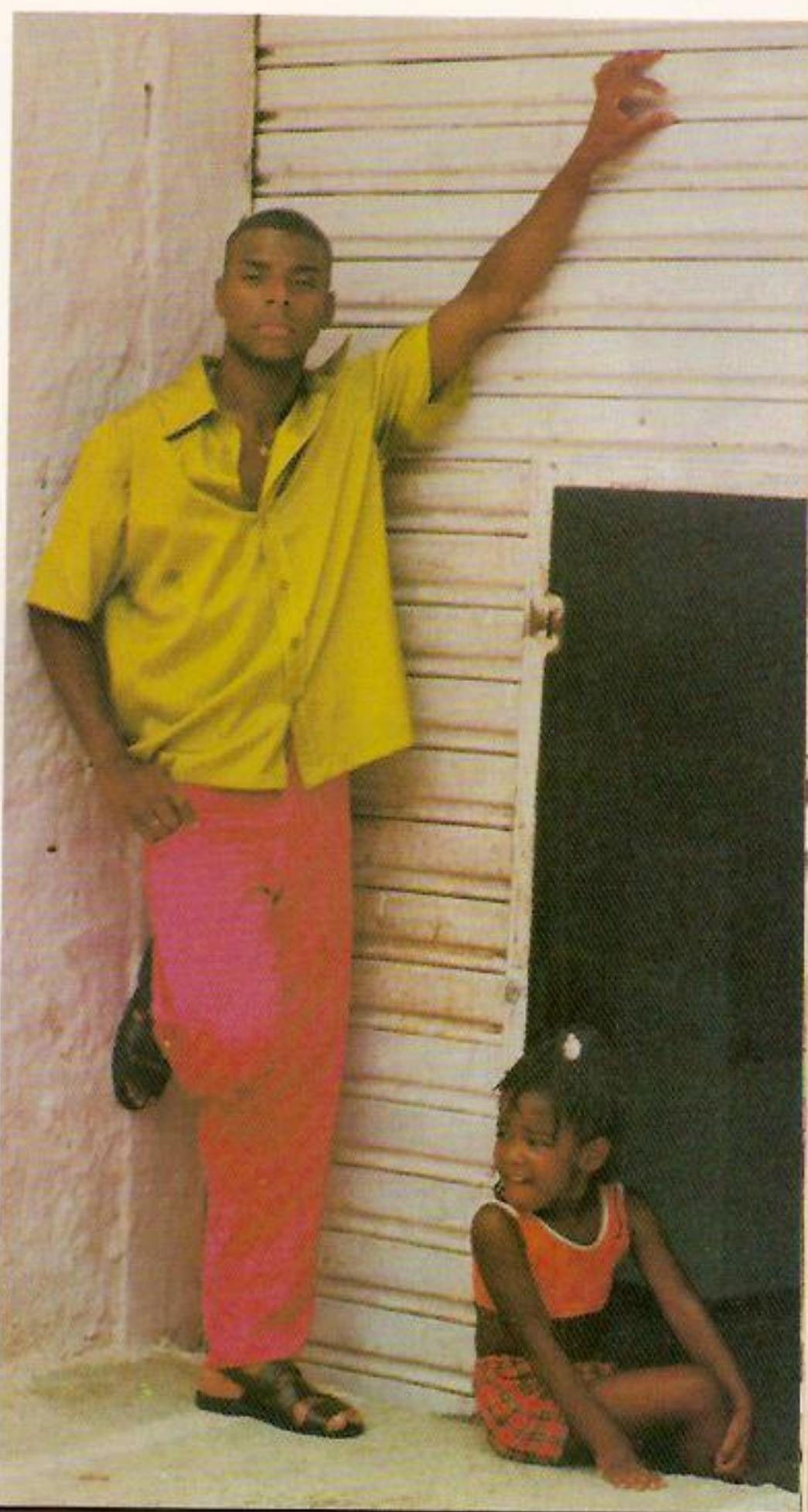
Elaine, segunda porta-bandeira, uma atitude perfeita no conjunto de saia e top de paetês da Cavendish. Pulseiras da Bijou Box





Paulo Ramos, vice-presidente cultural da Mangueira, presidente da ala Ala Moana, há 20 anos está na harmonia da Escola. Tem experiência em moda, porque já fotografou com roupas do japonês Yohji Yamamoto. Aqui, usa calça de crepom de algodão e camisa de linho, da Complexo B

Antes de fotografar, o mestre-sala Birinha deu umas voltas pela quadra, para exibir a elegância da camisa de microfibra e a calça de cetim da Complexo B, etiqueta masculina de vanguarda. Depois, fez pose de modelo





Rose, que já viajou o mundo inteiro com a Mangueira, é passista, trabalha como secretária. Vestiu top Verty e saia bordada Chocolate, com sandália Mr. Cat. E tem muita sorte, porque fotografou ao lado de Delegado!



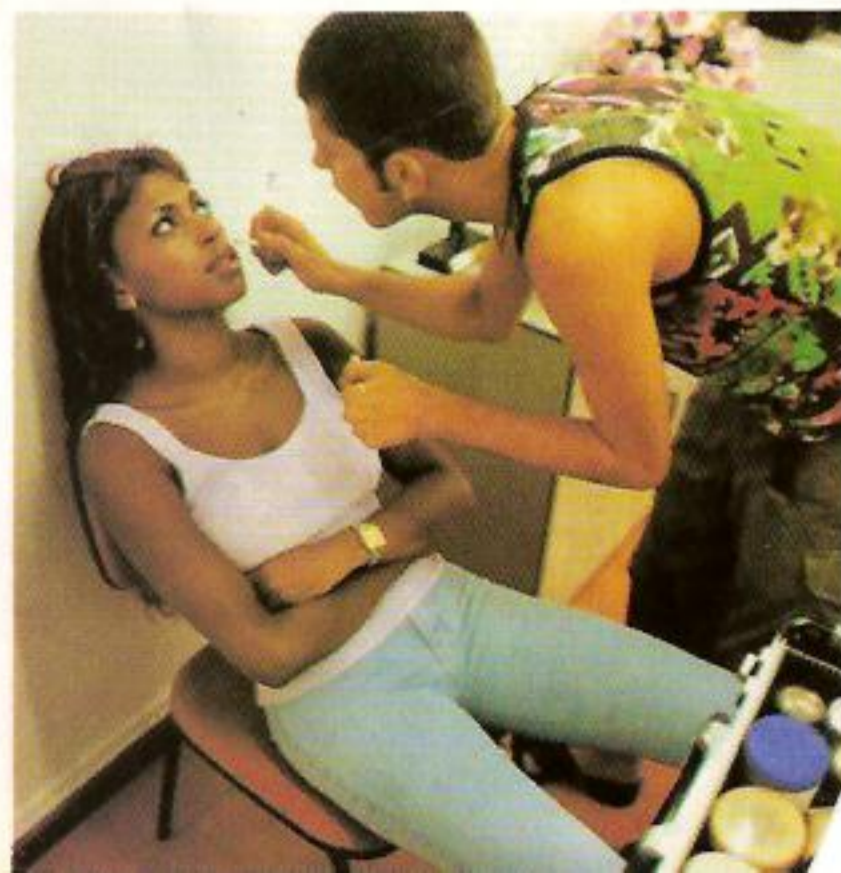
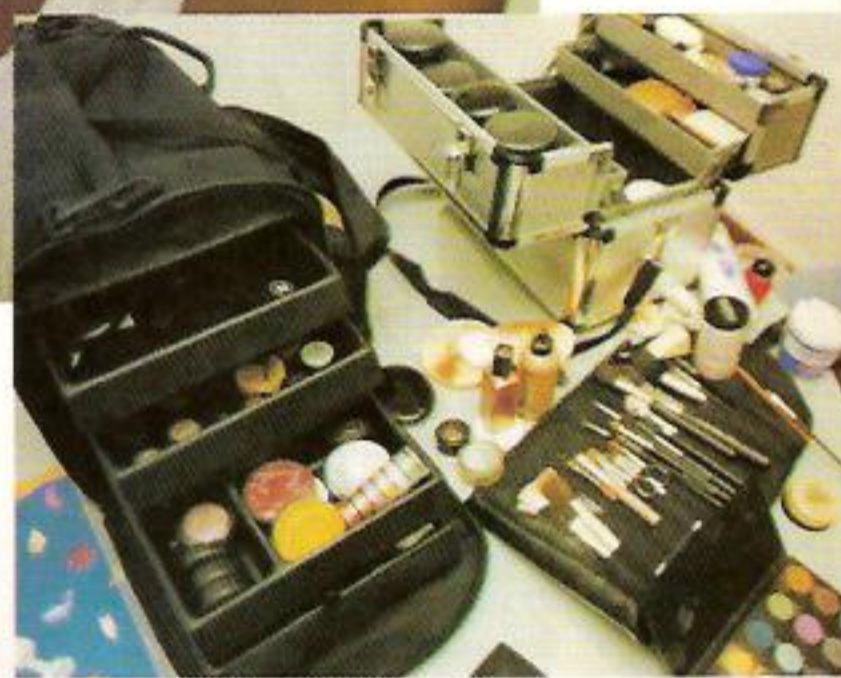
Elegância verde e rosa

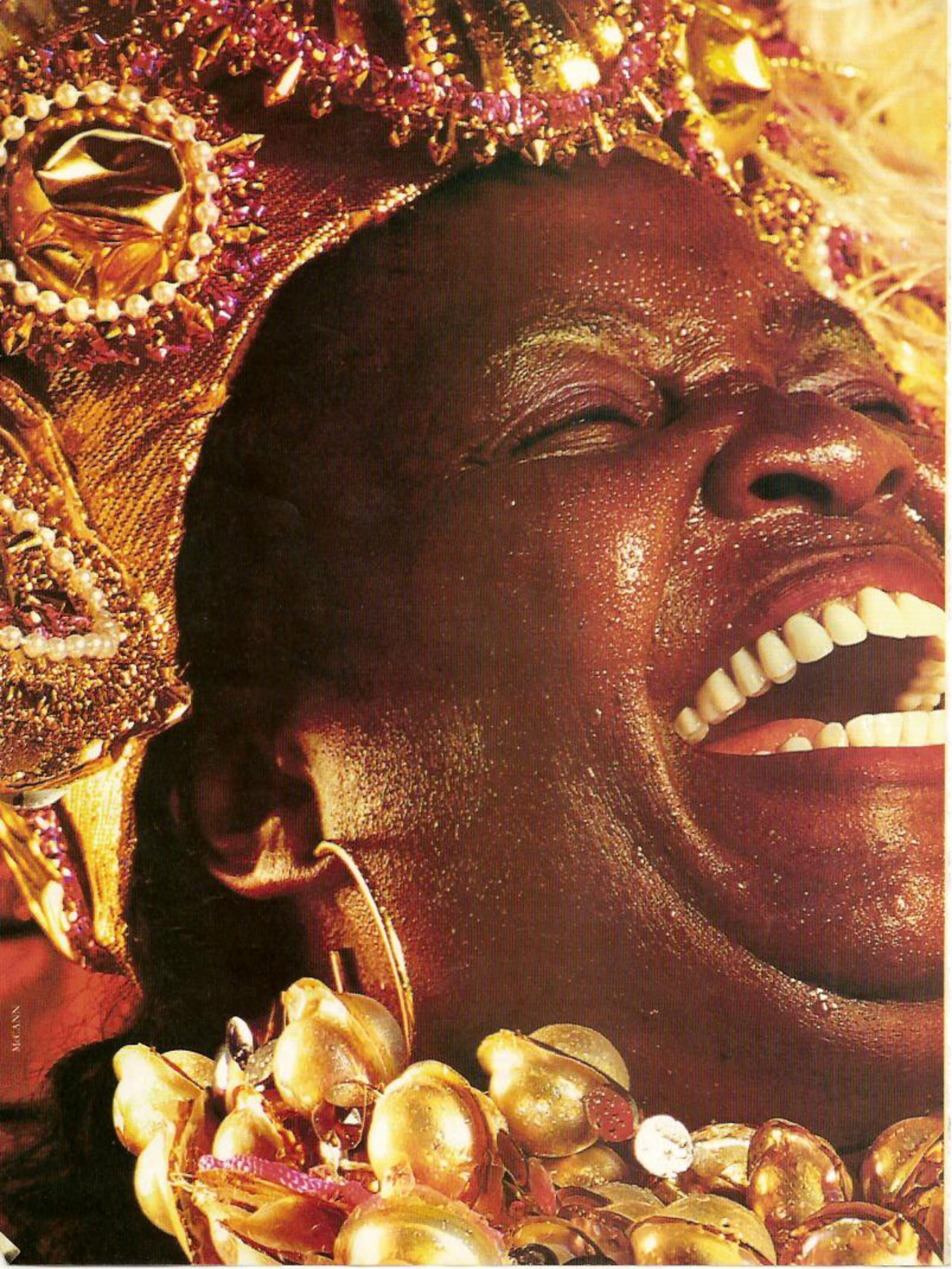


Montar uma produção externa – isto é, fora do estúdio –, é sempre confuso. Nem imaginávamos, eu e a Rita Moreno, que estas fotos, em plena Mangueira, tivessem uma infra-estrutura com espaço para organizar as roupas e acessórios. Melhor: com ar condicionado! Ainda não conhecíamos o elenco, foi outra surpresa. Difícil encontrar modelos tão divertidas como a Rosângela, que sai de baiana, é mãe da Rose e veste tamanho 40! Ela adorou tudo o que vestiu e calçou, mas delirou mesmo com o batom Chanel e quem não gosta de um bom cosmético?

E o Paulo Ramos, que podia fazer sucesso em qualquer passarela? Parece banal, mas pouca gente sabe parar em frente à máquina fotográfica, com a atitude do Birinha ou da Elaine. E ainda saímos da produção com a certeza de termos a sorte de contar com um personagem muito especial: Delegado, em pessoa, um elegante até quando sobe o morro, com uma sacolinha de supermercado na mão.

FOTOS: VANTOEN PEREIRA JR.
PRODUÇÃO: RITA MORENO E
MARIA DE JESUS RIBEIRO
BELEZA: CARLOS BATISTA DA
M2 RIO (505-7114)





Nossos médicos alertam:
carnaval é contagioso.

Na vida ou na avenida,
saúde é sempre
destaque. A Unimed
tem 3.400 médicos
à sua disposição
365 dias por ano.

Para garantir a você
a maior de todas
as alegrias: ter saúde.

Na hora de decidir
sua assistência
médica, pense nisso.

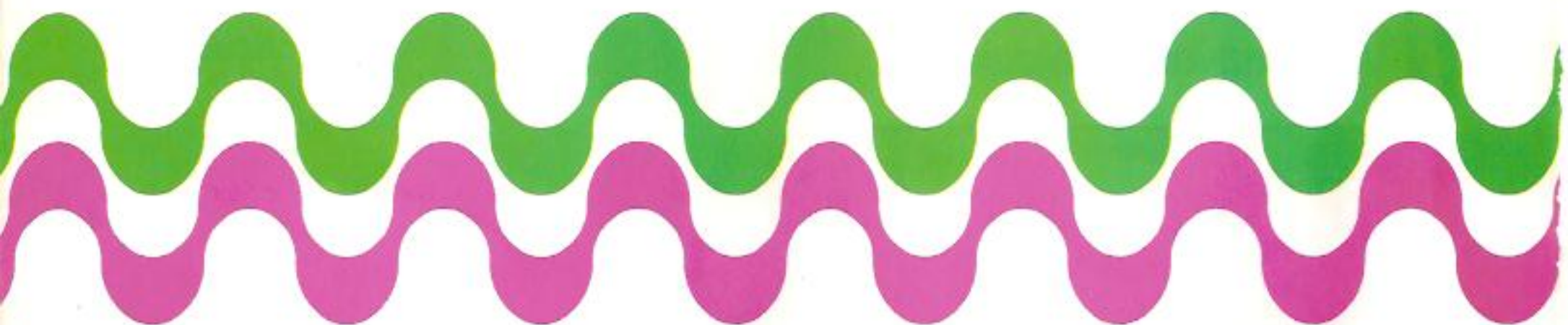
Escolha um plano
de saúde que está
com você em todos
os momentos da vida.



O PLANO DE SAÚDE OFICIAL
DO CARNAVAL CARIOCA.

Ligue 0800-25-5522 ou consulte seu corretor.

É assim que fica a nossa passarela



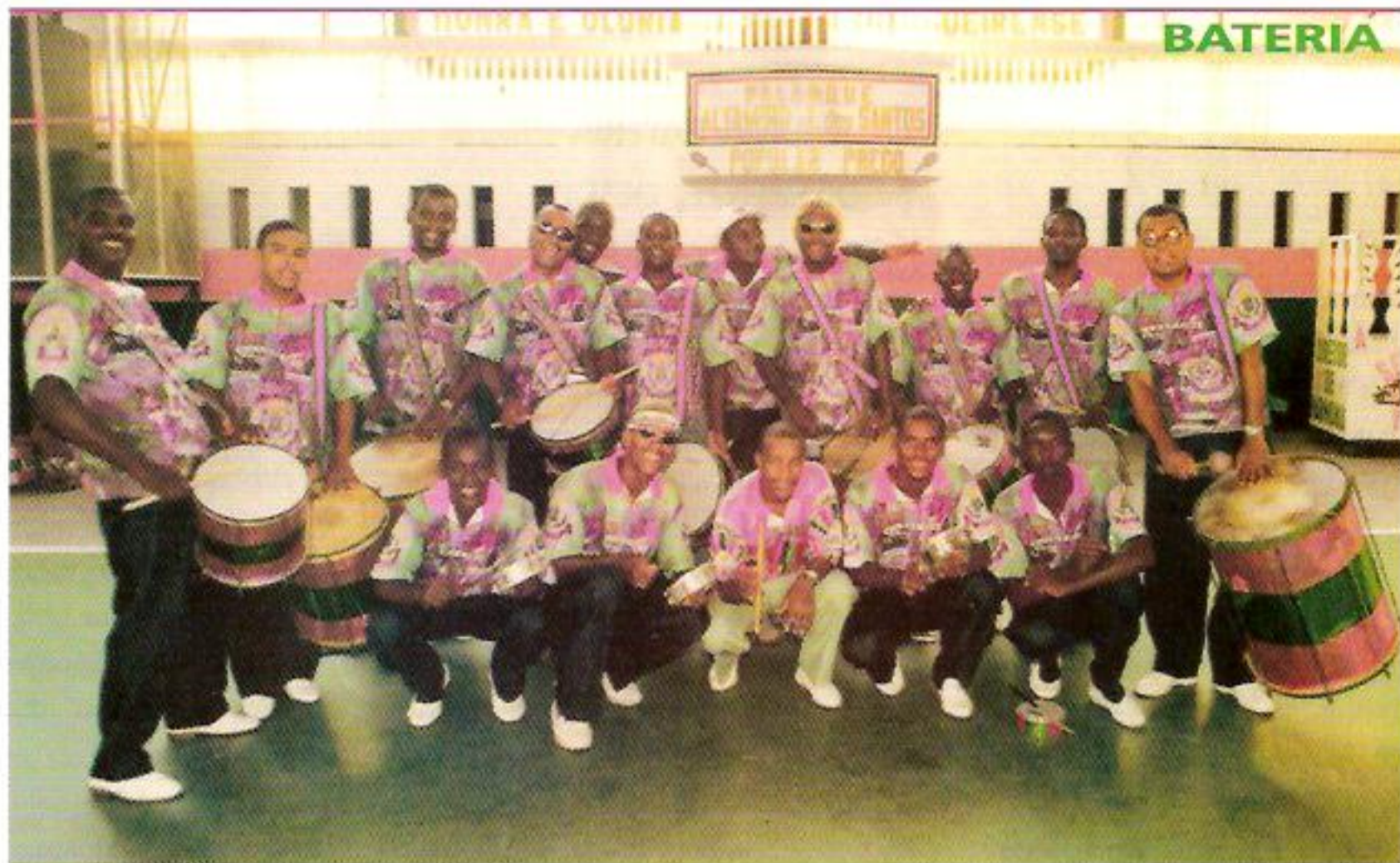
cada vez que passa o Bloco dos Arengueiros

O calçadão de Copacabana é a passarela do Bloco dos Arengueiros, um dos mais tradicionais representantes do carnaval de rua do

Rio de Janeiro e berço da Estação Primeira de Mangueira. Com o intuito de preservar esta tradição e estimular o turismo no Rio, os hotéis da orla se uniram

para homenagear o Bloco. Parabéns Arengueiros! Vocês colorem o calçadão de verde e rosa. E a gente se orgulha de apoiar esta festa.





É Única

O som da bateria da Mangueira é inconfundível. Enquanto as outras escolas usam surdo de marcação e surdo de resposta, a Estação Primeira utiliza apenas o de marcação, o que a torna diferente de todas as outras. Desde que a Mangueira é Mangueira é assim, diria um dos baluartes da escola. De Waldomiro, “o mestre dos mestres”, passando por Seu Tinguinha fundador da Ala da Bateria e pai do presidente da escola, Elmo dos Santos, até às atuais gerações de comandantes, a batida única do surdo é sagrada. Que o diga Gerson de Oliveira,

há seis anos presidente da Ala da Bateria: “não abrimos mão de nossa batida. Tudo muda, mas a batida da bateria vai ficar sempre, porque a escola jamais vai morrer”, afirma este mangueirense de 39 anos, nascido e criado em Mangueira, e que, junto com Bill, seu Vice-Presidente na Ala, mantém afinada a batida do samba da Estação Primeira.

Gerson transmite suas convicções, que aprendeu com os mais velhos, à meninada da Mangueira do Amanhã, onde tem sob sua orientação 118 crianças. Este ano, 40 ritmistas serão “promovidos” ao desfile

do Grupo Especial, que terá na bateria 300 componentes. Para ter direito a tal privilégio, no entanto, é necessário mostrar credenciais: “se não for bom aluno na escola, não tem fantasia para desfilar”, diz o exigente presidente.

É da bateria da garotada da escola mirim que vem a renovação do som mangueirense. A fonte é inesgotável. Todos nasceram na comunidade. É o caso do 1º diretor de Bateria, mestre Russo, morador do Faria, um dos morros que constituem o bairro de Mangueira: “eu comecei no Balanço da Mangueira, blo- ▶

É UMA BATERIA DIFERENTE, DESDE QUE A MANGUEIRA É MANGUEIRA.

co já extinto. Quem me ensinou a tocar foram os mestres Limão e Fernandinho. Depois, a Alcione me levou para o Mangueira do Amanhã, onde toquei caixa e me tornei 1º diretor de bateria”, conta, orgulhoso.

Daí para a bateria da Estação Primeira foi um pulo. Mas mestre Russo continuou ensinando aos mais jovens. “Eu gosto de dar laboratório para a garotada”, afirma. E assim foi até a morte de Alcir Explosão, há três anos, quando foi convidado a assumir o cargo de 1º diretor de bateria. No princípio relutou: “eu não queria, eu gostava de apitar lá atrás, no meio dos ritmistas”. Porém, a insistência foi grande, até o presidente Elmo pediu. E Russo cedeu.

Mestre Russo valoriza seus ritmistas. “São todos criados aqui, como eu. Para mim, eles são os melhores do mundo. Eu tenho ao meu dispor um material humano fantástico”, diz, com brilho nos olhos. É por isso que a secular batida única do surdo é valorizada pela garotada.

Mestre Russo fala com emoção do carnaval de 1998, quando a escola foi campeã com o enredo em homenagem a Chico Buarque. Sua filha mais nova nasceu no dia do desfile e ganhou o nome de Vitória, em homenagem ao campeonato

conquistado pela verde e rosa.

A nova geração segue à risca os preceitos deixados pelos fundadores. A bateria da Estação Primeira de Mangueira é a única no Rio que não aceita mulheres: “mestre Waldomiro nunca permitiu. Antes de morrer deixou isto escrito em ata”, declara um respeitoso Mestre Russo. “Tradição é tradição”, diz para encerrar o assunto.

Mestre Russo conta com mais cinco diretores que o auxiliam na tarefa de comandar a bateria. Wesley, Gaguinho e Marrom foram seus alunos do tempo de Mangueira do Amanhã. Os outros dois são Zé Campos e Taranta. A responsabilidade deles é enorme. Gerson, o presidente da Ala, reconhece: “a bateria é o coração da escola”.

O orgulho de desfilar na Sapucaí e ser integrante da bateria com a batida mais autêntica, no entanto, não sobe à cabeça dos componentes. “Tudo o que a bateria faz é para a escola. Nós somos soldados a serviço da Estação Primeira de Mangueira”, diz Gerson com convicção.

Mas não apenas da fama, da tradição e da garra de seus integrantes vive a bateria da verde e rosa. Mestre Russo promete surpresas para o desfile deste ano, que guarda a sete chaves. “É segredo de estado, não digo senão estraga”. É aguardar e torcer. ■



Russo e diretores de bateria. Da esquerda para a direita, Zé Campos, Russo, Gerson e Wesley

Parabéns
Mangueira
pela construção
do futuro
das nossas
crianças



Construtora Varca Scatena Ltda.

**Ouvimos você
"me dá um din
e atendemos a**



**cantando
heiro aí"
o seu pedido.**

Faça o que quiser no Carnaval,
o dinheiro a gente empresta.
Linhas de Crédito Banespa*,
com taxas e prazos especiais
para você.

banespa

* Crédito sujeito a aprovação

FULL PAGE

É Carnaval!

Confira aqui o que as escolas de samba do Grupo Especial vão apresentar na Marquês de Sapucaí, o horário e a ordem dos desfiles.

DOMINGO

21h - Paraíso do Tuiuti
22h05/22h20 - Tradição
23h10/23h40 - Un. da Tijuca
00h15/01h - Salgueiro
01h20/02h20 - Mocidade
02h25/03h40 - Portela
03h30/05h00 - Beija Flor

SEGUNDA-FEIRA

21h - Império Serrano
22h05/22h20 - Caprichosos
23h10/23h40 - Viradouro
00h15/01h - Imperatriz
01h20/02h20 - Mangueira
02h25/03h40 - União da Ilha
03h30/05h00 - Grande Rio

Paraíso do Tuiuti

amarelo e azul

ENREDO: Um mouro no Quilombo: isto a história registra

AUTOR: PAULO MENEZES

A escola vai contar a história de um mouro que vivia em Granada, na Espanha, e viaja em busca de Meca, mas encontra um destino bem diferente, o Brasil, mais precisamente o Quilombo de Palmares, em Alagoas.



Tradição

azul royal, azul turquesa, branco, ouro e prata

ENREDO: O homem do baú - hoje é domingo, é alegria.

Vamos sorrir e cantar
AUTORES: ORLANDO JUNIOR
E WAGNER JACOPETTI

Vai contar a história de Silvio Santos, o menino que nasceu na Lapa boêmia. Perpassa a sua história desde os tempos em que era camelô até o primeiro emprego como locutor.



Unidos da Tijuca

azul e amarelo

ENREDO: Tijuca com Nelson Rodrigues pelo buraco da fechadura
AUTOR: CHICO ESPINOZA

O escritor, jornalista e teatrólogo Nelson Rodrigues é o enredo da escola. Fala de sua trajetória nas redações, no teatro, cinema, no universo das crônicas e até mesmo no futebol.

Acadêmicos do Salgueiro

vermelho e branco

ENREDO: Salgueiro no mar de Xarayés, é Pantanal, é Carnaval

AUTORES: SÉRGIO MURILO GOMES E LUCIANO DE FREITAS

A história das nações indígenas vai ser contada pela escola através da civilização do Pantanal. O Pantanal, na visão do carnavalesco da escola, seria do Paraguai se os bravos índios não tivessem lutado pelo pedaço de terra.



Mocidade Independente de Padre Miguel

verde e branco

Enredo: Paz e Harmonia, Mocidade é alegria

AUTORES: RENATO LAGE E MÁRCIA LAIVA

A escola canta a paz, o bem e as escolhas pessoais que determinam a maneira de estar no mundo: anjos e demônios, as pessoas vivem o drama do encontro com Deus e com os bons sentimentos.



Portela

azul e branco

Enredo: Querer é poder

AUTOR: ALEXANDRE LOUZADA

Todos os poderes vão desfilar na escola: crença, imaginação, mente e outros. Aliás, a escola vai abusar do poder da imaginação para fazer o carnaval na avenida.

Beija Flor

azul e branco

ENREDO: A saga de Agotime - Maria Mineira Naê

Da saga de Agotime, rainha, feiticeira, que foi trazida da África para o Brasil em navio negreiro, a escola fez seu carnaval. A poderosa rainha Naê se liberta através de cultos afros.



Império Serrano

verde e branco

Enredo: O Rio corre para o mar

AUTORES: SYLVIO CUNHA, ACTIR GONÇALVES E ERNESTO NASCIMENTO

Vai tentar convencer, na Marquês de Sapucaí, que é a possibilidade de realizar um sonho que torna a vida interessante. Passeia seu enredo desde a abertura dos portos brasileiros às nações amigas.



Caprichosos de Pilares

azul e branco

Enredo: Goiás, um sonho de amor no coração do Brasil

AUTOR: JAIME CEZÁRIO

Baseado no amor entre um jovem sambista e uma bela e misteriosa mulher, nascida em Goiás. Ele faz uma verdadeira aventura pelo Brasil em busca da mulher amada, que some sem deixar rastro.

Unidos do Viradouro

vermelho e branco

ENREDO: Os sete pecados capitais

Os sete pecados desequilibram moralmente os homens. A escola vai apresentar o que acredita ser os sete vícios capitais: cobiça, soberba, luxúria, ira, inveja, preguiça e gula.



Imperatriz Leopoldinense

verde, branco e ouro

Enredo: Cana-caiana, cana roxa, cana fita, cana preta, amarela, Pernambuco. Quero vê descê o suco, na pancada do Ganzá

AUTORA: ROSA MAGALHÃES

A escola dedica a Carlos Cachaca o enredo que conta a história da aguardente, que era dada aos escravos para impedir que adoecessem, e do açúcar no Brasil.



Estação Primeira de Mangueira

verde e rosa

Enredo: A Seiva da Vida

AUTOR: MAX LOPES

De onde vem a vida é o questionamento que a escola vai levar para a Marquês de Sapucaí. O enredo começa na Fenícia e termina na Mangueira, a seiva da vida, que vai passar altiva, garbosa, fenícia, alegre e feliz.

União da Ilha do Governador

azul, branco e vermelho

ENREDO: A união faz a força com muita energia

Todas as energias – nuclear, eólica, solar – vão compor o mosaico do enredo que a escola vai desfilar.



Acadêmicos do Grande Rio

vermelho, verde e branco

Enredo: Gentileza X o Profeta do Povo
AUTOR: JOÃO SINHO TRINTA

A escola de Niterói traz como enredo Gentileza, o profeta que durante anos andou pelas ruas do Rio de Janeiro, levando a sua mensagem de paz.



Anjo, diabo e camisinha na terra do Carnaval

Carnaval sem campanha de prevenção à aids não é carnaval e mantendo a tradição o Ministério da Saúde lançou a campanha “acima do bem e do mal”. Os protagonistas são um anjo e um diabo e, claro, a velha e boa camisinha. No filme que está sendo veiculado nas principais emissoras de televisão um pacato cidadão percebe, em meio à folia, que uma garota está interessada nele. Começa então o dilema: falar ou não falar com a moça? Nisso um anjinho e um diabinho atormentam a consciência do rapaz. O anjo tenta convencê-lo a não ir, enquanto o capetinha tem

certeza de que a chance é única. Mas o inusitado acontece. Os dois – anjo e diabo – se unem quando descobrem que o rapaz está sem camisinha. Pronto, acaba-se o carnaval para o nosso “quase” galã.

“O objetivo da campanha é fazer com que as pessoas percebam o risco de contrair o HIV quando deixam de usar o preservativo”, afirma Paulo Teixeira, Coordenador Nacional de DST e Aids do Ministério da Saúde. Para o Coordenador Nacional a camisinha é ainda a melhor forma de prevenção à aids. “As pessoas costumam achar que só o relacionamento

extra-conjugal pode fazer com que um casal, por exemplo, contraia o vírus, mas se esquecem que o HIV demora cerca de 8 anos para se manifestar. Muitos relacionamentos são muito mais curtos que isso. O preservativo é fundamental, seja carnaval ou não”, alerta.

A campanha pretende alcançar as pessoas na faixa que vai dos 20 aos 45 anos, heterossexuais, de todas as classes sociais. Além do filme, que começou a ser veiculado no último dia 14, também foram preparados 10 milhões de leques, 1,5 milhão de cartazes e um “jingle” que já pode ser ouvido nas

NÃO IMPORTA DE QUE LADO **VOCÊ ESTÁ. USE CAMISINHA.**

Não importa o que você vai fazer neste Carnaval. O que importa é você ter pelo menos uma camisinha sempre à mão. Só ela protege você do vírus da aids.

CARNIVAL
Ninguém está livre do vírus. Nem você!

MINISTÉRIO DA SAÚDE **GOVERNO FEDERAL**
Trabalhamos em todo o Brasil

rádios. O custo da campanha é de cerca de 5,2 milhões de reais.

Em todo o País, existem cerca de 540 mil brasileiros infectados pelo HIV e outros 196 mil que já desenvolveram a doença. Homens e mulheres heterossexuais, principalmente os mais jovens, têm se mostrado a população mais vulnerável ao HIV. Entre as mulheres a doença cresceu nove vezes mais que entre os homens nos últimos quatro anos. Estudo sobre o comportamento sexual do brasileiro mostra que os jovens são os maiores usuários do preservativo, mas são eles também que têm o maior grau de exposição à

epidemia: 44% dos jovens usam camisinha em suas relações sexuais, mas 56% deles tem um alto grau de exposição ao vírus.

O uso do preservativo também varia muito dependendo do tipo de relação. O preservativo é adotado por cerca de 54% das pessoas solteiras, já entre os casados o uso cai para cerca de 13%. "A camisinha precisa ser adotada pelas pessoas. A população precisa reconhecer que todos, solteiros ou casados, homo ou heterossexuais, jovens ou adultos, estão expostos ao vírus se não usarem o preservativo", lembra Paulo Teixeira.

Camisinhas

Para reforçar as ações de prevenção no carnaval e estimular o uso do preservativo, o Ministério da Saúde resolveu dobrar a quantidade de preservativos a ser distribuída neste carnaval. Em todo o País serão distribuídas 22 milhões de camisinhas. No último carnaval foram distribuídos 10 milhões de preservativos. A disponibilização do insumo nos bailes e blocos de rua será feita por equipes das Secretarias Municipais e Estaduais de Saúde e Organizações Não-Governamentais que trabalham com HIV/Aids.

VOCÊ NÃO PRECISA ESTAR
SEMPRE DE MÃOS JUNTAS
PARA AGRADECER A DEUS.






PARA VOCÊ NÃO PASSAR CALOR NESTE CARNAVAL.



NESTE CARNAVAL, A TELEMAR PEDE PASSAGEM PARA FAZER TAMBÉM O SEU DESFILE DE REALIZAÇÕES.

Em dois anos e meio de trabalho, na sua área de atuação*, a Telemar apresenta alguns resultados que merecem ser destaque. • Hoje, já são mais de 395 mil telefones públicos instalados. • Mais de 1 milhão de km de fibras ópticas colocadas. • Mais de 12 milhões de linhas telefônicas instaladas. Para realizar tudo isso, a Telemar investiu mais de 5 bilhões de reais. E ainda há muito por fazer. Telemar. Soluções para você.  **TELEMAR**
Soluções para você www.telemar.com.br